

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E  
TERRITORIALIDADES

LILIAN MICHELLI GIOVANELLI DA COSTA

#OcupaCairu: juventude e luta política a partir da ocupação de uma escola no subúrbio  
do Rio de Janeiro.

NITERÓI  
2017

LILIAN MICHELLI GIOVANELLI DA COSTA

#OcupaCairu: juventude e luta política a partir da ocupação de uma escola no subúrbio do Rio de Janeiro.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT) da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Lucia Enne

NITERÓI  
2017

LILIAN MICHELLI GIOVANELLI DA COSTA

#OcupaCairu: juventude e luta política a partir da ocupação de uma escola no subúrbio do Rio de Janeiro.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT) da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em 07 de março de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Lucia Enne – UFF (orientadora)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Facina – UFF

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lia Rocha – UERJ

---

Prof. Dr. Marildo Nercolini – UFF

---

À moçada que segue em frente e segura o rojão

## **Agradecimentos**

Eu começo pelo começo de tudo. Aqueles sem os quais nada faria sentido: minha mãe, meu pai, meu irmão. Ouro de mina. Amor infinito, imenso monólito.

Agradeço também à toda minha família em Curitiba e Porto Alegre, amor fundamental que me orbita imensamente.

Perfeição, eterno amor, que vai sempre fazer falta.

Aos amigos de sempre que dão tanto sentido a minha caminhada e são também fundamentais para minha vida: Maíra e Cris Marida (extensível ao Anderson e Pedrinho), pelo carinho com o qual me ajudaram na preparação para a seleção do mestrado e por todo amor; Thiago Saldanha, cunhado de todas as horas; Letícia e Rafael, para os quais todos os meus agradecimentos sempre serão poucos; Luciano e Patrícia (e Daniel!), estrelas em forma de gente; às flores do Jardim Secreto, pelos bons momentos de diversão e comilança; meus queridos amigos da pequena grande Rádio Democracia, parceiros de brincadeiras, carnavais e crises existenciais; às amigas Mirela, Renata, Tarciana e Maíza, amigas de “longe” sempre por perto. Ao Pinheiro (Piiiiimmm!) e ao Fernando, “longe” perto também. Amo todos vocês demais.

Aos novos amigos que o PPCULT trouxe para mim, em especial, Rodrigo Cotrim que vai comigo do drama profundo à comédia mais debochada em fração de segundos e que foi fundamental na minha caminhada nesse mestrado. Parceiro, amigo, confidente, presente da(s) vida(s)!

Ivanete, minha psicóloga, comigo nos terremotos e nas nuvens de algodão doce.

Claudinha, que chegou há pouco e deu aquele trato na casa enquanto eu só escrevia nos últimos meses.

À CAPES, pela importante bolsa de estudo.

À UFF, instituição da qual sempre me orgulharei.

Muitos agradecimentos ao PPCULT: professor Luiz Augusto; às meninas da Secretaria; colegas da minha turma (2015), parceiros de grandes temas; a todo corpo docente, em especial Rôssi Alves, Livia De Tommasi e Marina Frydberg (que neste momento, é Marina e Inês ao mesmo tempo), e todo corpo discente.

Agradecimento especial à Lidice Guerreiro e alunxs da ocupação do IEPIC.

Alunxs do curso Mídia e Culturas Juvenis, pela boa acolhida no meu primeiro estágio docente.

Agradeço também à Paulinha, minha colega de turma do PPCULT, ótima pesquisadora de um tema poderosíssimo, parceira de orientação, de estágio docente e de ENECULT.

E falando em ENECULT, agradecimento especial aos colegas do meu grupo de trabalho e seus comentários muito importantes para essa pesquisa. Agradeço também à querida Lídia, Fábio e Chopp que me acolheram em Salvador.

Breno e Tayna, que participaram dessa pesquisa antes dela ser o que era. Obrigada pela atenção!

É preciso agradecer também às coisas ordinárias, mas fundamentais para que essa pesquisa acontecesse: às grandes corporações como Nestlé e Coca Cola por fornecerem todo açúcar e café que eu precisei para escrever; ao Santo Carrier, por inventar o ar condicionado e permitir que uma dissertação seja escrita no verão do Rio de Janeiro; ao Caetano Veloso e seu vídeo cantando Tieta, que vi tantas e tantas vezes para me animar; à todas as pessoas boas que alimentaram o YouTube com vídeos de ondas alpha e mantras, essenciais para minha concentração.

Aos Grandes que nos seguram nos momentos mais difíceis, entre eles: Raymond Williams, Michel de Certeau, Stuart Hall, Gilberto Gil, Clube da Esquina, Leminski, Maria Bethânia e Clarice Lispector.

À Adriana Facina, pelas preciosas contribuições na banca de qualificação e pelo tanto que nos inspira. Agradecimento especial também aos prezados colegas de turma da disciplina Marxismos e Leituras de mundo.

Lia Rocha, por trazer todo o brilho, a competência, a luta e a grandiosidade da UERJ para minha banca, predicados esses que nunca se apagarão, apesar de tudo.

Marildo Nercolini, orientador na graduação, um tipo raro de pessoa/professor fundamental para mim e para o mundo. Tê-lo comigo 8 anos depois da minha monografia é irremediável neon. Você é um dos responsáveis por eu fazer esse mestrado.

Ana Enne, professora, orientadora, encantadora de pessoas. Você faz a gente acreditar na educação, no futuro e na gente mesmo. Isso é mais do que ensinar, é amar... e isso muda o mundo. Foi uma honra ser orientada por você!

Ao Rafa, que palavra não dá conta de agradecer. Meu amor, meu parceiro de vida. E a toda família que agora também é minha e que me cobre de amor, especialmente Marta (flor em forma de sogra) e Wanda, vó carinhosa que faz o melhor bolo de laranja do mundo.

Ao Cairu e a todos com quem eu dividi a experiência na ocupação. Obrigada pela acolhida.

Agradeço, ainda, à Luz Maior, aos Guias Amigos e à Intelectualidade Divina.

E, por fim, um agradecimento especial à todas Eloizas e Anas Julias, e o tanto de tudo que elas representam.

“Temos que enfatizar não a escada, mas o caminho comum, pois a ignorância de qualquer ser humano me diminui, e a habilitação de todo ser humano é um ganho comum de horizontes.” (Raymond Williams)

Combater o pessimismo da razão com o otimismo da vontade. (Antonio Gramsci)

## **Resumo**

Esta pesquisa reflete sobre a relação entre juventude e luta política nos dias atuais a partir da ocupação feita, no primeiro semestre de 2016, por alunos secundaristas de uma escola pública do subúrbio do Rio de Janeiro, o Colégio Estadual Visconde de Cairu. O trabalho tem como ponto de partida o resgate da construção da ideia de juventude por diferentes autores brasileiros e aborda algumas trajetórias de mobilização onde o jovem é protagonista, sem perder de vista as categorias espanto, esperança e alienação que recaem sobre ele. A reflexão é feita levando em consideração, também, a questão do território (a periferia) como um importante elemento desse contexto. O debate é amplificado pela análise da juventude em diálogo com os temas neoliberalismo, educação, cidades, comunicação na era digital e crise de representação e credibilidades. A pesquisa reforça a necessidade de pensar juventudes no plural e de novas leituras – não rotuladas - sobre a relação dos jovens da periferia com o fazer político.

Palavras-chave: juventude da periferia; luta política; ocupação das escolas; secundaristas



## **Abstract**

This research reflects on the relationship between youth and political struggle at present, from the school occupation held in the first half of 2016 by high school students of a public school in the suburb of Rio de Janeiro, Visconde de Cairu State School. The starting point lies in redeeming the construction of the idea of youth by different Brazilian authors and it approaches some mobilization tracks where the young person has the leading role, without losing sight of the categories of fear, hope and alienation that fall upon him. Reflection is done by also taking into account the question of the territory (the city outskirts) as an important element of this context. The debate is amplified by analyzing youth in dialogue with themes such as neoliberalism, education, cities, communication in the digital age and representation and credibility of crises. This research reinforces the need to think of youth as being plural and new readings - not labeled - about the relationship of young people from the city outskirts with political action.

**Keywords:** young people from the city outskirts; Political struggle; Schools Profession; High school students

## Sumário

Introdução	11
Capítulo 1 - Recortes sobre juventude	16
1.1 Autores e juventudes: um breve panorama	20
1.2 Rua, juventude e apropriações	25
1.3 A "Revolta dos Pinguins"	32
1.4 O jovem na cena política brasileira a partir da luta estudantil	36
1.5 Outras articulações	39
1.6 Ocupações das escolas em São Paulo e no Rio de Janeiro	43
Capítulo 2 - A ocupação do Colégio Estadual Visconde de Cairu (#OcupaCairu)	47
2.1 O colégio e o subúrbio: território e novas vozes	47
2.2 Cairu nas suas dimensões espaciais e simbólicas	55
2.3 Antecedentes da ocupação e histórico de mobilizações	62
2.4 Parada #OcupaCairu: o dia-a-dia	65
2.5 O pós-ocupação	100
Capítulo 3 - Ocupando outras discussões: a ocupação do Cairu em diálogo com um contexto ampliado	108
3.1 Neoliberalismo, educação e cidades: e o jovem no meio disso tudo?	108
3.2 Juventude e mobilização em tempos de rede	118
3.3 Representação e credibilidades em cheque	128
Considerações finais	139
Referências bibliográficas	144

## **Introdução**

O tema desta pesquisa deriva de um curioso percurso pessoal. Começou na ideia de trabalhar os conceitos de cultura e territorialidade em uma importante via da cidade do Rio de Janeiro - Avenida Brasil – com o objetivo de explorar os sentidos e ressignificações que os habitantes do seu entorno fazem dela. Uma querença por olhar a parte “invisível” da maior avenida da cidade, artéria do tráfego carioca. Tema insólito que não se consolidou na prática por uma série de fatores. De forma um pouco misteriosa, a desistência da Avenida Brasil abriu caminhos para que eu me interessasse pelo assunto juventude. Vontade que brotou do documentário “Últimas Conversas”, último trabalho do cineasta Eduardo Coutinho com alunos do ensino médio da rede pública do Rio de Janeiro, e de algumas percepções próprias somadas às questões despertadas pela disciplina Teorias da Cultura, curso oferecido pela inspirada Ana Enne, no primeiro semestre de 2015 no PPCULT.

Como toda mestranda principiante querendo abraçar o mundo, desta vez o foco foi direcionado para a “simples” associação entre juventude, favela, ateísmo e cultura com o objetivo de investigar se os jovens ateus das favelas do Rio de Janeiro resistem à hegemonia das religiões utilizando a cultura como uma espécie de nova “fé”. A costura teórica, os complexos desdobramentos do projeto na prática e a dificuldade imensa de encontrar jovens com esse perfil mostraram que todo esse cruzamento de assuntos não caberia no tempo do mestrado, ainda que um Deus desapegado ajudasse um trabalho onde a existência dele é questionada. Um caminho à direita (à esquerda, na verdade) apareceu quando as ocupações nas escolas do Rio de Janeiro começaram, em março de 2016. Numa tentativa de localizar jovens ateus, a visita ao Colégio Estadual Visconde de Cairu fez brilhar no horizonte a associação poderosíssima entre juventude e resistência traduzida na ocupação feita pelos alunos. O percurso curiosamente havia chegado ao “fim”: finalmente um tema alinhado à minha leitura de mundo foi combinado com a possibilidade de ser trabalhado na prática.

Quando as mobilizações e ocupações dos secundaristas de São Paulo começaram, nos últimos meses de 2015, chamou minha atenção a coragem desses estudantes encarando a temida polícia do Governador Geraldo Alckmin. Até então eu só conhecia o termo ocupação pelas ações do MST e MTST. As ocupações nas escolas eram uma novidade pra mim, principalmente por serem tocadas por uma turma tão jovem, aparentemente (na minha primeira leitura) sem conexão com o tradicional

movimento estudantil mais clássico ligado às universidades. Quando Geraldo Alckmin decidiu adiar a reorganização das escolas, fiquei espantada com a força que os alunos tinham conseguido imprimir ao movimento. Chamou também minha atenção o apoio que algumas pessoas públicas começaram a dar para as ocupações e pensei que o movimento estava começando a ganhar mais e mais projeção. E lembro de no fim de 2015 postar alguma coisa na minha página do Facebook sobre o quanto o movimento dos secundaristas de São Paulo era a boa notícia de fim de ano que a gente teve. E é engraçado porque a notícia era boa para eles, mas a gente (os “adultos”) estava se incluindo nisso. Também mencionei as ocupações no meu artigo final (ainda sobre juventude, favela e ateísmo) para a disciplina da Ana Enne, num exemplo de como a juventude está fazendo usos cada vez mais refinados da mídia (via as redes sociais), sem saber que alguns meses depois faria desse assunto (as ocupações) meu objeto de pesquisa.

Como já mencionei, nos primeiros meses de 2016 (janeiro, fevereiro e março) eu comecei meu campo para a pesquisa entre juventude e ateísmo e tive muita dificuldade para encontrar jovens que estivessem no perfil que eu precisava. Quando eram ateus, não eram moradores da favela. Quando eram da favela, não eram ateus. Nem mesmo colegas já habituados a trabalhos com juventude nesses territórios conseguiram me indicar pessoas. O cruzamento entre a condição religiosa e o território foi mais difícil do que eu havia planejado e para o prazo que eu tinha. Nesse meio tempo (precisamente em março de 2016), começaram as ocupações nas escolas do Rio. Também comecei a acompanhar as matérias pela internet e percebi que um dos principais colégios integrantes do movimento, o Visconde de Cairu, estava muito perto de mim (bairros vizinhos, cerca de 20 minutos entre a minha casa e o colégio). Fui até lá logo nos primeiros dias para ajudar no que fosse possível, propor atividades e para tentar encontrar jovens com o perfil que eu procurava. Ser recebida pelos alunos, passar pela comissão de segurança e pelo cartaz com as reivindicações deles, observar a enorme estrutura e abandono do colégio e presenciar toda aquela mobilização foi uma experiência avassaladora. Se Deus não tinha facilitado para mim o encontro com jovens ateus, o encontro com os ocupas foi uma feliz providência do acaso. No meu segundo dia na ocupação, já comecei a tratar o tema com olhos de pesquisa. Era poderoso demais o que estava acontecendo ali: jovens da periferia de uma escola pública lutando pelo seu direito a ter uma escola digna.

Comecei a escrever para a qualificação em abril de 2016 e de cara lidei com o ônus e o bônus de trabalhar com um tema inédito. O bônus é meio óbvio porque um leque de possibilidades se abre para quem começa a pesquisar um assunto novo. E para mim era completamente novo mesmo porque eu não tenho sequer experiência com movimento estudantil como mínima referência. Pelo contrário, minha formação escolar foi em escolas particulares bastante referenciadas pela classe média. Nunca faltou nada, minhas salas de aula não eram lotadas, meus professores recebiam muito bem e em dia (pelo menos era o que parecia), havia atividades extras, aparelhos novos de ar-condicionado, apostilas, laboratórios, livros novos e, de acordo com a educação que eu recebia, eu tinha a impressão que eu podia ser o que eu quisesse, bastava escolher. Eu não sei como teria reagido ou como teria sido minha infância e adolescência se o cenário fosse o oposto disso, exatamente o que era (e ainda é) o Cairu. Eu me joguei com a cara, a coragem e a curiosidade para mergulhar no universo desses alunos. O ônus do tema inédito é a falta de referências acadêmicas. Aos poucos, contudo, comecei a ver que gente que eu já admirava como Leonardo Sakamoto, Raquel Rolnik, David Harvey, entre muitos outros, já pincelavam questões que poderiam ser utilizadas para pensar as ocupações. Entre os clássicos, Certeau, e sua afiada leitura das práticas do cotidiano, também oferecia um instrumental teórico passível de análise para o tema. Ao mesmo tempo, conheci o documentário “A Revolta dos Pinguins” e todo o material referente ao movimento no Chile que inspirou os alunos de São Paulo e do Rio. Nesse processo fui desenhando um quadro em que era muito necessário falar da construção da ideia de juventude, atravessada por uma série de questões, e relacionar isso com o fazer político.

Essa pesquisa foi construída a partir do campo, da experiência na ocupação, de meses de observação participante e entrevistas com alunos, militantes, professores, funcionários e voluntários. Cheguei ao Cairu no 4º dia da ocupação, uma quinta-feira do início de abril de 2016 e, a partir de então, estive lá quase todos os dias da semana, finais de semana e feriados também. E assim transcorreram os meses de abril e maio, bastante intensos. Nos meses de junho (a ocupação terminou no início do mês) e julho fiz visitas mais espaçadas já que o colégio tinha voltado ao funcionamento padrão e a ocupação tinha se transformado – após negociação entre alunos e diretoria - em poucas atividades realizadas no auditório por um pequeno grupo de alunos. A última vez que estive lá foi no início de agosto. Talvez seja redundante apontar que cada novo dia na

ocupação era uma surpresa, independentemente de haver muita ou pouca movimentação de pessoas no Cairu. Se, por um lado, uma rota fixa de pesquisa contribui para um mapeamento mais linear do objeto que está sendo analisado, um movimento como a ocupação - plural, instável, polifônico – pedia um novo roteiro a cada dia. Dessa forma, em todos os dias que estive lá não planejei quanto tempo ficaria, isso ficou à mercê dos acontecimentos. Alguns dias fiquei apenas um turno, outros passei algumas horas, em outros passei o dia todo, algumas vezes estava quase decidida a ir embora e, quando chegava no portão, acontecia alguma coisa que me fazia voltar. Se a ocupação do Cairu puder ser entendida como uma maré, eu entrei nela só com uma boia e fiquei ao sabor das ondas ora calmas, ora revoltas.

Importante dizer também que eu escolhi vivenciar profundamente uma ocupação de um colégio só (porque eu poderia ter circulado por outras ocupações que aconteciam ao mesmo tempo) por conta da importância que o colégio tem para o seu entorno e para o bairro do Meier. Além disso, rapidamente descobri na ocupação que o Cairu tem um forte histórico de lutas, desde os anos 60, envolvendo alunos e professores, e isso era uma marca muito forte nos discursos das pessoas que comecei a entrevistar. Pouco tempo depois descobri também que o Cairu é um dos colégios mais antigos do Rio e, no decorrer da pesquisa, conheci inúmeras pessoas do meu convívio que estudaram ou conheciam pessoas que estudaram no Cairu. Muitas vidas atravessadas pelo que o Cairu tinha sido e os alunos na ocupação impactados pelo que o Cairu estava sendo. Era uma junção de passado e presente muito especial que merecia ser estudada.

Deixei, assim, que minhas anotações e observações na ocupação (importante destacar que eu nunca tinha ido ao colégio antes) trouxessem para a superfície as questões teóricas que poderiam ser trabalhadas. Dessa forma, além da necessária questão da juventude (conectada a uma revisão bibliográfica dos autores que já vêm abordando o tema), emergiram temas como a relação entre o jovem e as ruas, o movimento estudantil, outras formas de mobilização, a periferia como produção simbólica, o neoliberalismo, a comunicação na era digital (focando aqui um pouco o aspecto geracional) e o que a juventude atual tem revelado sobre sua relação com a política. Como esquema metodológico propriamente dito, abordo a juventude como categoria socialmente construída em cima de alguns valores como espanto e esperança tendo como referência as mobilizações e movimentos das últimas décadas, para contrapor a ideia de que a juventude de hoje em dia é “alienada” em comparação às

gerações passadas. Uma pergunta que me inquieta em relação a isso é: até que ponto nossa percepção em relação à mobilização do jovem na política é mediada? Trago, então, a ocupação como estudo de caso para, a partir dela, repensar essa categoria (juventude) nos dias atuais, reinventando novas formas de atuação política que pedem outras interpretações e outros olhares atentos, sem deixar de considerar o contexto no qual esses jovens estão inseridos. Faço especial destaque ao fato de serem jovens alunos da periferia a capitanearem esse movimento.

É nesse sentido que meu trabalho se insere: na visibilidade às novas formas de mobilização política tocadas por jovens da periferia e na necessidade de pensar a juventude no plural, como indica Juárez Dayrell. Além de ter a intenção de criar memória e registro sobre a ocupação dos alunos, movimento que tende a ser apagado, selecionado, editado ou silenciado. Dessa forma, os capítulos passam pelas seguintes questões: No **Capítulo 1**, faço um resgate do jovem na cena política brasileira, passando pelos movimentos mais institucionalizados até as ocupações dos secundaristas, tentando apontar uma certa trajetória desses movimentos. Discuto ainda a relação entre o jovem e a rua e apresento a Revolta dos Pinguins, movimento estudantil feito no Chile em 2006; no **Capítulo 2**, proponho uma reflexão inicial sobre o território com foco na categoria subúrbio, região onde o Cairu está inserido, e apresento a ocupação do Cairu a partir da minha vivência nela, dia-a-dia, como um diário, destacando nisso as questões que eu pude observar; no **Capítulo 3**, examino a ocupação do Cairu em relação com o macro contexto no qual o jovem está inserido e abordo as questões que a ocupação levanta. Trato, então, dos efeitos do neoliberalismo sobre a educação e a cidade, olhando para o jovem dentro desses temas, discuto a juventude e aspectos relacionados à comunicação na era digital e, por fim, faço uma discussão sobre a crise de representatividade e credibilidades políticas no cenário atual.

## Capítulo 1 – Recortes sobre juventude

A revista Carta Capital, na edição nº 925 de 2 de novembro de 2016, traz estampada na capa a seguinte manchete: “A menina que fala por nós. Ana Júlia Ribeiro, exemplo de uma juventude a merecer muita esperança, é personagem-símbolo do movimento estudantil que ocupa mais de mil escolas no país”. Compõe a capa a foto da estudante, de 16 anos, discursando na Assembleia Legislativa do Paraná. Uma busca rápida no Google para o termo “Ana Julia estudante” leva aos seguintes complementos: “ana julia estudante paraná”, “ana julia estudante secundarista”, “ana julia estudante vídeo”, “ana julia filha de petista”, “ana julia estudante pt”. Por curiosidade, escolho o termo “ana julia filha de petista” e os resultados apontam para diversas matérias e, entre elas, “Farsa desmontada: aluna que discursou na ALEP é filha de militante petista” (do site [www.jornalivre.com](http://www.jornalivre.com))<sup>1</sup> e “Jovem teria sido instruída pelo pai petista em discurso em que defendeu invasões de escola, mais uma farsa do PT” (do site [www.imprensaviva.com](http://www.imprensaviva.com))<sup>2</sup>. Esses são apenas pouquíssimos exemplos de resultados de busca para o cruzamento de notícias envolvendo juventude e luta política<sup>3</sup>. Nos rápidos exemplos que dei acima, é possível perceber sentidos diferentes atribuídos ao jovem que protagoniza esses eventos: para uns, menção à esperança, para outros, à referência ao jovem “comandado” pela ideia de alguém ou de algum grupo.

Resolvo mudar um pouco de ares e buscar imagens ligadas à interseção de “juventude e polícia”. Aparecem como resultados alguns projetos da polícia envolvendo a juventude, imagens das bandas das polícias de alguns estados, fotos do José Junior (fundador do Afroreggae) com o ex-candidato à presidência da República em 2014, Aécio Neves. Descubro, nesse momento, que ele havia sido escolhido para coordenar a área da juventude do plano de governo do ex-candidato caso ele fosse eleito, o que não aconteceu.<sup>4</sup> Mudo um pouco a busca e procuro por notícias para o termo “jovens negros”. A primeira notícia no resultado do Google é “A cada 23 minutos, um jovem

---

<sup>1</sup> Disponível em <https://jornalivre.com/2016/10/28/farsa-desmontada-aluna-que-discursou-na-alep-e-filha-de-militante-petista/>. Acesso: dez. 2016

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.imprensaviva.com/2016/10/jovem-teria-sido-instruida-pelo-pai.html>. Acesso: dez.2016

<sup>3</sup> Voltarei de forma mais detalhada a esse ponto em outro momento da pesquisa. Vale destacar que as ocupações das escolas públicas feitas pelos estudantes de ensino médio começaram a ser noticiadas pela mídia a partir de novembro de 2015.

<sup>4</sup> Vale destacar que o candidato ficou em segundo lugar nas eleições de 2014, perdendo para a presidenta Dilma Rousseff, eleita com mais de 54 milhões de votos. Imagem de José Junior e Aécio Neves disponível em <http://turmadochapeu.com.br/tag/juventude-e-policia/>. Acesso: dez.2016



negro é assassinado no país, diz CPI” (matéria da BBC Brasil)<sup>5</sup>. A notícia me remete a uma das chacinas – entre muitas outras, infelizmente - de jovens negros no Rio de Janeiro: os cinco meninos de Costa Barros, zona norte da cidade, fuzilados com mais de 100 tiros pela polícia militar, em novembro de 2015. Entre as muitas matérias sobre o caso, uma delas<sup>6</sup> relata o depoimento de familiares das vítimas na Defensoria Pública alguns dias após o crime e traz a seguinte frase sobre a fala da mãe de um dos rapazes: “Ela confirmou que o filho teve passagens pela polícia, mas nada ficou provado e ele foi inocentado”. Afirmação que indica que alguém fez essa pergunta para ela. Entre os jovens assassinados, dois deles tinham 16 anos, assim como a Ana Júlia que discursou na Assembleia Legislativa do Paraná. Um deles, Roberto Silva de Souza, estava comemorando com os amigos o seu primeiro salário recebido pelo trabalho no Atacadão de Guadalupe (uma grande rede de supermercados da zona norte da cidade), através do programa Jovem Aprendiz. Paro de pensar um pouco na relação da juventude com a polícia e penso agora na conexão com mercado de trabalho e política pública.

A Lei Federal nº 10.097/2000<sup>7</sup>, conhecida como Lei do Jovem Aprendiz, sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, altera alguns artigos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e estabelece critérios para a contratação de jovens entre quatorze e dezoito anos pelas empresas, desde que o contrato de trabalho em regime especial não seja prejudicial “à sua formação, ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social e em horários e locais que não permitam a frequência à escola”. A lei aponta ainda, entre outras questões, que o jovem precisa estar inscrito em programa de aprendizagem e que o empregador deve se comprometer a assegurar formação técnico-profissional metódica, “compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz, a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias a essa formação.” Em meio às diversas análises que podem ser feitas sobre o programa, Janaína Buiar e Nilson Garcia<sup>8</sup> (BUIAR & GARCIA, 2014) observam a relação existente entre as leis do Estado brasileiro sobre o assunto e a exigência da matrícula do jovem em programa técnico de ensino profissional como aqueles do

---

<sup>5</sup> Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>. Acesso em: dez. 2016

<sup>6</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/12/mais-de-100-tiros-foram-disparados-por-pms-envolvidos-em-mortes-no-rio.html>. Acesso em: dez. 2016

<sup>7</sup> Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L10097.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10097.htm). Acesso em: dez. 2016

<sup>8</sup> Disponível em [http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos\\_senept/anais/terca\\_tema6/TerxaTema6Artigo18.pdf](http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema6/TerxaTema6Artigo18.pdf). Acesso em: dez. 2016

sistema S (Senai, Senac, entre outros). Os autores apontam que a inserção dos jovens nesses sistemas, bem como a forma pela qual se dá o ensino nas áreas de atuação profissional, são estratégias que visam moldar uma mão de obra técnica barata e fornecer um contingente para os quadros das empresas. Nesse sentido, as leis voltadas para essas áreas são muito mais um atendimento às demandas e necessidades das empresas do que uma política pública realmente planejada para promover o desenvolvimento pleno do futuro profissional dos jovens trabalhadores. Em 2014, foram inseridos mais de 200.000 jovens no mercado de trabalho<sup>9</sup> através do programa Jovem Aprendiz e grandes empresas como Bradesco, Caixa Econômica, Lojas Americanas, entre outras, já estão com seus processos seletivos abertos para o ano de 2017. É o tipo de política pública que nos faz pensar nos limites tênues que existem entre a inserção do jovem no mercado de trabalho (sob o ponto de vista quantitativo) e o estímulo às suas reais potencialidades e formação de senso crítico ligadas ao “desenvolvimento moral e social” de que fala a lei.

Para terminar de compor um cenário, penso agora na relação do jovem com o consumo. Entre as muitas relações possíveis, busco informações sobre um fenômeno que ganhou destaque no Brasil: em 2013 e 2014, São Paulo foi cenário dos “rolezinhos”<sup>10</sup>, encontros em grandes shoppings da cidade marcados através de redes sociais reunindo centenas de jovens<sup>11</sup>. Os encontros começaram como reunião de fãs de jovens celebridades da internet e migraram para um formato mais massivo misturando paquera, lanches em redes de *fast food*, danças e postagens nas redes sociais. Os eventos rapidamente se espalharam por grandes shoppings de São Paulo como o Shopping Itaquera, Shopping Internacional de Guarulhos, Shopping JK Iguatemi, entre outros, em uma das principais épocas para o comércio (final e início do ano). E tão rápido quanto a velocidade com que o evento se espalhou, foi a repressão por parte da polícia e da segurança privada dos shoppings que impediram o acesso dos grupos aos estabelecimentos sob o argumento de evitar arrastões. Alguns shoppings conseguiram

---

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/08/ministerio-do-trabalho-pretende-inserir-1-7-milhao-de-aprendizes-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: dez.2016

<sup>10</sup> Mais informações em <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/rolezinhos-discriminacao-social.htm> e em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/conheca-historia-dos-rolezinhos-em-sao-paulo.html>. Acesso em: dez. 2016

<sup>11</sup> Entre os diversos estudos sobre o tema, indico a Revista Pensata, da pós-graduação em Ciências Sociais da Unifesp que dedicou alguns artigos da sua edição de maio de 2014 para discutir o fenômeno dos rolezinhos. Disponível em <http://www2.unifesp.br/revistas/pensata/wp-content/uploads/2011/03/v3n2-3.pdf#page=8>. Acesso em: dez. 2016

inclusive liminares na Justiça para impedir que o evento acontecesse. No não dito do argumento, a discussão sobre a segregação social, já que os frequentadores dos rolezinhos eram, na maioria, jovens da periferia de São Paulo. O debate em relação ao assunto assume vários desdobramentos e um deles, bastante pertinente, diz respeito à relação entre o jovem e o consumo, em primeiro plano, mas abre também a discussão sobre o jovem e a fruição da cidade.

São quatro recortes de assuntos, entre tantos outros possíveis, envolvendo jovens e áreas distintas como política, polícia, mercado de trabalho e consumo. Em todos eles, pairam no ar questões como o perfil e a definição de juventude, quais são suas demandas, em quais momentos os jovens podem se expressar ou devem ser reprimidos (e a quem interessa essas duas nuances), entre muitas outras questões. O tema é inesgotável assim como as possibilidades de análises. Para adicionar mais uma informação a esse cenário, um dado recente (2015) vem nos dizer que o Brasil é um dos piores países do mundo para os jovens, do ponto de vista econômico<sup>12</sup>. O índice *Youthconomics*, que avalia se o país está disposto a se transformar para atrair os jovens e se tem capacidade econômica para fazer isso, aponta que o Brasil está nas últimas posições junto com países como Egito, Paquistão e África do Sul. Curiosamente, no quesito “otimismo entre os jovens”, o Brasil sobe para 32ª posição (entre 64 países analisados).

Tudo isso nos remete a uma pergunta crucial que perpassa todos esses cruzamentos: o que é ser jovem? Muitos autores vêm se debruçando sobre o tema, ora considerando aspectos isolados, ora por uma perspectiva multidisciplinar que considera diversas instâncias de atuação desse sujeito e, da mesma forma, reconhece um emaranhado de forças operando sob ele. Antes de entrar no recorte que considera especificamente a relação entre juventude e luta política, é válido resgatar alguns autores que vêm estudando a juventude dentro de um grande espectro. Essa necessidade se coloca, em primeiro lugar, pela complexidade do termo. Além disso, e talvez até mais importante, a intensa disputa de discursos em relação à construção do jovem como categoria – disputa que, no fim das contas, permite ou proíbe horizontes de expectativas - demonstra que ainda é necessário revisitar a teoria em cima desse conceito. Isso porque, embora já exista um relativo consenso entre os trabalhos acadêmicos, pesquisas

---

<sup>12</sup> Disponível em <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/10/30/brasil-fica-entre-piores-paises-do-mundo-para-jovens-aponta-levantamento.htm>. Acesso em: dez. 2016

e autores que se debruçam sobre o tema no sentido de entender a juventude muito além do seu aspecto ligado diretamente à faixa etária e questões biológicas, as notícias que vemos diariamente propagadas pela mídia e pelo senso comum indicam que o jovem ainda é apontado muito mais como um problema a ser resolvido do que um sujeito que precisa ser ouvido. Isso sem deixar de mencionar, é claro, as diversas juventudes recortadas por questões de classe e de gênero, entre outras. Enquanto houver jovens interceptados por conta da sua cor ou estigmatizados por conta da sua classe social, será necessário falar sobre as ideias a respeito da juventude. É a realidade que nos indica a necessidade de revisitar a teoria.

### **1.1 Autores e juventudes: um breve panorama**

Para começar a pensar em juventude e em seus diversos atravessamentos, é importante apontar as reflexões de Marialice Foracchi, trazidas por Maria Helena Oliva Augusto (2005). Uma das pioneiras sobre o assunto no Brasil, Foracchi já tecia considerações na década de 60 sobre a necessidade de olhar para o jovem muito além do rótulo das condições psicológicas conectadas ao desenvolvimento biológico (ligado à faixa etária). Nesse sentido, Foracchi considera que “a juventude sintetiza uma forma possível de pronunciar-se diante do processo histórico e de constituí-lo, configurando (...) um estilo próprio de existência e de realização do destino pessoal”. (AUGUSTO, 2005, p. 21). Entendendo a juventude como uma categoria polissêmica, ela vai situar essa noção em um contexto social que deve considerar aspectos como a relação entre gerações (jovem x adulto), os processos de transição para a vida adulta e a juventude como uma construção do sujeito diante de todas as pressões vividas em sociedade. Sobre esse processo de construção, ela afirma que a mobilização dos recursos e das potencialidades “(...) depende diretamente das alternativas abertas ao jovem por sua inserção social, pelas posições que ocupam, pelos caminhos oferecidos para sua trajetória” (*Idem*, p. 20).

Outra importante contribuição trazida pela autora é pensar o estudante como uma categoria social. Para esse entendimento, ela vai destacar – entre outros aspectos - a importância que o estudante assume na sua relação com a família uma vez que o estudo é considerado um meio de ascensão social e, além disso, aponta a expectativa (por parte da família) que se forma em torno dessa trajetória no sentido de promover a manutenção

ou melhora das condições de vida. É um tipo de retorno que se espera do investimento que foi feito. Foracchi entende isso como aspectos ligados a questões de classe<sup>13</sup> e afirma que esse processo cria vínculos muito fortes nas relações interpessoais dentro da família (*Idem*, p. 14). Ao estudante é colocada uma difícil equação que o faz oscilar entre a vantagem do estudo (o investimento da família na sua educação, face aos jovens que não têm sequer essa condição) e os limites que são impostos a suas escolhas, justamente pela dependência da família. É o paradoxo que se cria entre o privilégio da condição de estudante e o compromisso familiar que o enquadra na expectativa da família, crise que Foracchi vai expressar na indagação: como ser jovem e estudante ao mesmo tempo? Outro aspecto relevante que a autora vai destacar no sistema de formação que engloba a categoria juvenil-estudante são as condições de ajustamento do jovem ao adulto. Para a autora, essa adequação não é apenas reflexo das relações familiares. Elas respondem, na verdade, às demandas mais globais. Explicando melhor (*Idem*, pp.16-17):

Sob a forma de relação de manutenção, a situação de classe torna propícia uma modalidade de ajustamento entre jovens e adultos, que envolve o modo pelo qual ambos são socialmente categorizados. Como é ele o responsável pelo processo de socialização das gerações mais novas, “as pressões modeladoras do adulto induzem o jovem a formar-se de acordo com os padrões e com a problemática incorporada pelo grupo com o qual o adulto se identifica” – assim, o padrão de dependência presente é ao mesmo tempo intersubjetivo e social.

Outra autora que também irá trabalhar o tema da juventude sob um aspecto relacional é Marília Sposito (1993). Este relacional, no sentido da autora, representa o entre-lugar que o jovem ocupa no exercício de se afastar do mundo infantil e se aproximar do universo adulto (não deixando de considerar essa definição de juventude dentro do aspecto histórico-social que varia em cada sociedade). A autora, contudo, amplifica o entendimento dessa categoria para pensar sua formação a partir da interação com a cidade, entendendo esse cenário como um potente espaço de práticas culturais, consumo e interações diversas que estão diretamente relacionadas aos sujeitos. A partir disso, ela entende o jovem como um importante ator que expressa, através de novas apropriações, usos, redes de sociabilidade no espaço urbano, suas próprias questões.

---

<sup>13</sup> É importante destacar aqui que a autora faz essa análise olhando para as condições da classe média dos anos 60 e pensando na relação do jovem universitário com a sua família. Atualmente, as condições de acesso ao ensino universitário mudaram um pouco e, embora as reflexões da autora estejam voltadas para esse segmento (estudante universitário), é possível traçar paralelos com o estudante secundarista da escola pública.

Uma de suas análises a respeito da juventude parte do olhar sobre os jovens da classe trabalhadora e, dessa forma, essas observações podem ser extensíveis ao pensamento sobre questões mais estruturais relacionadas à juventude. Sposito (1993) se apóia em outros autores (como Mannheim) para, junto com eles, pensar a juventude sob o aspecto geracional levando em conta questões como autonomia e dependência da família, inserção do mercado de trabalho e consumo, relação com a escola e o lugar de marginalidade que ocupam (no sentido de estarem à margem de processos decisórios em centros de poder e no trânsito entre tantas escolhas para se definirem enquanto sujeitos). A partir de todo esse intrincado contexto, o olhar da autora revela como o uso do espaço urbano pode ser uma tradução, entre outras possíveis, dos deslocamentos que os jovens precisam fazer para se firmarem enquanto sujeitos autônomos em uma conjuntura marcada por desemprego, violência, crise social, entre outros aspectos. Mostra, acima de tudo, que a precariedade que caracteriza o cenário onde o jovem da periferia está imerso é a mesma que produz outras sociabilidades bastante elaboradas. O RAP em São Paulo estudado pela autora é um exemplo claro disso.

Pensar em juventude é também pensar nos discursos a respeito dela. Se os discursos são alimentados pelas práticas juvenis, a operação inversa também acontece (ou seja, discursos e práticas se retroalimentam): basta pensar na linguagem publicitária, como um bom exemplo. Nesse sentido, é válido resgatar as análises feitas por Helena Abramo (1997) sobre a tematização social da juventude no Brasil. A autora aponta a predominância, em linhas gerais, de dois modos para falar de juventude: um atravessado pelo consumo na relação com questões de moda e comportamento; outro ligado aos problemas sociais envolvendo os jovens (violência, comércio de drogas, dificuldades de comportamento, entre outros). Aponta também que os olhares voltados para a juventude têm o foco muito mais no sentido de enquadrá-la em determinados esquemas e domar sua energia do que ouvir e planejar, de fato, o que faz sentido para ela. São exemplos disso as instituições de ressocialização e de inserção no mercado de trabalho. São ações que destacam uma preocupação com as ausências (jovens *sem* trabalho, jovens *sem* participação na política, jovens *sem* estudo) em detrimento do reconhecimento de suas potências e da possibilidade de agirem, eles próprios, como interlocutores<sup>14</sup>. Abramo

---

<sup>14</sup> É importante destacar que o texto da autora foi escrito há alguns anos e o cenário atual diverge um pouco desse retrato. Dentro desse processo, é importante destacar a criação da Secretaria Nacional da Juventude (2005), pela presidenta Dilma Rousseff, e dos trabalhos desenvolvidos desde então dentro de uma política pública que afirme o jovem como protagonista. De toda forma, o panorama apresentado por

(1997) indica que essa postura em relação ao jovem tem a ver com uma série de questões e destaca que uma delas é o modo pelo qual a juventude tem sido retratada na sociedade contemporânea. Ela pondera que a juventude é uma categoria propícia para condensar os dilemas da própria sociedade:

A juventude, vista como categoria geracional que substitui a atual, aparece como retrato projetivo da sociedade. Nesse sentido, condensa as angústias, os medos assim como as esperanças, em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformação social futura. (ABRAMO, 1997, p. 29)

Neste sentido, a tematização da juventude pela ótica do problema social é histórica e tem a ver com os elos da sociedade (continuidade e coesão social). Na preocupação com o jovem está, na verdade, a preocupação com o futuro da sociedade, de acordo com a autora. Abramo faz ainda uma breve análise sobre os rótulos concedidos às gerações de jovens da segunda metade do século XX no Brasil. Em linhas gerais, ela menciona a geração dos anos 50 como aquela que ficou marcada pelos “rebeldes sem causa”, pelos jovens delinquentes e sem controle que estariam passando por um momento difícil típico da juventude e que se “ajustariam” quando chegassem à fase adulta. Os anos 60 e parte dos 70 foram os anos da juventude que recusa o sistema vigente, contestando-o, e que denuncia os problemas da sociedade imbuída de um forte sentimento de transformação social. É a geração do auge da ditadura militar no Brasil e Abramo destaca que ela só foi reconhecida dessa forma algum tempo depois<sup>15</sup>. A geração que vem em seguida, dos anos 80, aparece, nas palavras da autora, como o oposto daquela dos anos 60: recusa o papel da inovação cultural e da transformação social. Como uma espécie de aprofundamento disso, a geração dos anos 90 vai ser tachada como individualista, consumista, desconectada dos problemas da sociedade. Mesmo o movimento dos “cara-pintadas” pelo impeachment do ex-presidente Fernando Collor, no ano de 92, vai ser lido como um evento pontual e essa geração de jovens passará por uma certa invisibilidade no que se refere ao posicionamento político.

Complementando esse quadro inicial de autores brasileiros que vêm pensando a questão da juventude a partir de diversos cruzamentos, Juarez Dayrell também desenvolve o entendimento do jovem como um ser social. Sua abordagem vai se

---

Helena Abramo ainda apresenta questões muito atuais e as ocupações de escolas feitas pelos alunos são uma (entre outras) indicação disso.

<sup>15</sup>A autora aponta que os próprios movimentos de esquerda desacreditavam essa juventude sob a acusação de uma rebeldia “pequeno-burguesa” sem capacidade efetiva de transformação social.

integrar às análises das outras autoras apresentadas até esse momento. A perspectiva de Dayrell (2003) apresenta que, enquanto ser social, os jovens constroem um modo de ser jovem e, sendo assim, vários modos possíveis são criados. O autor denuncia como somos bombardeados o tempo todo com imagens e discursos que interferem na maneira como vemos os jovens e, como consequência disso, o foco recai para o que o jovem ainda não é, para a perspectiva do “vir a ser” que empenha esforços sempre no sentido de enquadrá-lo num modelo ideal de juventude. É uma espécie de negação do presente em favor de um futuro. Com isso, corremos o risco de não compreender os jovens através das suas próprias experiências. Também considerando, assim como as outras autoras, que a juventude é uma categoria complexa porque é construída por critérios históricos e culturais, o autor aponta a necessidade de construirmos uma ideia de juventude na perspectiva da diversidade. Destaco aqui seu ponto de vista (2003, p.42):

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta.

O autor também menciona em seu artigo uma reflexão bastante pertinente: é evidente que a juventude está associada a uma sequência temporal ligada aos aspectos biológicos e, nesse sentido, ela é apenas uma fase, entre outras, da vida dos sujeitos. Contudo, essa sequência temporal não é uma evolução linear com progressões fechadas em etapas (MELUCCI & FABRINI<sup>16</sup>, 1992 *apud* DAYRELL, 2003, p. 42). A juventude é apenas um ciclo como os outros ciclos da vida também são (em referência a uma ideia de que apenas a juventude é uma fase, e as outras etapas não). É nesse momento que um intenso conjunto de transformações é experimentado e parte disso irá acompanhar os sujeitos ao longo da vida. Dayrell enfatiza a necessidade de pensar a juventude no plural, atentando para os diferentes modos de ser jovem e daí vem a necessidade de articular a ideia de juventude com a de sujeito social. Por essa perspectiva, afirma o autor, é preciso pensar que a essência do indivíduo está localizada no mundo das relações sociais: “Dizer que a essência humana é antes de tudo social é o mesmo que afirmar que o homem se constitui na relação com o outro” (2003, p. 43). A partir disso é

---

<sup>16</sup> MELUCCI, A., FABBRINI, Anna, (1992). *L'età dell'oro: adolescenti tra sogno ed esperienza*. Milano: Feltrinelli.



importante entender que o desenvolvimento pleno dos sujeitos vai depender da qualidade das relações sociais nas quais ele está inserido e que cada um vai se construir na especificidade dos recursos que dispõe. Ele aponta que é (*idem*, p. 44)

(...) nesse processo que cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito: um ser singular que se apropria do social, transformando em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém

Todas as reflexões feitas sobre jovens e juventude até aqui funcionam como suporte para pensar os sujeitos dessa pesquisa. Muitos autores vêm abordando o tema e, naturalmente, a discussão não se encerra. Selecionei esses autores porque me identifico com suas ponderações e, mesmo enxergando a necessidade de atualização de algumas de suas ideias em relação à juventude (que indicarei em outro capítulo)<sup>17</sup>, quero deixar claro que, quando falarmos de juventude nas próximas páginas, é nisso que eu penso: sujeitos em construção na relação com o outro, mediados por uma série de discursos (os seus e dos outros), pautados por expectativas e angústias que talvez não sejam as suas, absorvidos por suas próprias questões que não são ouvidas e tratadas com a seriedade que mereciam, produzindo outros modos de estar no mundo a partir da sua própria experiência, silenciados quando necessário (e são muitas vezes) e celebrizados quando interessam a algo ou alguém. É por isso que as ocupações das escolas protagonizadas pelos alunos deixam a complexa pergunta no ar: que jovem é esse?

## **1.2 Rua, juventude e apropriações**

Trazendo agora a discussão para um recorte entre juventude e luta política a partir das mobilizações nos espaços públicos, sabemos que muitos protestos (os movimentos estudantis, por exemplo) elegeram a rua como uma importante arena para expressar suas questões. Antes de aprofundar o aspecto mais político disso (considerando estritamente a relação entre o jovem e a rua), podemos começar a pensar nesse espaço público de uma forma um pouco mais fluída, recorrendo à magistral contribuição que a literatura nos dá para lermos o mundo. Para isso, ninguém melhor que João do Rio. Pensar as ruas através do seu olhar é compreendê-las como um importante elemento constituinte das relações entre as pessoas. São como veias que alimentam a vida na cidade ao ajudarem a promover o fluxo de relações e sentidos. João

---

<sup>17</sup> Como a relação entre a juventude e a escola, abordada por Marília Sposito, e sobre o fato de grupos juvenis não serem considerados interlocutores de partidos políticos, trabalhado por Helena Abramo.

do Rio traz esses aspectos ao refletir sobre o quanto nossas vidas estão atravessadas pelos significados que constituímos nesse espaço público:

Se a rua é para o homem urbano o que a estrada foi para o homem social, é claro que a preocupação maior, a associada a todas as outras idéias do ser das cidades, é a rua. Nós pensamos sempre na rua. Desde os mais tenros anos ela resume para o homem todos os ideais, os mais confusos, os mais antagônicos, os mais estranhos, desde a noção de liberdade e de difamação — idéias gerais — até a aspiração de dinheiro, de alegria e de amor, idéias particulares (RIO, 1995, p. 14)

A rua é pensada aqui como uma das dimensões onde os sujeitos extravasam suas próprias questões e colocam em circulação suas ideias formadas no plano individual e na relação com os outros. À medida que seu arsenal de valores sobre o mundo é trabalhado nesse espaço, o sujeito reconfigura conceitos que o constituem, num ciclo que se retroalimenta o tempo todo. Óbvio que a rua não é o único meio onde isso acontece, mas esse espaço é revestido de uma condição especial por estar, de certa forma, desatada dos nós dos ambientes privados e das instituições. Daí uma certa liberdade que esse meio proporciona. É curioso perceber como João do Rio, cronista do seu tempo (fim do século XIX, início do século XX) e sem qualquer pretensão com as ciências sociais, “precede” o trabalho de Willian Foote White no clássico *Sociedade de Esquina* (2005)<sup>18</sup>. É uma precedência não de sentido acadêmico, naturalmente, mas de um olhar atento para a importância desse espaço na formação dos indivíduos e dos grupos. João do Rio nos fala da rua como aquela que “(...) faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça (...)” (RIO, 1995, p.4) ou que “(...) mas o importante, o grave, é ser a rua a causa fundamental da diversidade dos tipos urbanos” (*Idem*, p. 11) ou ainda que “a rua é a civilização da estrada. Onde morre o grande caminho começa a rua, e, por isso, ela está para a grande cidade como a estrada está para o mundo. Em embrião, é o princípio, a causa dos pequenos agrupamentos de uma raça idêntica” (*Ibidem*). É possível entender esses trechos em que ele relaciona a rua e a formação do indivíduo/grupos, saindo da ótica romântica e migrando para as ciências sociais, utilizando o interacionismo como chave de leitura. Tomo as palavras de Gilberto Velho, na apresentação à edição brasileira no livro de Foote Whyte, para ilustrar a conexão

---

<sup>18</sup> João do Rio escreve “A Rua” em 1908 e Foote-Whyte começa seu estudo em Corneville entre 1936 e 1940. O livro, resultado da pesquisa, foi publicado pela primeira vez em 1943.

entre as observações de João do Rio e as ideias propagadas pela Escola de Chicago e sua relação com o interacionismo<sup>19</sup>: (WHITE, 2005, p. 11):

Um dos principais focos da produção de Escola de Chicago (...) é a temática “indivíduo e sociedade”. (...) O ponto fundamental do interacionismo é que o estudo da ação social lida com as interações entre os indivíduos, vistos não como mônadas isoladas, mas como sujeitos ativos, atuando dentro de redes e grupos sociais, num processo contínuo de mudança e reinvenção social.

Se a interação entre os sujeitos é um conceito, entre outros, utilizado para entender a sociedade e a forma como as relações são construídas, a rua adquire um papel significativo (mas não único, obviamente) nesse processo por ser a mediadora de tantos encontros. A rua possibilita todo tipo de confrontos, rearranjos e agrupamentos que adquirem status diferentes daqueles operado no espaço privado da casa ou de outras instituições. É um aspecto desse processo, como já foi dito, a noção da liberdade que a rua traz se comparada a outros espaços. É ela, por exemplo, que cria a figura do *flâneur*, imagem e definição de Charles de Baudelaire resgatadas por João do Rio, como o sujeito das ruas que transita entre vários lugares desconexos, com o olhar atento para as miudezas do cotidiano, oscilando entre a intelectualidade e a vagabundagem, pólos que permitem a esse espectador ter uma visão muito singular do cotidiano e das pessoas. Sobre essa figura, o autor vai dizer que “de tanto ver o que os outros quase não podem entrever, o *flâneur* reflete. As observações foram guardadas na placa sensível do cérebro; as frases, os ditos, as cenas vibram-lhe no cortical” (RIO, 1995, p. 6). A rua permite, de certa forma, que cada sujeito exerça um pouco o lado *flâneur* que há em si.

Voltando a Foote Whyte, é interessante pensar como a rua é um elemento fundamental para a análise que ele faz de Cornerville, bairro pobre de imigrantes italianos em Boston e região cunhada pelo rótulo da violência, marginalidade e desordem que se revela uma sociedade altamente complexa e hierarquizada através do longo estudo que o autor faz dos rapazes da esquina. Esse grupo é formado por rapazes

---

<sup>19</sup> Sobre a Escola de Chicago e o interacionismo, cito Howard Becker: “A noção de *interação simbólica* pode dar conta do que quero dizer, exceto pelo fato de que a expressão tem muitos significados diferentes, uma série de nuances que podem enganar. Uma das idéias certamente predominantes referia-se à oposição a noções como as de *organização social* e *estrutura social*, muito comuns no pensamento dos egressos de Harvard ou Columbia, entre os alunos de Robert Merton, Talcott Parsons, bem como no pensamento de certos antropólogos ingleses, que usavam a metáfora da estrutura social de modo excessivamente reificado. Penso que para nós, ao contrário, uma das idéias mais importantes era a de que a organização social consiste apenas em pessoas que fazem as mesmas coisas juntas, de maneira muito semelhante, durante muito tempo. Ou seja, para nós a unidade básica de estudo era a interação social, pessoas que se reúnem para fazer coisas em comum”. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131996000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131996000200008&script=sci_arttext). Acesso em: dez. 2016

que, literalmente, ficam nas esquinas das principais ruas do bairro, que não têm trabalho fixo (justamente por isso têm tempo de ficar na esquina e vivem de “bicos”), representantes do estrato social mais baixo, com pouquíssima escolaridade, e suas identidades, como indivíduos e como grupo, estão diretamente relacionadas às suas performances e interações tendo a rua como contexto. A rua, contudo, é mais do que um cenário: a identidade do espaço público e do grupo (as gangues dos rapazes) são profundamente conectadas. Foote Whyte abre seu primeiro capítulo com a apresentação de seu principal informante, Doc, através da seguinte descrição (WHITE, 2005, p. 27): “Os Norton eram a gangue de Doc. O grupo foi formado principalmente por ele e construído a seu redor. Quando Doc era criança, havia uma gangue de garotos na Norton Street para cada faixa significativa de idade”. E logo depois continua a descrição de Doc: “Ele nasceu na Norton Street em 1908. Seu pai e sua mãe, vindos da província de Abruzzi, foram os primeiros italianos não-genoveses a se estabelecer na rua. Doc era o caçula de uma grande família e filho predileto de sua mãe.” (*ibidem*). No desenrolar da pesquisa, Foote Whyte vai mostrar, entre outros aspectos, como Doc ocupa um papel central na sua gangue e como as performances dos demais integrantes nas atividades do cotidiano deles (ficar na esquina, brigas com gangues de outras ruas, jogos de boliche, empréstimos de dinheiro, relação com os gângsters) são fundamentais para determinar seus lugares na hierarquia dos grupos<sup>20</sup>. Mostra ainda uma divisão que se estabelece no bairro entre os rapazes da esquina (a gangue de Doc e seus companheiros com um perfil muito semelhante ao seu, além de outras gangues de outras ruas) e os rapazes formados (rapazes que possuem um nível maior de escolaridade, têm trabalho fixo e, por isso, não têm tempo – e nem querem por uma questão de distinção - ficar na esquina). O autor revela um intrincado jogo de disputas por posições sociais dentro dos grupos e entre grupos que apontam de forma reveladora como a credibilidade e visibilidade na rua impactam o status dos sujeitos. Mais uma vez é possível encontrar correspondência entre o trabalho acadêmico de Foote Whyte e o olhar literato de João do Rio quando este afirma (RIO, 1995, p. 15):

---

<sup>20</sup> Aqui vale destacar que o trabalho de Foote Whyte não se dedica apenas às performances na rua, estritamente falando. Sua análise também vai abarcar a observação dos sujeitos nas lanchonetes, nos clubes e nos centros comunitários como importantes espaços de interação em Cornerville. O destaque para a rua é feito, contudo, porque é nela que os grupos se formam e partem dali para os outros espaços. O pertencimento à gangue de uma determinada rua é uma chancela que acompanha a identidade dos rapazes da esquina no decorrer de toda a pesquisa realizada.

Os políticos vivem no meio da rua aqui, na China, em Tombuctu, na França; os presidentes de república, os reis, os papas, no pavor de uma surpresa da rua — a bomba, a revolta; os chefes de polícia são os alucinados permanentes das ruas; todos quantos querem subir, galgar a inútil e movediça montanha da glória, anseiam pelo juízo da rua, pela aprovação da via pública, e há na patologia nervosa uma vasta parte em que se trata apenas das moléstias produzidas pela rua, desde a neurastenia até à loucura furiosa. É que a rua chega a ser a obsessão em que se condensam todas as nossas ambições. O homem, no desejo de ganhar a vida com mais abundância ou maior celebridade, precisava interessar à rua.

Voltando agora para uma análise que relaciona juventude e espaço público diretamente, a discussão pode ser incrementada pelo trabalho de Marília Sposito (SPOSITO, 1993), já citado anteriormente. A autora vai pensar a apropriação da cidade (ruas, praças, esquinas...) pelos jovens como uma forma de arranjo de novas sociabilidades juvenis frente às dificuldades de expressão (ou reconhecimento) em meios mais tradicionais como a escola e família, por exemplo. Nesse sentido, a rua simboliza a metáfora de uma crise social marcada pelo aumento da violência que atinge expressivamente os jovens, passando pelo consumo de drogas, delinquência juvenil, entre outros, e, ao mesmo tempo, é espaço aberto para usos conectados à sua experiência de mundo pela ótica do protagonismo em ações que articulam expressões artísticas e relações sociais. Em outras palavras: se a rua é o lugar, entre outros, onde o jovem sofre as agudezas de uma realidade política, econômica e social que o atinge da pior forma, ela também é o lugar onde ele recria sua experiência com a realidade através de olhares que usam as expressões culturais como chaves de leitura e modos de estar no mundo. O estudo que Sposito faz sobre o RAP na cidade de São Paulo corrobora essa ideia e soma a outros trabalhos semelhantes que compartilham a mesma análise.<sup>21</sup>

Partindo para uma observação de cunho mais político em que a juventude tem figurado como um importante ator, as manifestações mais recentes (de 2011 para cá) eclodiram no mundo e no Brasil e têm colocado as ruas de novo na pauta. Os jovens não são exclusivos desses processos, mas sua participação é fundamental e majoritária. Contestação aos regimes políticos, ao sistema econômico e luta por direitos humanos são pautas, entre outras, que têm levado muitos manifestantes para as ruas em movimentos espontâneos que não passam, necessariamente, pela articulação de partidos

---

<sup>21</sup> O artigo de Sposito é de 1993 e ainda guarda bastante conexão com a atualidade. Trabalhos mais atuais que podem ser indicados nesse sentido: “Pixação: arte e pedagogia como crime” (Gustavo Coelho, dissertação de mestrado, UERJ, 2009) e “Rio de Rimas” (Rôssi Alves, Coleção Tramas Urbanas, Aeroplano Editora, 2013).

políticos<sup>22</sup>. A rua é, mais uma vez, um importante veículo para o grito dessas demandas porque se oferece como palco no sentido quantitativo (aglomerar pessoas) e como chancela (quanto mais manifestantes, mais impacto e mais destaque as manifestações ganham por parte das mídias). É válido mencionar em relação a esse aspecto o movimento *Occupy Wall Street*, na cidade de Nova Iorque (EUA), em 2011. Ele não foi o único movimento do tipo no período (e nem o primeiro), mas foi com ele que as ocupações de ruas começaram a ganhar maior visibilidade mundial. Esse destaque deve-se, em grande parte, ao fato da manifestação ter acontecido na rua que simboliza o coração financeiro da maior economia do planeta. Mais uma vez aí a rua aparece não só como pano de fundo, mas carregada de um imenso simbolismo diretamente relacionado à crise social e econômica que atinge a imensa maioria da população das grandes cidades (e os jovens, especialmente). David Harvey (2012, p. 60) define esse processo:

Mas agora, pela primeira vez, há um movimento explícito que enfrenta o Partido de Wall Street e seu mais puro poder do dinheiro. A “street” [rua] de Wall Street está sendo ocupada – ó horror dos horrores – por outros! Espalhando-se de cidade em cidade, as táticas do Occupy Wall Street são tomar um espaço público central, um parque ou uma praça, próximo a localização de muitos dos bastiões do poder e, colocando corpos humanos ali, convertê-lo em um espaço político de iguais, um lugar de discussão aberta e debate sobre o que esse poder está fazendo e as melhores formas de se opor ao seu alcance.

Harvey vai dizer que essa tática demonstra o poder coletivo de corpos no espaço público como um instrumento efetivo de oposição ao sistema financeiro e às conseqüências que ele reproduz na vida da população como desemprego, subemprego, violência, privilégios dos mais ricos, destruição da natureza, entre outros.

Seguindo na mesma linha que Harvey, o Movimento Passe Livre (MPL)<sup>23</sup> também entende a apropriação da rua por manifestantes como estratégia de luta. O movimento vai mais além ainda ao entender a gestão da rua como uma alegoria da gestão da própria cidade, como é possível perceber no trecho abaixo (2013, p. 16):

Se a retomada do espaço urbano aparece como objetivo dos protestos contra a tarifa, também se realiza como método, na prática dos manifestantes, que ocupam as ruas determinando diretamente seus fluxos e usos. A cidade é usada como arma para sua própria retomada: sabendo que o bloqueio de um mero cruzamento compromete

---

<sup>22</sup> Esse aspecto será tratado com maior profundidade no terceiro capítulo desta pesquisa.

<sup>23</sup> O Movimento Passe Livre foi instituído oficialmente em 2005, no Fórum Social Mundial (Porto Alegre/RS) com o objetivo de lutar pelo transporte público gratuito de qualidade para todos. Inicialmente voltado para o passe estudantil, a reivindicação do movimento ampliou sua militância para englobar outras categorias, entendendo que a luta pelo transporte tem a dimensão de toda a cidade. Eles se definem como “um movimento social autônomo, apartidário e horizontal”. (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013, p. 110).

toda a circulação, a população lança contra si mesma o sistema de transporte caótico das metrópoles, que prioriza o transporte individual e às deixa a beira de um colapso. Nesse processo, as pessoas assumem coletivamente as rédeas da organização de seu próprio cotidiano. É assim, na ação direta da população sobre sua vida - e não a portas fechadas, nos conselhos municipais engenhosamente instituídos pelas prefeituras ou em qualquer outra das artimanhas institucionais – que se dá a verdadeira gestão popular. Foi precisamente isso que aconteceu em São Paulo quando, em junho de 2013, o povo, tomando as ruas, trouxe para si a gestão da política tarifária do município e revogou o decreto do prefeito que aumentava a passagem em vinte centavos.

O trecho se refere às manifestações que aconteceram em junho de 2013 em várias cidades do país tendo como gatilho o movimento do MPL em prol da redução da tarifa de ônibus em São Paulo. A partir desse movimento, as manifestações se espalharam pelo país e começaram a englobar uma série de outras reclamações nas ruas<sup>24</sup>. Os eventos foram amplamente divulgados pela grande mídia e mídias alternativas no que ficou conhecido como as Jornadas de Junho. A mobilização foi lida como inédita no país uma vez que sua articulação foi bastante estimulada pelas redes sociais e ultrapassaram – em demasia - as articulações de partidos políticos. Paralelo às mobilizações e a quantidade de pessoas nas ruas com pautas diversas, ganhou destaque a atuação do Estado através da violenta repressão da polícia.

O olhar desses diversos autores para a rua indica, em linhas gerais, como esse é um espaço de disputa, sobretudo para os jovens das cidades que se vêem cada vez mais excluídos das instâncias de decisão sobre o direito à cidade<sup>25</sup>. Como intrigante resposta a essa situação, a rua surge como espaço de criação e reinvenção de outras formas de articulação entre os sujeitos, marcadas por novas sociabilidades, potentes expressões artísticas e culturais e intervenções políticas. Nesse emaranhado de discursos, as identidades desses sujeitos são atravessadas pelas experiências que vivenciam nesse espaço, tanto pelas muitas coisas que ele nega quanto pelo que ele fomenta (justamente por negar). A metáfora da gestão da rua podendo ser pensada como gestão da cidade, proposta apontada pelo MPL, é muito válida porque inscreve esses sujeitos em operações das quais não participam, mas que afetam diretamente suas vidas.

---

<sup>24</sup> Cabe destacar que as manifestações de 2013 englobaram movimentos bastante plurais, começando em pautas progressistas, mas estimulando também manifestações de pautas conservadoras.

<sup>25</sup> Sobre direito à cidade, cito um trecho do artigo de David Harvey com menção a Henri Lefebvre: “O direito à cidade ‘não pode ser concebido como um simples direito de visita a ou um retorno às cidades tradicionais’. Ao contrário, ‘ele pode apenas ser formulado como um renovado e transformado direito à vida urbana’. A liberdade da cidade é, portanto, muito mais que um direito de acesso àquilo que já existe: é o direito de mudar a cidade mais de acordo com o desejo de nossos corações” (HARVEY, 2013, p. 28)

Além disso, a metáfora ajuda a pensar também numa outra relação: as manifestações que saem das ruas e vão para outros espaços, sob a forma de ocupação. Esse fato adquire contornos ainda mais significativos quando é o jovem o protagonista dessa ação e a escola o lugar ocupado. Numa leitura rápida desse processo, a mensagem que fica clara é que o estudante quer participar da gestão de um espaço fundamental para seu futuro. Nesse sentido, destaco um movimento que aglomera todas essas questões (juventude, rua/espaço público, novas apropriações): as manifestações dos alunos secundaristas do Chile por melhorias na educação, conhecido como “A Revolta dos Pinguins”, no ano de 2006. A relevância desse fato reside em alguns pontos: a revolta aparece primeiro como uma manifestação de rua e, devido à ação truculenta da polícia, os alunos decidem ocupar as escolas porque entenderam que nesse espaço estariam mais protegidos; os alunos secundaristas são protagonistas da ação; o movimento é inédito na América Latina; a manifestação acaba ganhando amplo apoio popular; é o movimento que inspira os secundaristas de São Paulo nas ocupações das escolas em dezembro de 2015 e os dois movimentos (Chile e São Paulo) vão servir como inspiração também para a leva de ocupações das escolas do Rio de Janeiro, no primeiro semestre de 2016 (março a julho).

### **1.3 A “Revolta dos Pinguins”**

A “Revolta dos Pinguins” é um dos movimentos mais importantes da luta estudantil no Chile contra as medidas neoliberais no sistema educacional. É possível afirmar, inclusive, que é um dos movimentos mais importantes do gênero (luta estudantil dos alunos secundaristas) na América Latina, dada a sua repercussão e reverberação<sup>26</sup>. O movimento recebeu esse nome por conta do uniforme usado pelos alunos: uma camisa de cor branca ou azul, um colete em forma de “V”, uma jaqueta e uma gravata que lembra a figura de um pingüim. Vale destacar que o uniforme não era mais de uso obrigatório à época dos protestos. Seu uso foi uma forma simbólica utilizada pelos alunos para remeter aos anos da ditadura militar de Augusto Pinochet

---

<sup>26</sup> Antes da Revolta dos Pinguins, um foco importante do movimento da luta estudantil aconteceu em 2000. Entre os eventos desse período, é possível destacar o *Mochilazo* que levou muitos estudantes às ruas para reivindicar questões relacionadas ao transporte escolar e à prova de aptidão acadêmica (Prueba de Aptitud Académica), um exame de ingresso às universidades chilenas, extinto em 2002, com objetivos semelhantes ao nosso Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM). A Revolta dos Pinguins, contudo, é a mobilização de maior efeito e visibilidade.



(1973-1990)<sup>27</sup> que marcou profundamente a imersão do sistema educacional chileno (nível superior) em reformas neoliberais com o objetivo de enfraquecer a responsabilidade do Estado no setor e delegá-lo ao investimento privado (PIRES, 2015).

Além de todo o terror imposto pelos 17 anos da ditadura de Pinochet, que matou cerca de 3.000 opositores e torturou outros 30.000, seu governo foi marcado pelo fim da educação universitária gratuita (estabelecida anteriormente por Allende) e reestruturação de todo sistema de ensino superior através da promulgação de mecanismos como Decretos com Força de Lei (DFLs), Decretos Presidenciais Educacionais a partir dos anos 80 e, posteriormente, a Lei Orgânica Constitucional de Ensino (LOCE), aprovada em 1990 no último dia de Pinochet no poder. Esses decretos transformaram a organização, a estrutura e o financiamento das universidades impondo medidas como a abertura do setor ao mercado privado (com a oferta de incentivos e doações para as empresas atuarem na área), desmonte das universidades com formação de Institutos Profissionais (ITs) e Centros de Formação Técnicas (CFTs) submetidos à avaliação, desvinculação do funcionalismo público de salários dos professores e funcionários administrativos, criação de mecanismos de financiamento como o Aporte Fiscal Direto (AFD), Aporte Fiscal Indireto (AFI – condicionado à exame de desempenho dos alunos) e Crédito Fiscal Universitário, entre outras ações<sup>28</sup>. A LOCE, por sua vez, instituiu, entre outras medidas, um sistema de avaliação das universidades (denominado “acreditación” e vinculado ao requerimento, por parte das universidades, de crédito fiscal para seus alunos) visando um reconhecimento oficial com base no desempenho “educacional” das instituições. A LOCE foi revogada por Michelle Bachelet em 2009 e substituída pela Lei Geral de Educação (LGE), sofrendo grandes controvérsias porque a nova lei não incluía o ensino superior. Sendo assim, significou, na prática, a manutenção das medidas implementadas por Pinochet. Pires (2015, p.88) menciona que o relatório da UNESCO sobre a educação superior no Chile, divulgado em 2011 pela Organização das Nações Unidas (ONU), aponta que “o rompimento de um sistema educacional com a participação do Estado em detrimento de outro

---

<sup>27</sup> Ditadura imposta através de golpe militar que derrubou o governo do presidente socialista eleito, Salvador Allende.

<sup>28</sup> Para mais detalhes, indico a leitura na íntegra do artigo “As reformas neoliberais na estrutura, na organização e no financiamento da educação superior do Chile e a deflagração do movimento estudantil em 2011”, de Claudia Pires.

majoritariamente privado realizava a incitação das desigualdades sociais e da exclusão educacional no Chile”.

A menção a todas essas medidas, em linhas bastante gerais, é feita a título de contextualização para indicar a conjuntura na qual o movimento dos secundaristas estava imerso. Embora essas medidas não afetassem diretamente o ensino básico (fundamental e médio), elas afetavam o sistema para onde os alunos estavam indo quando terminassem o 2º grau. A pauta não era deles, ainda.

A “Revolta dos Pinguins”, em 2006, começou sem a dimensão política que ganhou ao longo do processo. No início, os secundaristas demandavam gratuidade no exame para a universidade, passe escolar gratuito, melhoria e aumento da merenda escolar e reforma das péssimas instalações sanitárias de muitas escolas (ZIBAS, 2008). Essas questões foram prontamente atendidas por Michelle Bachelet, mas o movimento dos secundaristas adquiriu proporções cada vez maiores incluindo outras categorias, como os professores, e ganhando conotações ainda mais políticas. A pauta do movimento incluiu, então, a extinção da LOCE e a modificação ou anulação das Jornadas Escolares Complementares (JECs – uma carga horária dupla complementar às aulas). Incluiu ainda a contestação à cobrança de mensalidades e ao lucro das escolas subsidiadas pelo governo (chamado “financiamento compartilhado”), entre outras questões.

Em paralelo, o movimento ganhou amplo destaque na mídia internacional (em maio de 2006) e, especialmente, latino-americana, num tom de espanto em relação à potente mobilização dos estudantes que conseguiram uma articulação em rede nacional e conquistaram o apoio massivo da população<sup>29</sup>. Como ações políticas, os secundaristas promoveram grandes passeatas e manifestações nas ruas, fizeram greves e assembleias e ocuparam as escolas. O governo de Bachelet enfrentou essa situação logo nos seus primeiros meses, exigindo da presidenta e dos seus assessores, reuniões emergenciais, pronunciamentos dos atores envolvidos (professores, empresários da área de educação, entre outros), culminando na demissão do Ministro da Educação e traçando um panorama de uma grave crise enfrentada por um governo tão recente. Bachelet respondeu mais uma vez ao movimento com a criação do Conselho Assessor Presidencial, formado por diferentes integrantes do setor com o objetivo de rever a

---

<sup>29</sup> A título de projeção, vale repetir aqui o destaque que Dagmar Zibas faz no seu artigo em relação às proporcionalidades entre Brasil e Chile. A população chilena é cerca de 1/10 da brasileira (17 milhões de habitantes em 2013) e, no ano de 2005, os jovens matriculados no ensino médio chileno somavam pouco mais que um milhão de matrículas, frente a nove milhões no Brasil para o mesmo período.

legislação educacional e conciliar as diversas demandas implicadas no processo. O documento resultante desse comitê – entendido como um pacto educativo - não atende satisfatoriamente todas as reivindicações (principalmente de estudantes, professores e pais) e isso acaba enfraquecendo a mobilização dos secundaristas por criar divisões internas no movimento. Complementando esse panorama, as ações da polícia contra os estudantes tornam-se cada vez mais violentas e articuladas e, em 2007, é aprovada uma nova legislação referente à penalidade para jovens e adolescentes a partir dos 14 anos, fato que acabou minando uma nova mobilização dos estudantes.

Mesmo que a “Revolta dos Pinguins” não tenha conseguido alterações significativas na estrutura do desenho que se formou sobre o sistema educacional chileno, é inegável a reverberação política desse movimento, principalmente na América Latina, alvo dos avanços das políticas neoliberais<sup>30</sup>. Em recente participação no II Encontro Nacional de Educação, realizado em Brasília em junho de 2016, José Villarroel, militante estudantil chileno que participou da mesa de abertura do evento, sintetiza bem a luta dos estudantes na seguinte frase: “Não conquistamos nada no Chile ainda, mas, se não tivéssemos nos mobilizado durante essa década, estaríamos, hoje, em uma situação muito pior à que nos encontramos”<sup>31</sup>. A mobilização dos secundaristas chilenos (somado ao movimento universitário) acabou, de toda forma, iluminando a grave situação em que a educação no Chile se encontra e, além disso, reverbera as condições semelhantes vividas pelos países vizinhos. Em meio a um intenso processo de financeirização da educação básica e universitária frente ao desmonte da educação pública gratuita e de qualidade, os alunos criam táticas e estratégias possíveis para lutar contra esse cenário.

Para finalizar, é importante destacar a valiosa contribuição do cineasta argentino Carlos Pronzato que há anos se dedica à cobertura de movimentos sociais na América Latina. Pronzato acompanhou diretamente a “Revolta dos Pinguins” e seu registro deu origem ao documentário homônimo, totalmente disponível no You Tube. Diversas entrevistas de secundaristas que atuaram nas ocupações das escolas de São Paulo (em dezembro de 2015) e do Rio de Janeiro (março de 2016) fazem referência ao

---

<sup>30</sup> Discussão que será aprofundada no terceiro capítulo.

<sup>31</sup> Entrevista disponível em <https://ene2016.org/2016/06/28/exigimos-a-educacao-publica-que-nos-foi-tirada-diz-estudante-chileno/>. Acesso em: dez. 2016.

documentário de Pronzato como parte da preparação para suas próprias ocupações<sup>32</sup>. Ele apresenta uma série de entrevistas com estudantes que participaram do movimento e com analistas que abordam o contexto histórico da educação no Chile (incluindo nisto movimentos estudantis anteriores) para chegar à Revolta dos Pinguins. Expõe também vários momentos das manifestações nas ruas e nas escolas e entrevistas com pessoas de fora do movimento (com apoiadores e outros documentaristas que registraram o evento).

#### **1.4 O jovem na cena política brasileira a partir da luta estudantil**

Concentrando agora o olhar para o nosso contexto, é importante resgatar alguns marcos da participação do jovem na cena política brasileira. A intenção aqui é alinhar um breve quadro do envolvimento da juventude em alguns momentos significativos para a história do Brasil, tendo a luta dos estudantes como ponto de partida. A atuação desses sujeitos em processos políticos de amplitude nacional se conecta com questões ligadas a sua própria condição, onde o movimento estudantil é apenas um entre muitos recortes possíveis<sup>33</sup>. Nesse intrincado enredo de fatores que se cruzam e se alimentam, as recentes ocupações dos secundaristas (2015 e 2016) aparecem como uma peça nova de uma engrenagem que já vem operando há bastante tempo. É preciso, então, observar ao mesmo tempo o que as ocupações dos secundaristas representam como continuidade e o que elas revelam de novidade, trazendo questões que implicam (e amplificam) releituras sobre a relação entre juventude e política a partir da luta estudantil.<sup>34</sup>

Seguindo nesse curso, e como ponto de partida para refletir um pouco o cenário que está sendo proposto, é necessário falar da União Nacional dos Estudantes (UNE)<sup>35</sup>. A instituição, que completará 80 anos em 2017, ocupa um papel de destaque no movimento estudantil brasileiro e muitos trabalhos acadêmicos se debruçam de forma extensa sobre o tema. Para a costura aqui pretendida, é importante sublinhar alguns

---

<sup>32</sup> Pronzato também produziu documentários sobre as manifestações de 2013 (*A partir de agora – As jornadas de junho no Brasil*), o Movimento Passe Livre (*Por uma vida sem catracas – Movimento Passe Livre – São Paulo*) e as ocupações das escolas de São Paulo (*Acabou a paz, isso aqui vai virar o Chile!*), entre outros.

<sup>33</sup> A militância de jovens ligados às igrejas e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) são outros recortes possíveis, por exemplo.

<sup>34</sup> Discussão que será aprofundada no terceiro capítulo.

<sup>35</sup> É preciso indicar o importante papel que a UNE ocupa nesse contexto no sentido de institucionalizar a luta estudantil sem deixar de observar, contudo, que ela não foi a única forma, agremiação e modelo possível.

aspectos que perpassam o cruzamento (já mencionado) entre política, luta estudantil e juventude através da história dessa instituição.

O primeiro deles é a notável capacidade de articulação e mobilização da UNE em momentos-chave na história brasileira. É possível começar pela campanha “O petróleo é nosso”, nos anos 50, onde a instituição atuou fortemente – junto a outros segmentos - sob a bandeira nacionalista na defesa da exploração do petróleo pelo Estado brasileiro (em oposição à concessão dessa atividade para empresas estrangeiras), que culminou na criação da Petrobras pelo presidente Getúlio Vargas (em 1953). Anos depois, durante a ditadura militar que vigorou no país por 21 anos (de 1964 a 1985), a UNE representou um dos maiores focos de resistência e sofreu inúmeros ataques, prisões, torturas e assassinatos de muitos estudantes e lideranças. Cabe destacar desse período o incêndio da sua sede na Praia do Flamengo (no Rio de Janeiro), a invasão do XXX Congresso em Ibiúna (São Paulo) onde centenas de estudantes foram presos, o assassinato do estudante secundarista Édson Luiz, no Restaurante Calabouço (esses três episódios em 1968), e do presidente da UNE, Honestino Guimarães (em 1973), entre outros. A resposta ao endurecimento dos militares vinha pelo fortalecimento da resistência ao regime no qual a Passeata dos Cem Mil (também em 68), no Rio de Janeiro, é um ícone. As duas forças, contudo, cresciam na mesma proporção: quanto mais resistência, mais violência. E, no caso da ditadura, o ditado popular “manda quem pode, obedece quem tem juízo” fez bastante sentido diante dos crimes oficiais e oficiosos utilizados pelos militares no poder. Diante disso, é natural que a instituição e o movimento estudantil como um todo tenha arrefecido no auge do regime ditatorial e soma-se a esse contexto o fato da instituição ter sido colocada na ilegalidade. Outro momento marcante da história da instituição foi no fim da ditadura militar (1984), onde ela figurou – já de volta à legalidade - como uma liderança importante do movimento pelas “Diretas Já” que pedia a volta da democracia no país. Oito anos depois, em 1992, mais uma vez a UNE teve um papel notório na mobilização pelo “Fora Collor”, capitalizando milhares de manifestantes (muito estudantes entres eles) nas ruas do país para pedir o impeachment do presidente Fernando Collor, acusado de corrupção. Esse movimento entrou para a história do país como a geração dos caras-pintadas (muitos jovens com as cores do Brasil pintadas no rosto)<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Informações gerais sobre a participação da UNE em diferentes momentos políticos coletadas em <http://www.une.org.br/memoria/>. Acesso em: dez.2016. Sobre o uso político dos caras-pintadas por parte

Outro aspecto a ser considerado em relação à UNE é que, embora essa instituição seja uma representante importante da luta estudantil e isso tenha conferido a ela (em parte por ela mesma, em parte por outros atores) a “cara” desse movimento ao longo dos anos, é importante destacar que ela não é uma instituição homogênea. Em outras palavras: pode parecer óbvio, mas é sempre bom lembrar que uma instituição é sempre feita de disputas internas. Hagemeyer (1997), na análise que faz do ano de 68 para o movimento estudantil, menciona essa questão ao apontar as disputas pelo controle da instituição no fim dos anos 50 e 60 entre a Ação Popular (AP), tendência da esquerda católica mais moderada ligada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), e dissidentes comunistas descontentes com o PCB que se aliaram à Organização Revolucionária Marxista, mais conhecida pelo nome de seu jornal Política Operária (POLOP). O autor indica uma disputa, menos no sentido de um embate direto e mais como linhas de pensamento co-existentes que divergiam por questões políticas<sup>37</sup>. Desacordos também existiam em relação às táticas que o movimento estudantil deveria adotar (como uma postura mais moderada ou mais radical). Esse é apenas um exemplo, entre outros, que ilustra a necessidade de olhar com uma certa reserva para grandes instituições que aglutinam a representação de um escopo muito grande de sujeitos (aqui, no caso, a categoria estudante). Trocando em miúdos: a representação não é homogênea e nem hegemônica. Essa questão será bem importante para pensarmos as ocupações dos secundaristas no terceiro capítulo dessa pesquisa.

Mais um aspecto importante a ser mencionado é que a aproximação de uma instituição estudantil com questões de interesse nacional que promovem sua articulação com partidos políticos confere a ela uma dimensão política que não pode ser ignorada e nem atenuada. Essa informação é significativa para pensar a trajetória de alguns líderes e integrantes da UNE que seguiram longas carreiras políticas como José Serra, Aldo Rebelo, Lindberg Farias, Vladimir Palmeira, José Dirceu, entre outros. Todos esses estão até hoje, quase 50 anos depois de 68, no cenário político brasileiro ocupando diferentes (e irônicas) posições, fato que corrobora a estreita relação entre o movimento estudantil e os partidos políticos. Para usar um exemplo atual desse elo, a atual presidente da UNE, Carina Vitral, filiada ao PC do B, foi candidata à prefeita (numa

---

da mídia, indico o artigo “Os media e a construção dos caras-pintadas”, de Thales Torres Quintão, disponível em <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35460/0>. Acesso em: dez.2016.

<sup>37</sup> Vale lembrar que no transcorrer da sua história, o comando da instituição foi alternado entre diretorias de esquerda e de direita.

chapa com o PT) da cidade de Santos (SP) nas eleições de outubro, mas não conseguiu se eleger. Esse aspecto também pode parecer trivial, mas, da mesma forma que o aspecto do parágrafo anterior, ele é oportuno para pensar as ocupações dos secundaristas.

Cabe apontar que a UNE é a grande instituição nacional dos estudantes, de forma geral, mas majoritariamente, estudantes do ensino superior. O site da entidade afirma que ela representa atualmente cerca de 6 milhões de jovens universitários em todo o país<sup>38</sup>. É preciso pensar, para compor um cenário um pouco mais completo, nos estudantes do ensino médio, os jovens secundaristas, também agrupados em algumas instituições bastante representativas, sendo a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) a mais tradicional delas. 10 anos mais nova que a UNE, a UBES foi fundada em 1948 e está próxima de completar 70 anos. Sua história está bastante mesclada com a da UNE e, em algumas situações, há uma suave disputa sobre quem liderou os momentos políticos citados nos parágrafos anteriores.<sup>39</sup> Sua atuação passa pelos mesmos episódios da UNE e como lideranças de destaque na sua história estão Juca Ferreira (ex-ministro da Cultura) e Manoel Rangel (atual diretor-presidente da Agência Nacional do Cinema/Ancine)<sup>40</sup>.

## 1.5 Outras articulações

Paralelo ao movimento estudantil mais institucionalizado, podemos estender o olhar para outras articulações que têm o jovem como protagonista e nas quais as causas atravessam a luta pela educação, mas incluem também outras demandas. Toda essa militância não faz de nenhuma causa maior ou melhor que a outra porque, no cômputo geral, elas se complementam no grande contexto da mobilização do jovem na luta

---

<sup>38</sup> Informação disponível em <http://www.une.org.br/a-une/>. Acesso: dez. 2016

<sup>39</sup> No site da UBES ([www.ubes.org.br](http://www.ubes.org.br)), na sessão Memória, eles afirmam que foram os secundaristas (e não os universitários) que lideraram a campanha “O Petróleo é Nosso!” na década de 50, a campanha “Diretas Já” em 1984 e o “Fora Collor” em 1992. Não sei se eles, secundaristas e universitários, se vêem como uma categoria só (estudantes). Meu olhar para isso é que eles são atores diferentes.

<sup>40</sup> Apenas a título de complementação destaco as atuais demandas das duas instituições. UNE: Criação do Instituto Nacional de Supervisão e Avaliação do Ensino Superior (INSAES), expansão da assistência estudantil, redução do reajuste das mensalidades das universidades particulares para o índice da inflação e desnacionalização do ensino superior (fonte: <http://www.une.org.br/memoria/>. Acesso: dez.2016). UBES: Reformulação do ensino médio, mais democracia nas escolas, fim do racismo, do machismo e da homofobia no ambiente escolar e assistência estudantil (fonte: <http://ubes.org.br/memoria/historia/>. Acesso: dez.2016). É importante destacar que tanto o nicho universitário quanto o nicho secundarista possuem outras agremiações além de UNE e UBES, mas isso não será abordado aqui. O destaque feito a elas se dá mesmo pela projeção que possuem na história do Brasil.

política. A diferença entre elas, em linhas gerais, pode ser apontada como a projeção na grande mídia (o que faz de algumas articulações mais ou menos conhecidas pela população em geral) e o raio de atuação, que pode ser nacional ou mais localizado. Um mapeamento importante de ações locais é feito no livro “Frutos do Brasil”<sup>41</sup> que apresenta oito projetos, de norte a sul do país, onde a mobilização juvenil é a mola propulsora das ideias. Os projetos vão de site para jovens homossexuais a programas de rádio para comunidades ribeirinhas e é um exemplo da diversidade das causas em que a juventude está envolvida sem passar por grandes estruturas articuladas organizadas oficialmente sob a forma de instituição.

Alguns movimentos que aconteceram no Brasil na última década e que precederam as ocupações dos alunos secundaristas no final de 2015 e no decorrer de 2016 seguem um pouco nessa linha: tendem a estar mais articulados em torno de uma causa do que de uma organização propriamente dita. Discutiremos isso de forma mais detalhada no terceiro capítulo, mas já gostaria de antecipar que esse é uma característica notável dos movimentos envolvendo a juventude atualmente e que isso pode ter a ver com uma nova relação com questões como hierarquia e representatividade, por exemplo. Parece que as formas mais tradicionais de mobilização e do fazer político não atendem tão bem uma geração que nasceu com a linguagem hipertexto, com o uso massivo da internet e de novos meios de comunicação digital, e com as redes sociais. A relação com esses fatores ligados às questões de comunicação reverbera também na forma como o jovem se relaciona com a política.

Pensando, então, no cruzamento desses aspectos, podemos percorrer alguns grupos e mobilizações que refletem essas questões. Falaremos das ocupações das escolas feitas pelos secundaristas nos próximos capítulos (em especial a ocupação do Colégio Estadual Visconde de Cairu, no Rio de Janeiro), ocupações essas que despontaram no fim de 2015 em São Paulo, e em 2016 explodiram por todo o país. Apenas como lembrete, é importante pensar que esse formato das ocupações dos lugares é a principal forma de luta do MST, com um sentido de denúncia de terras improdutivas e de gatilho para ações políticas. E é a esse grupo que, em geral, esse formato de protesto era associado até então. A sua versão urbana, não institucional e recontextualizada começa a aparecer no cenário brasileiro com o ciclo de ocupações das

---

<sup>41</sup> Da jornalista Neide Duarte, o livro é um projeto da Aracati – Agência de Mobilização Social e está disponível para download em <https://redearacati.wordpress.com/>. Acesso em: dez.2016



universidades públicas em 2007 e 2008, onde a ocupação da reitoria da USP ganhou maior destaque da imprensa. Espalhadas pelo país, aglutinando demandas locais (específicas de cada universidade como a melhora das instalações para os estudantes e maior diálogo com os reitores) e nacionais (como o protesto contra o lançamento do Plano de Desenvolvimento da Educação/PDE que instituiu o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais/REUNI), o movimento se insere como um fôlego da luta estudantil após as décadas de 60, 70, 80 e 90. Bringel (2009) analisa as ocupações de 2007 e 2008 e traz interessantes apontamentos sobre o movimento estudantil (entendido aqui como movimento de estudantes, no geral, já que o autor aponta algumas diferenças nas terminologias associadas ao tema) no sentido de entendê-lo como resposta a dinâmicas cíclicas e em retroalimentação com outros movimentos sociais (como os de antiglobalização, por exemplo). Observa também que essa característica não é exclusiva do Brasil e que isso se estende pela América Latina como um todo. Vai destacar ainda, e isso é particularmente importante para o objeto desta pesquisa, algumas características desses movimentos que já sinalizam o perfil das ocupações atuais dos secundaristas: maior democratização da informação e comunicação através de blogs (que precedem as atuais redes sociais), horizontalidade nas deliberações via assembleias, ausência de liderança definida, certo grau de imprevisibilidade e defesa do caráter autônomo do movimento (em retaliação à sua representatividade por partidos políticos).

Saindo da cena universitária, mas em conexão com outras articulações envolvendo juventude e luta política, é relevante trazer para esse momento de resgate dos episódios que antecederam as ocupações das escolas, as mobilizações em torno das tarifas do transporte público. Destaco a Revolta do Buzu (Salvador, 2003) e a Revolta da Catraca (Florianópolis, 2004), como atores bastante ilustrativos desse momento e gatilho para uma série de outros protestos que começam focados no passe livre estudantil e se expandem para a contestação das tarifas aplicadas (pedindo a revogação de aumentos) no transporte para toda a população. Entre os aspectos que caracterizam os movimentos, está a ausência de uma liderança (embora tenha havido tentativas de cooptação do movimento por parte de entidades estudantis associadas a partidos políticos) e a enorme adesão da população de forma descentralizada e autônoma. Na cidade de Salvador, o movimento teve algumas reivindicações atendidas, mas não conseguiu barrar o aumento. Já em Florianópolis, a revogação foi cancelada e a

conquista injetou um novo fôlego nas mobilizações, tendo como consequência direta a fundação, em 2005, do Movimento Passe Livre (MPL). Desde então, o movimento capitaneou uma série de protestos ao longo dos anos em diversas cidades do Brasil, culminando nas Jornadas de Junho, em 2013, que começam com a pauta das tarifas do transporte e englobam outras demandas, levando milhares de pessoas para as ruas e ganhando imenso destaque nas mídias tradicionais e alternativas. Esse episódio se destaca, da mesma forma, pela ausência de um comando, pela intensa articulação da juventude e pela mobilização de diversos outros segmentos. E o que é muito importante: reaviva o papel das ruas como arena para mobilizações políticas. Já mencionei, em tópico anterior, que o MPL entende a intervenção nas ruas como metáfora para pensar a própria gestão da cidade. Sobre a questão da descentralização, categoria chave para pensar nas atuais mobilizações dos estudantes, cabe trazer novamente mais uma de suas reflexões do movimento (MPL, 2013, pp. 17-18):

A organização descentralizada da luta é um ensaio para uma outra organização do transporte, da cidade e de toda a sociedade. Vivenciou-se, nos mais variados cantos do país, a prática concreta da gestão popular. Em São Paulo, as manifestações que explodiram de norte a sul, leste a oeste, superaram qualquer possibilidade de controle, ao mesmo tempo que transformaram a cidade como um todo em um caldeirão de experiências sociais autônomas. A ação direta dos trabalhadores sobre o espaço urbano, o transporte, o cotidiano da cidade e de sua própria vida não pode ser apenas uma meta distante a ser atingida, mas uma construção diária nas atividades e mobilizações, nos debates e discussões.

Todos esses episódios (que não abarcam a totalidade das diversas mobilizações onde o jovem é protagonista e são apenas exemplos, entre outros, que ilustram esse contexto) remetem a um espectro de condições e características da relação entre a juventude e a cena política no Brasil. As Jornadas de Junho, especialmente, despertaram várias frentes e amplificaram as pautas das ruas. Talvez não tenham sido diretamente responsáveis por outros movimentos que vieram depois, mas é possível pensar que elas injetaram na luta política jovem um novo sopro. Em virtude desse amplo cenário, a inédita ocupação tocada pelos alunos secundaristas das escolas públicas de São Paulo surge como reverberação de todos esses movimentos, se inscrevendo nesse percurso, como já foi dito, como continuidade e novidade. Vamos falar um pouco mais disso nos próximos parágrafos.

## 1.6 Ocupações das escolas em São Paulo e no Rio de Janeiro

No segundo semestre de 2015, o Governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), anunciou um plano de reorganização das escolas estaduais. O projeto apresentava como justificativa a diminuição de alunos inscritos na rede, a queda da demanda em algumas regiões e a extensão do sistema de ciclos únicos para melhorar a qualidade de ensino<sup>42</sup>. A reorganização custaria o fechamento de 94 escolas e impactaria cerca de 300.000 alunos diretamente e 74.000 professores. Assim que as medidas foram anunciadas, estudantes, pais e professores inauguraram uma série de passeatas, manifestações, abaixo-assinados contra as medidas e passaram a reivindicar um diálogo com o governo uma vez que o projeto foi pensado sem ouvir a comunidade escolar afetada. Depois de dois meses de tentativas de conversa com a Secretaria da Educação, os alunos decidiram ocupar suas escolas com o objetivo de amplificar suas demandas e chamar mais atenção para a situação. Até o fim de novembro havia pouco mais de 180 escolas ocupadas<sup>43</sup>. O movimento, a partir disso, incluiu ocupações e manifestações nas ruas. E além de se posicionar contrário ao projeto de reorganização, passou a incluir também o debate sobre a qualidade do ensino, da gestão das escolas e dos espaços físicos, e a demanda por participação nas decisões sobre o tema. Questões como superlotação das salas de aula, qualidade (ou ausência) de merendas, estruturas físicas abandonadas e material didático sem utilização, entre outras, elevaram a tônica da mobilização dos estudantes<sup>44</sup>. Os reflexos do movimento alcançaram diversas instâncias: a resposta do Estado veio pela repressão violenta praticada pela polícia nas manifestações e nas escolas; a mídia tradicional deu bastante destaque ao movimento jogando algumas luzes sobre o impacto das manifestações dos alunos no caótico trânsito de São Paulo; a mídia alternativa e as redes sociais explodiram em coberturas, matérias e vídeos a partir da voz dos próprios estudantes; a

---

<sup>42</sup> Os ciclos únicos referem-se ao agrupamento dos alunos por faixa etária, divididos entre três ciclos do ensino básico (1º ao 5º ano, 6º ao 9º ano e ensino médio). Na época do anúncio da medida, 1/3 das escolas estaduais já operava nesse sistema e o projeto do governo era expandir para abarcar a grande maioria das instituições. Na avaliação do próprio governo, a medida afetaria até mil escolas e entre 1 e 2 milhões de alunos, já a partir de 2016. Informações disponíveis em <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/sp-inicia-reorganizacao-para-ampliar-escolas-estaduais-com-ciclo-unico>. Acesso: dez.2016 e <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/09/1685232-sp-vai-transferir-mais-de-1-milhao-de-alunos-para-dividir-escolas-por-series.shtml>. Acesso: dez. 2016

<sup>43</sup> Informação disponível em [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448630770\\_932542.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448630770_932542.html). Acesso: dez. 2016

<sup>44</sup> Informações coletadas do documentário “Acabou a paz, Isto aqui vai virar o Chile!”, de Carlos Pronzato, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>. Acesso em: dez. 2016

opinião pública se dividiu entre aqueles que apoiavam a mobilização dos alunos e aqueles que a condenavam, tratando-os como “desocupados atrás de baderna”. No início de dezembro, cerca de 2 meses após o início dos protestos, Geraldo Alckmin decidiu adiar a reorganização e propor a discussão do tema com a comunidade escolar. Não foi uma vitória definitiva para os alunos já que a reorganização não foi cancelada e sim adiada. De toda forma, a articulação dos estudantes foi uma grande conquista de efeitos múltiplos, além de terem inserido na pauta da mídia e da opinião pública as ocupações como instrumento de mobilização<sup>45</sup>. Ao mesmo tempo, adicionou mais ânimo à discussão sobre a juventude e luta política, que já havia sido inflamada pelas Jornadas de Junho em 2013. O discurso oficial da Secretaria da Educação de São Paulo afirma que a reorganização foi paralisada, mas há um estudo apontando que ela está acontecendo de forma velada.<sup>46</sup>

Os ventos dessa mobilização chegaram às terras cariocas em março de 2016. O gatilho, contudo, foi outro: o apoio inicial à greve dos professores estaduais se transformou num grande grito dos alunos em defesa das escolas públicas, provocado por uma série de problemas vivenciados no dia-a-dia da instituição (como estruturas físicas comprometidas, desperdício de material didático, espaços abandonados, falta de ar condicionado, superlotação das turmas, entre outros). Não havia um fato específico para detonar o movimento, como no caso de São Paulo, mas, considerando que o ensino público como um todo sofre um forte projeto de sucateamento em favor do ensino privado, muitas escolas no país partilham as mesmas condições precárias relacionadas, de forma geral, à estrutura física e à gestão das instituições.

A título de contextualização, vale mencionar que as ocupações das escolas e a paralisação dos professores estaduais no Rio de Janeiro aconteceram em meio a um momento bastante crítico das finanças do Estado que está sob a gestão do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) há 13 anos. O discurso oficial alega que existe uma crise financeira provocada pela queda do preço do petróleo e conseqüente

---

<sup>45</sup> Como já foi mencionado, o julgamento a respeito das ocupações dividiu a opinião pública. O que é destacado aqui é a inserção do assunto nas pautas da mídia, independente do juízo sobre o assunto. Vale mencionar que o ciclo de ocupações das universidades em 2007 e 2008 não teve tanta repercussão como a ocupação das escolas.

<sup>46</sup> Nota de esclarecimento da Secretaria da Educação sobre o tema disponível em <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/nota-de-esclarecimento>. Acesso: dez. 2016. Matéria da Carta Capital sobre o levantamento feito pela ONG Ação Educativa disponível em <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-reorganizacao-escolar-em-sao-paulo-acabou>. Acesso: dez. 2016.

redução dos royalties repassados aos cofres públicos, fato que desencadeou um enorme rombo no orçamento estadual e, como consequência, dívidas bilionárias com fornecedores, atraso e ausência de pagamentos de servidores ativos e aposentados, imensos cortes em programas sociais, entre outras medidas. Na contramão da “calamidade” alegada pelo governo, bilionárias isenções fiscais concedidas aos grupos empresariais instalados no Rio de Janeiro e uma folha de pagamento exorbitante com cargos comissionados representando quase 1/3 das despesas. Sem contar os altos investimentos realizados para receber a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Entre o discurso oficial e o oficioso, milhares de cariocas foram atingidos (e continuarão sendo) pelas “medidas inevitáveis de austeridade” impostas pelo governo, fato que tem feito a população ir para as ruas se manifestar com pesados enfrentamentos contra a polícia.

É nessa conjuntura que as ocupações no Rio de Janeiro estão imersas. Elas começaram em março de 2016 e se estenderam por quase 4 meses. Não há números exatos sobre a quantidade de escolas, mas muitas notícias veiculadas pela mídia tradicional e alternativa apontam para um número próximo de 80<sup>47</sup>. As ocupações foram acompanhadas por manifestações nas ruas, mas em número menor e com menos visibilidade que as manifestações de São Paulo. É possível dizer que no Rio de Janeiro, o movimento ganhou força em função da greve organizada pelos professores, que se estendeu depois do fim das ocupações das escolas e foi a maior greve já realizada no estado<sup>48</sup>. O que foi possível perceber é que a visibilidade de um influenciou a visibilidade do outro e os dois movimentos (ocupações e greve dos professores) formaram um grande bloco de mobilização a favor da educação pública no Rio de Janeiro. As especificidades das ocupações no Rio agruparam, em linhas gerais, a manutenção das instalações físicas das escolas, mais tempos de aula de sociologia e filosofia, menos alunos por sala de aula, fim do SAERJ (um sistema de avaliação que oferece bônus por rendimentos de alunos e escolas), recontração de profissionais demitidos e eleições diretas para diretor, envolvendo toda a comunidade escolar. Algumas demandas foram atendidas como a eleição direta, o fim do SAERJ e mais

---

<sup>47</sup> Informações em <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2016-06-21/ocupacao-nas-escolas-chega-ao-fim.html>. Acesso: dez. 2016;

[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/29/politica/1461955632\\_442061.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/29/politica/1461955632_442061.html). Acesso: dez. 2016;

<sup>48</sup> Informações em <https://www.brasilefato.com.br/2016/07/19/professores-do-rio-de-janeiro-fazem-maior-greve-da-historia-do-estado/>. Acesso: dez. 2016.

tempo de aula para sociologia e filosofia<sup>49</sup>. As escolas ocupadas receberam uma verba emergencial de R\$ 15.000,00, controlada pelos alunos, para ser aplicada na estrutura física do colégio, mas não houve investimento de fato na melhora das estruturas. As ocupações no Rio também contaram com a repressão da polícia (mas também em menor grau que São Paulo) e sofreram uma ofensiva muito particular: a articulação de alunos contrários às ocupações organizados sob o movimento Desocupa. Não se sabe, exatamente, até que ponto ele foi legítimo dos alunos contrários e a partir de onde ele foi uma articulação da própria Secretaria de Educação para enfraquecer as ocupações, uma vez que há registros públicos de perfis oficiais do órgão nas redes sociais convocando as pessoas para aderir ao Desocupa (foto 6 do anexo 2). Da mesma forma, as ocupações no Rio também estiveram sob suspeita (assim como São Paulo) de serem ações de partidos políticos e agremiações estudantis.

Contudo, o que foi observado em pesquisa de campo e em diversas entrevistas dos alunos que participaram do movimento, é a aceitação de um apoio, mas uma rejeição (e preocupação) desses atores como propositores desses movimentos. Essa questão já foi lançada no episódio das ocupações das universidades públicas em 2007 e 2008 e nas ocupações atuais dos secundaristas continua a aparecer sob a bandeira da defesa da autonomia dos estudantes em relação a essas instituições. Parece ser, enfim, uma questão maior ligada à crise de representatividade e credibilidade dessas instituições frente às mobilizações estudantis atuais, assunto que será debatido no último capítulo. No contexto das ocupações dos secundaristas no Rio de Janeiro, o Colégio Estadual Visconde de Cairu despontou como uma das principais ocupações e é isso que será analisado no próximo capítulo.

---

<sup>49</sup> Por hora, é possível pensar nisso como uma conquista pontual das ocupações, no primeiro semestre. No segundo semestre de 2016, essa conquista esteve imersa na reforma do Ensino Médio (MP 746/2016) imposta pelo presidente Michel Temer. Essa questão será debatida no terceiro capítulo.

## Capítulo 2 – A ocupação do Colégio Visconde de Cairu (#OcupaCairu)

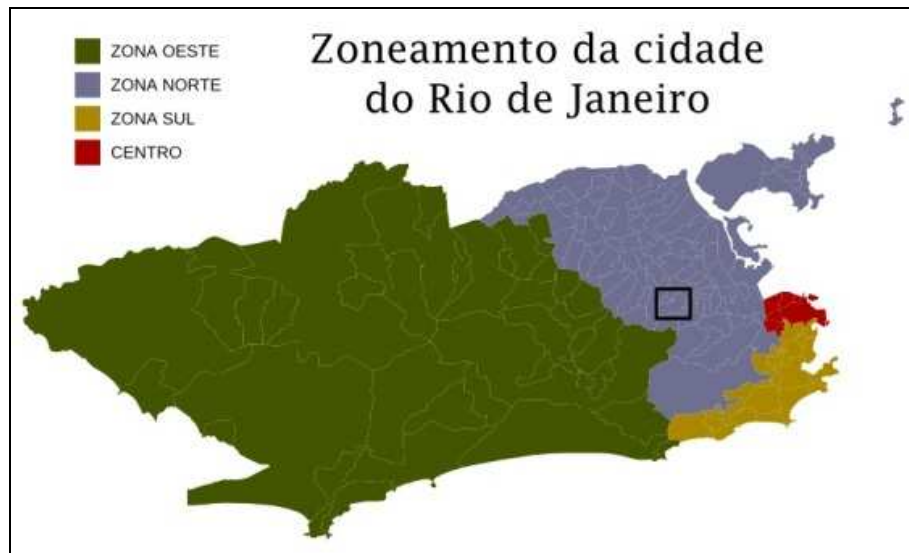
A título de curiosidade, é o personagem histórico José da Silva Lisboa (1756 – 1835) que dá nome ao Colégio Estadual Visconde de Cairu. O político baiano foi também economista, historiador, entre outras profissões, sendo nomeado assessor direto de Dom João para assuntos econômicos. Escreveu a primeira obra em língua portuguesa sobre economia política e foi um grande entusiasta do desenvolvimento do Brasil, apresentando ao Imperador as vantagens da abertura dos portos brasileiros às nações amigas de Portugal. Recebeu o título de Visconde de Cairu em 1826, mesmo ano em que se torna senador do Império escolhido por Dom Pedro I. Em 1832 empenhou-se na criação de uma Universidade do Rio de Janeiro que só viraria realidade quase 100 anos depois com a fundação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A escolha do seu nome para uma escola faz referência ao papel que o Visconde de Cairu teve no estímulo à expansão do ensino no Brasil.<sup>50</sup>

### 2.1 O colégio e o subúrbio: território e novas vozes

Na cidade do Rio de Janeiro, o Colégio Estadual Visconde de Cairu está localizado no Meier, importante bairro da zona norte que se formou numa área de grandes engenhos no século XVIII e teve seu desenvolvimento diretamente influenciado pela construção da estrada de ferro Central do Brasil, inaugurada em 1858. Nas figuras seguintes, é possível visualizar o bairro e o colégio, em perspectiva (na próxima página):

---

<sup>50</sup> Há outras instituições (públicas e privadas) de educação no Brasil que recebem o mesmo nome. São exemplos o Instituto Estadual Visconde de Cairu (em Santa Rosa, no município do Rio Grande do Sul), a Escola Municipal de Ensino Fundamental Visconde de Cairu (São Paulo), Fundação Visconde de Cairu (Salvador) e Escola Visconde de Cairu (Campo Grande), entre outras. Além delas, há o Centro Acadêmico Visconde de Cairu, entidade política e acadêmica que representa os alunos da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (USP), fundado em 1.946. Informações sobre Visconde de Cairu consultadas em [https://www.ebiografia.com/visconde\\_cairu/](https://www.ebiografia.com/visconde_cairu/) e [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_da\\_Silva\\_Lisboa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_da_Silva_Lisboa). Acesso em: out. 2016.



Meier destacado em relação aos outros bairros do Rio de Janeiro. Fonte: <http://valeucara.blogspot.com.br/2015/03/homenagem-ao-rio-450-anos-vetores-da.html> (com alterações minhas)



Colégio Estadual Visconde de Cairu destacado (no quadrado preto) dentro do Meier (delimitado pela linha mais clara). Fonte: Google Maps, fev. 2017 (com alterações minhas).



A ferrovia marca não apenas uma expansão urbana além dos limites do centro do Rio de Janeiro (Praça XV, Campo de Santana e arredores); ela simboliza o nascimento do subúrbio carioca, de acordo com os geógrafos Márcio Piñon de Oliveira e Nelson da Nóbrega Fernandes<sup>51</sup>. Os autores apontam que o desenvolvimento das indústrias às margens da ferrovia e as reformas urbanas promovidas pelo prefeito Pereira Passos no início do século XX influenciaram o surgimento de bairros ocupados por operários e pelas pessoas pobres expulsas do centro da cidade. Esses aglomerados que se desenvolveram ao longo da via férrea foram, aos poucos, sendo identificados como subúrbio, ou seja, *sub urbis*, uma área distante que não conta com a infraestrutura urbana do centro. A reforma de Pereira Passos consolidou também a divisão da cidade entre zona norte e zona sul<sup>52</sup>. Esta última, habitada por pessoas mais abastadas, correspondia aos bairros Botafogo, Laranjeiras (e depois Copacabana, Ipanema e Leblon). Esta região se desenvolveu de forma ordenada e foi, aos poucos, associada aos conceitos de moderno, requinte e sofisticação. Já a zona norte da cidade, ainda de acordo com Piñon, vai se consolidando enquanto subúrbio e o termo adquire uma conotação social associada ao que é antiquado e precário.<sup>53</sup> Por extensão de sentido, o termo é aplicado de forma depreciativa para classificar também o habitante dessa região: o suburbano. Fernandes trabalha ainda mais essa associação ao analisar que o conceito carioca de subúrbio se ampara num fenômeno ideológico de desmoralização da classe trabalhadora<sup>54</sup>. Outro excelente trabalho sobre a construção da imagem pejorativa do subúrbio é feito por Julia O'Donnell (2012). A autora analisa as narrativas de subúrbio presentes na imprensa carioca entre os anos 1890 e 1930 e demonstra como as representações das áreas mais afastadas do centro (localizadas na zona norte) migram de uma ideia bucólica da vida no campo, pura, junto à natureza e longe do caos da cidade, para uma imagem negativa do subúrbio marcada pela desorganização, pela sujeira e pela falta de investimento público na região, como é possível ler no trecho abaixo (Idem, p. 6-7):

---

<sup>51</sup> Matéria sobre o livro “150 anos de Subúrbio Carioca” na Revista História, Ciência, Saúde Manguinhos da Casa de Oswaldo Cruz (Fundação Oswaldo Cruz) disponível em

<http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/suburbios-150-anos-de-historia-carioca/>. Acesso em: out.2016

<sup>52</sup> Sobre as expressões zona norte e zona sul, Piñon faz um interessante apontamento: “Aliás, a invenção da expressão Zona Sul, que aparece pela primeira vez em 1927, se deve ao jornal da Associação Comercial de Copacabana, o Beira-Mar, que passa a denominar assim a região geograficamente localizada ao sul do Cristo Redentor”. Mesma matéria e link citados na nota anterior.

<sup>53</sup> Mesma matéria e link citados na nota 51.

<sup>54</sup> Conforme informações disponíveis em <http://vejario.abril.com.br/blog/as-ruas-do-rio/estudos-sociais/suburbio-um-conceito-que-se-carioquizou>. Acesso em: out. 2016

Os subúrbios se prestariam, sem demora, ao antagonismo simbólico com áreas ascendentes da cidade. Atuando como contraponto negativo numa dinâmica que estabelecia, por critérios morais e civilizatórios, uma divisão da cidade entre um “aqui” (praiano, aristocrático) e um “lá” (suburbano, caótico), os bairros que se perfilavam junto à via férrea viravam objeto de “desmantelamento e esquecimento”, enquanto os nos “bairros de gente rica” (especialmente “a gente abastada de Copacabana, Ipanema e Leme”) se prodigalizavam investimentos da Prefeitura.

A análise do subúrbio desses autores parte de um referencial geográfico que leva em conta também aspectos urbanísticos, demonstrando o planejamento do Estado para essa área da cidade. Um rápido passeio entre as zonas sul e zona norte do Rio de Janeiro demonstra que ainda há uma grande diferença de investimento público nessas duas regiões e isso continua a alimentar a ideia do senso comum a respeito do subúrbio como um lugar “subdesenvolvido”. Isso é percebido, em linhas gerais, nos lançamentos imobiliários, nas opções de transporte público, no paisagismo, na concentração de equipamentos culturais, serviços e opções de lazer. Como contraponto, porém, é interessante observar que o Meier tornou-se um bairro referencial na zona norte, concentrando serviços, transportes, farto comércio e entretenimento<sup>55</sup>, em razão do seu desenvolvimento, como já foi mencionado, ligado à construção da estrada de ferro Central do Brasil (o elo é tão estreito que a data de fundação do bairro é a data da inauguração da ferrovia: 13 de maio de 1889). No trabalho de O’Donnell já citado, em 1910, o Meier era citado no almanaque *A Revista da Semana* como a “capital dos subúrbios” (2012, p. 14). Chama a atenção também o fato do Meier estar entre as primeiras posições no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município do Rio de Janeiro<sup>56</sup>. Nos últimos anos, o bairro está sofrendo intensa especulação imobiliária por conta da criação da via expressa Linha Amarela e da expansão da cidade para a zona oeste, com especial atenção para a Barra da Tijuca<sup>57</sup>. O Meier parece, então, aproximar-

---

<sup>55</sup> Um bom exemplo disso é o Cine Imperator, inaugurado em 1954. O espaço já foi uma das maiores salas de cinema da cidade (com 2.400 lugares) e, atualmente, abriga o Centro Cultural João Nogueira. O local se transformou em um dos principais centros culturais administrado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e possui, além de um teatro, um complexo com 3 salas de cinema.

<sup>56</sup> Levantamento do ano de 2010. Informação coletada no documento “IDH-M: Uma análise do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal para a Cidade do Rio de Janeiro”. Disponível em [http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6165511/4162028/analise\\_idhm\\_rio\\_v4\\_compur.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6165511/4162028/analise_idhm_rio_v4_compur.pdf). Acesso em: nov. 2016

<sup>57</sup> Conforme informações coletadas em <http://www.rj.gov.br/web/setur/exibeconteudo?article-id=2178544> e <http://creci-rj.gov.br/expansao-futuro-rio-passam-barra-tijuca/>. Acesso em: nov. 2016

se dos índices da zona sul na zona norte. De toda forma, no imaginário da cidade, o Meier ainda é a cara do subúrbio carioca<sup>58</sup>.

A título de contextualização, vale dizer que o Meier é um bairro que oferece algumas opções de entretenimento e cultura para seus moradores, com especial atenção para os jovens. A avenida Dias da Cruz é a principal via do bairro e, fechada aos domingos, serve como espaço de lazer para os moradores da região e dos arredores. Além disso, ela é a avenida na qual desfilam as manifestações políticas que acontecem no bairro. A praça Agripino Grieco, localizada no início da avenida e ao lado da estação de trem, é um importante espaço público (talvez o principal do bairro) muito utilizado para rodas de capoeira, rodas de rima, eventos e debates diversos. Nessa praça, muito freqüentada pelos jovens e próxima ao que chamam de “Baixo Meier” (concentração de bares e restaurantes), acontecem as atividades do Leão Etíope do Meier, um coletivo formado por produtores culturais que promove diversos eventos no local como shows de reggae e jazz, apresentações teatrais e circenses, aulões, rodas de samba. O coletivo é uma referência no mapa cultural da zona norte do Rio. Próximo a praça está o Centro Cultural João Nogueira, já mencionado. Além das salas de uma grande rede de cinemas e uma sala de teatro, o espaço conta ainda com área de exposições e um terraço também muito utilizado pelos jovens da região. Atualmente é o principal (senão o único) equipamento cultural do bairro. Um pouco depois do centro cultural está um novo pólo gastronômico que vem se desenvolvendo no bairro por conta da valorização imobiliária. Este local, formado por tradicionais restaurantes como o Rei do Bacalhau, vem sendo incrementado por novos bares, restaurantes de comida japonesa, hamburguerias artesanais e food trucks.

É importante destacar que outras narrativas em relação ao subúrbio vêm disputando espaço. Movimentos sociais, ativistas, projetos culturais, artistas, institutos de educação, pesquisas acadêmicas, editais de empresas públicas e organizações não governamentais<sup>59</sup> vêm contribuindo para a construção de uma imagem do subúrbio que se destaca pelo potencial criativo, pelas articuladas formas de resistência e re-existências, pelo reconhecimento de identidades e territórios, pela capacidade de inovação e transformação. Tudo isso apesar de todos os problemas e ausências do

---

<sup>58</sup> O programa humorístico Vai que Cola, do canal Multishow, feito por um grupo de comediantes – entre eles, Paulo Gustavo - ajudou a fomentar a popularidade do bairro ao elegê-lo como cenário.

<sup>59</sup> Destaco aqui o trabalho da Agência Redes para a Juventude, do Observatório das Favelas, do Leão Etíope do Meier, Ponto Cine, entre tantos outros.

Estado. O resultado desse processo é um olhar para o subúrbio (incluído na macro categoria periferia) a partir das suas potências e não das suas faltas.

Não é objeto desta pesquisa analisar esse complexo cenário porque outros trabalhos acadêmicos dão conta desse tema com muita propriedade<sup>60</sup>. No entanto, para efeitos de contextualização política e social, acho válido destacar os 13 anos (2003 a 2016) do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) no Brasil como um relevante ativo desse processo. Fatores como o incremento do poder de compra da classe C<sup>61</sup> e o aumento do acesso à educação promovidos pelo governo do PT, entre outros aspectos, fizeram das classes populares, incluídas aí as classes do subúrbio, um potente nicho consumidor e, como não poderia deixar de ser, isso ganhou a atenção do mercado<sup>62</sup>. O consumo dessas classes impactou segmentos diversos nas áreas de entretenimento, educação, saúde, cosméticos, turismo, entre outros.

Paralelo a esse processo, as ações do Ministério da Cultura nesse período não pouparam esforços para entender a cultura através do seu papel de transformação social, de afirmação de identidades e de importante recurso para disputa de discursos, condições essenciais para os sujeitos das áreas menos favorecidas – do ponto de vista econômico - da cidade. Um desses reflexos foi a multiplicação de editais de empresas públicas e privadas com foco em ações na (e da) periferia<sup>63</sup>. Com a classe C sendo disputada pelo mercado, seus gostos e discursos começaram a circular entre outros universos além do consumo e passaram a ocupar um importante papel na disputa de representações sobre o subúrbio. Jailson de Sousa e Silva, fundador do Observatório das Favelas, analisa muito bem esse processo:

A importância das periferias e de suas organizações, especialmente culturais, se ampliou no Brasil a partir do Governo Lula, com a emergência do que passou a ser definido como uma “nova classe média”. O que assistimos é, acima de tudo, a maior presença dos trabalhadores negros, especialmente, no cenário socioeconômico nacional. Eles ampliaram o seu poder de consumo, fortaleceram a capacidade de influenciar as tendências políticas, os padrões culturais e educacionais. Os recentes sucessos de produções televisivas, como

---

<sup>60</sup> Destaco a dissertação de mestrado “Rizomas Suburbanos: Possíveis ressignificações do topônimo Subúrbio Carioca através dos afetos”, de Rodrigo Bertamé, apresentado no Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015).

<sup>61</sup> Tomando como base a definição da Fundação Getúlio Vargas em que a classe C compreende as famílias com renda entre R\$1.064,00 e R\$ 4.591,00. Informações sobre o tema em <http://www.escoladegoverno.org.br/artigos/209-nova-classe-media>. Acesso em: nov. 2016

<sup>62</sup> Informações em <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2012/03/classe-c-passou-a-ser-maioria-da-populacao-brasileira-em-2011>. Acesso: nov. 2016

<sup>63</sup> Destaco os programas de política cultural da Petrobras e do Itaú, dois entre os maiores patrocinadores de projetos culturais via leis de incentivo no Brasil.

as novelas, baseadas no que seriam as vivências cotidianas desse grupo, são um exemplo desse processo; a menor influência, no caso do Rio de Janeiro, dos moradores das áreas nobres da cidade no processo eleitoral é outra demonstração dessas transformações; a ampliação do acesso ao ensino superior também revela essa dinâmica. (SILVA, 2014, p. 71-72)

São vários os exemplos que corroboram essa percepção do autor. Um exemplo simples, mas bastante ilustrativo disso é a novela “Cheias de Charme”, exibida em 2012 pela Rede Globo. Ela conta a história de três empregadas domésticas, mulheres batalhadoras moradoras do subúrbio, que passam por muitas dificuldades até alcançar a vitória. A trama enfatiza o comportamento das protagonistas ressaltando características fortes como a não aceitação das injustiças que cruzam seus caminhos e do posicionamento firme diante dos comandos das suas patroas. Como ápice da história, as três protagonistas formam um trio musical chamado “Empreguetes” que, como num conto de fadas, faz mais sucesso que a patroa de uma delas, uma famosa cantora nacional. A novela foi uma das maiores audiências da emissora para a faixa de horário das 19h<sup>64</sup>. Outro bom exemplo é o programa “Esquenta”, comandado por Regina Casé<sup>65</sup> na mesma emissora, no ar desde 2011 em horário nobre da programação de domingo, com a proposta de retratar a cultura da periferia carioca através de um cenário ambientado com muito funk, samba e pagode, ritmos associados ao subúrbio. Para finalizar com um exemplo mais recente, o “Dream Team do Passinho”, grupo que mistura funk e dança formado por jovens moradores da periferia do Rio de Janeiro, fez parte da abertura das Olimpíadas Rio 2016. São extensas e inúmeras as análises que podem ser feitas sobre esse novo olhar para o subúrbio carioca e os usos que são feitos disso. É evidente que ainda há uma forte narrativa pejorativa em relação a ele. A intenção aqui é destacar a emergência de outras leituras possíveis para a representação deste território.

De uma forma bastante generalizada, é possível, então, indicar duas imagens associadas ao subúrbio, como já foi dito: a primeira aponta para uma região fora do centro geográfico/espacial e, por conta de um processo histórico diretamente associado

---

<sup>64</sup> Cf. Nilson Xavier em “Recorde de audiência de Cheias de Charme comprova: é a melhor novela das sete dos últimos anos.” Disponível em <http://nilsonxavier.blogosfera.uol.com.br/2012/06/26/recorde-de-audiencia-de-cheias-de-charme-comprova-e-a-melhor-novela-das-sete-dos-ultimos-anos/>. Acesso em: out. 2016.

<sup>65</sup> Destaco a dissertação de Ohana Boy Oliveira “O que o mundo separa, o Esquenta junta?” apresentada no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense em 2015.

a isso, distante da atenção do Estado (a não ser por ações pontuais)<sup>66</sup>. Disso decorre a desvalorização desse território no sentido econômico (visíveis nas condições urbanas como precariedade na pavimentação das ruas, deficiência na iluminação pública, restrita oferta de serviços, entre outras questões) e social (onde a imagem do subúrbio, no senso comum, é diretamente associada à violência por conta da presença de favelas, concentração de pessoas de baixa renda, ações constantes da polícia exibidas diariamente pela mídia). A outra representação, um pouco mais recente, opera pela lógica da valorização dessa região, sem deixar de olhar para as suas necessidades, mas com foco no seu potencial criativo. É uma chave de acesso que também opera pelo sentido simbólico, mas usa outras categorias valorativas. Seguindo essa linha, trago novamente Jailson de Souza Silva (SILVA, 2012) em sua reflexão sobre o impacto das manifestações culturais das periferias cariocas na cidade:

Para isso, parto da premissa, central na análise que busco construir do mundo social urbano, que o simbólico é um elemento instituinte do real. Significa dizer que as formas como percebemos e representamos os diversos aspectos da realidade influenciam na sua produção objetiva e vice-versa. Assim, a busca de um mundo mais justo, igualitário e em que se reconheça e se legitime a diferença implica em realizar os devidos embates nos campos simbólicos, empíricos e práticos, construindo-se referências contra-hegemônicas em relação às práticas e representações que contribuem para a reprodução da desigualdade e opressão da diferença. Nesse campo é que se colocam as representações sobre as periferias, suas práticas culturais e as formas originais que os sujeitos desses territórios foram construindo nos últimos anos para afirmar o seu direito à cidade (Idem, p. 55-56).

Isso tudo até aqui para dizer que este é o lugar onde o CE Visconde de Cairu está situado. Como escola pública quase centenária (irá completar 100 anos em 2018), ele partilha com as demais instituições públicas de educação todas as dificuldades, deficiências e conseqüências de um projeto de desmonte do ensino público no Brasil,

---

<sup>66</sup> Apenas para ilustrar, matéria do jornal O Globo de fevereiro de 2012 anuncia o pacote de obras do prefeito Eduardo Paes para o subúrbio do Rio. A matéria faz uma precisa menção ao fato dessa região ter tido uma disputa de votos muito acirrada na eleição anterior (no ano de 2008) entre os então concorrentes Eduardo Paes e Fernando Gabeira, da qual o primeiro saiu vencedor. Em outubro de 2012, Eduardo Paes foi reeleito em primeiro turno com 64% dos votos válidos. Matéria disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/choque-de-obras-transforma-bairros-do-suburbio-3883371>. Acesso em: nov. 2016. Vale destacar que há cerca de 20 dias, o Parque Madureira teve seu fornecimento de luz interrompido por falta de pagamento da prefeitura do Rio que tem uma dívida de R\$ 375.000,00 com a Light, concessionária do serviço. Aproveito para destacar também que o candidato do Prefeito Eduardo Paes para a prefeitura do Rio não venceu as eleições municipais disputadas em outubro de 2016. Destaco, por fim, a pesquisa que está sendo feita pela minha colega de turma do PPCULT, Simone Oliveira, sobre o Parque Madureira e suas apropriações pelo governo e pelos moradores do seu entorno.

tema que será discutido mais a frente neste trabalho<sup>67</sup>. Para este momento da pesquisa, é importante pensar no Cairu como um elemento de um bairro do subúrbio do Rio de Janeiro, atravessado por questões que dialogam com a região onde ele está localizado, como, por exemplo, que público ele atende (quais bairros), qual o perfil dos alunos, qual a experiência com a cidade que esses alunos vivenciam. É fundamental não perder esse ponto de vista porque ele traz para o microcosmo da escola as circunstâncias vivenciadas fora dela. São condições macro estruturais que atingem o Cairu em um ponto essencial: elas configuram a experiência de vida dos sujeitos que integram a comunidade do colégio. Dessa forma, a relação desses atores com seus cotidianos (nos deslocamentos pela cidade, nos acessos aos serviços públicos, na oferta de oportunidades, na relação com a segurança e a violência nas ruas, nas condições de moradia) são traduzidas lá dentro e reconfiguradas de alguma maneira, trazendo reflexos para a vivência deles dentro e fora da escola, num circuito que se retroalimenta e que causa sentidos diversos nos diferentes atores. Posso citar como exemplo que a ocupação de uma escola, como forma de protesto contra suas condições insalubres, tem significados diferentes para um aluno que acorda às 4h30 da manhã para pegar o trem lotado e chegar ao Cairu, e para um professor que mora a 10 minutos da escola, que se desloca de carro e que quer apenas cumprir seu cronograma de trabalho e ter férias em janeiro. Os sentidos dessa experiência de ocupação para os alunos do Cairu serão trabalhados no terceiro capítulo desta pesquisa. Ao mesmo tempo, também iremos pensar sobre as questões que essa experiência levanta na relação do jovem com a luta política na atualidade.

## **2.2 Cairu nas suas dimensões espaciais e simbólicas**

Até aqui refletimos sobre o Cairu como uma escola do subúrbio do Rio de Janeiro. Podemos ir até ele, agora. Basta descer na mesma estação de trem que deu origem ao Meier. A principal referência para chegar até o colégio é o terminal de ônibus Américo Ayres, localizado numa praça quase abandonada que abriga, além do terminal,

---

<sup>67</sup> É necessário apontar que, no momento em que esta pesquisa estava sendo feita, este tema ocupava a atenção da sociedade brasileira por conta da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 55/2016, que limita investimentos públicos em diversos setores (incluindo aí a educação) por um período de 20 anos, e da Medida Provisória (MP) 746/2016, que promove a reforma do Ensino Médio. Diversas manifestações em todo o país estavam sendo feitas contra as duas alterações.

alguns moradores de rua. O Cairu fica quase em frente a essa praça, na deserta rua Soares, nº 95. Dizem os moradores mais antigos da região que essa praça é famosa porque o Zico – ídolo do Flamengo e morador de Quintino, bairro próximo ao Meier – jogava ali quando era adolescente. Não consegui checar se essa informação procede. De toda forma, é apenas para ilustrar. Os senhores que me disseram isso sustentavam essa informação com muito orgulho e achei que não valia a pena desconstruir esse sentimento deles em função de um rigor acadêmico ou jornalístico. Deixemos a lembrança do Zico jogando na praça na doce memória desses moradores.

A primeira vez que fui ao Cairu, a escola já estava ocupada pelos alunos. Significa dizer que se eu tivesse ido durante a normalidade do ano letivo, meu *début* na escola teria sido pela sua entrada oficial, uma sequência de portões e lances de escada que levam a um hall do prédio principal. Na gestão da escola feita pelos alunos, a entrada oficial era feita pelo estacionamento do colégio que fica no alto de uma imensa ladeira. O fôlego para encarar a ladeira arretada debaixo do sol é uma metáfora do próprio fôlego que os alunos precisaram ter para iniciar e sustentar a ocupação: tem que ter disposição. A ladeira virou, inclusive, uma piada durante a ocupação, que eu contarei em outro momento. Essa experiência de entrar pelo estacionamento (que comporta cerca de 15 carros) é bastante diferente porque ela apresenta uma visão geral da dimensão do colégio. Dessa entrada, à primeira vista, o olhar capta uma pequena casa antiga do lado esquerdo do portão. Em frente, o enorme prédio principal em formato de L, com quatro andares mais um andar no subsolo. Do lado direito, uma estrutura anexa com uma escadaria que leva a três quadras, cozinha e refeitório, outros pátios, mais salas de aula e outro prédio antigo. A ideia que se tem ao entrar nele pela primeira vez é que ele foi pensado para ser uma grande instituição. Abaixo seguem fotos do Cairu na década de 50 e nos dias atuais:<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> No endereço <https://www.flickr.com/photos/caminhosdecascadura/13863482415> (Acesso em: out. 2016), há uma série de fotos sobre o subúrbio carioca e nele há essa foto do Cairu na década de 50. Há um comentário mencionando que o Presidente Juscelino Kubitschek esteve presente na inauguração do prédio quando ele começou a funcionar como Curso Colegial (Científico), ganhando aí a nomenclatura de Colégio Estadual. Se a informação for verdadeira, confirma a importância do colégio para a região.





A passarela no canto esquerdo da foto dá acesso à entrada principal do Cairu; no canto direito, o início da ladeira onde fica o portão do estacionamento do colégio. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/caminhosdecascadura/13863482415>.



Entrada principal do Cairu, já com identificação da ocupação (abr. 2016). Fonte: <http://ubes.org.br/2016/rj-colegio-visconde-de-cairu-e-ocupado-por-estudantes-contraprecarizacao/>.

Corrobora essa impressão a imponência arquitetônica e estrutural do colégio (reforçada pela localização na parte alta de um morro), o enorme muro que o rodeia, os prédios que o compõe, as áreas de convivência (jardim de inverno, pátios abertos e cobertos), a existência de um grande teatro com coxia, a presença de um bosque com espécies da Mata Atlântica, tudo isso espalhado por um espaço que equivale a uma quadra inteira. Toda a estrutura do Cairu poderia abrigar com muita tranquilidade um grande departamento de uma universidade. Ela é muito maior, por exemplo, que o Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS) da UFF, sede do programa de mestrado no qual esta dissertação está sendo tecida. A imagem aérea abaixo – dentro da linha



reflexão que Michel de Certeau (2014) faz sobre os relatos de espaço praticados pelos sujeitos em suas narrativas. O autor faz um grande estudo das práticas cotidianas do homem ordinário para apontar que as diversas formas dos sujeitos lidarem com suas realidades, incluindo aí suas diversas formas de resistência, são, na verdade, práticas bastante elaboradas e estruturadas em “escapatórias e astúcias”, vindas de “imemoriais inteligências” (*Idem*, p. 18). Para compor sua pesquisa, Certeau analisa diversas práticas como o consumo, o ato de cozinhar, relatos de memória, usos da língua, a leitura, mecanismos de crenças e deslocamentos pela cidade, entre outros. Sobre este último, ao citar um estudo sobre a forma como moradores de Nova Iorque indicam deslocamentos dentro de seus apartamentos ou mesmo pela cidade, o autor cita duas categorias de discurso: “mapas” (maps) e “percursos” (tour), onde a primeira está ligada ao conhecimento de condições já estabelecidas (ou seja, ver as condições dadas: “aqui há um porta e ali há uma janela”) e a segunda, à criação de um caminho pelo deslocamento (ou seja, fazer essas condições: “se você for em frente, encontrará uma porta e se virar à direita, achará uma janela”). O autor indica que a expressiva maioria utiliza a narrativa do percurso (tour/fazer o caminho) e complementa

Qual é a coordenação entre um fazer e um ver, nesta linguagem ordinária onde o primeiro domina de maneira tão evidente? A questão toca finalmente, na base dessas narrações cotidianas, a relação entre o itinerário (uma série discursiva de operações) e o mapa (uma descrição redutora totalizante das observações), isto é, entre duas linguagens simbólicas e antropológicas do espaço. Dois pólos de experiência. (*Idem*, pp. 186-187)

É justamente nesse pólo de experiência mencionado pelo autor que reside a diferença entre o acesso ao Cairu pela entrada definida pela escola (mapa) e pela entrada decidida pelos alunos (percurso). A primeira enquadra o sujeito, a segunda indica possibilidades. A tomada de atitude dos alunos em relação ao manejo do acesso ao colégio é uma alegoria do processo que eles criaram: representa as possibilidades de ir além daquilo que estava dado e construir seus próprios percursos na sua experiência com a escola. É também pela ótica do percurso que trago para essa pesquisa, a partir de agora, minha experiência no Ocupa Cairu. Entre as diversas formas de narrativa que eu poderia escolher para falar da minha vivência na ocupação, entendo que o relato direto é uma das possibilidades, entre outras, para apresentar as situações que vivi e as questões que observei. Cabe ressaltar que a tentativa de enquadrar esse movimento em um molde conciso e fechado é preterir o conteúdo em favor da forma. A ocupação do Cairu, assim

como as outras ocupações que seguiram o mesmo modelo é, por natureza, hipertexto. Sendo assim, cada dia apresentava situações novas com as quais os alunos precisavam aprender a lidar na hora, com ou sem experiência, guiados pelo tato, sem saber se a decisão tomada era a melhor (muitas vezes foi, outras vezes, não). Minha partilha é uma tentativa de dialogar com as características que o fluxo desse movimento emergiu. O protótipo de diário de campo que reproduzo a partir daqui é, de certa forma, o meu percurso no percurso da ocupação, entrelaçado, obviamente, pelo percurso do próprio movimento. Todas essas trajetórias compõem uma espécie de mapa “afetivo” que eu tento reproduzir na figura abaixo com as seguintes indicações e observações:



Vista aérea Colégio Visconde de Cairu. Fonte: Google Maps, fev. 2017 (com indicações numéricas de minha autoria).

- 1 - Entrada do estacionamento/entrada oficial da ocupação onde ficava a comissão de segurança;
- 2 - Casa do inspetor do Cairu;
- 3 - Teatro/Auditório que funcionou como a “base territorial” da ocupação onde foram realizadas as assembleias e inúmeras atividades da ocupação. Local onde foram

descobertas inúmeras pilhas de livros novos, embalados, que nunca foram distribuídos para os alunos;

4 - Uma ala do prédio principal do Cairu, com dezenas de salas de aula que foram usadas como dormitórios, salas de estudo, salas de atividades e de reuniões sobre a ocupação. Muito utilizado pelas comissões de atividades e de comunicação;

5 - Pátio externo do Cairu, uma espécie de “praça pública” do movimento;

6 - Entrada oficial do Cairu no funcionamento padrão do colégio (durante a ocupação foi bloqueada pelos alunos com cadeiras e mesas);

7 - Outra ala do prédio principal com mais salas de aula, laboratórios fechados, elevadores há anos sem uso, sala e banheiros dos professores, sala do grêmio (inutilizada por estar abandonada e cheia de entulho). Uma parte dessa ala também foi usada pela ocupação;

8 – Banheiros dos alunos, bebedouros e sala de depósitos das doações de material de limpeza da ocupação;

9 – Prédio do refeitório e cozinha do Cairu onde as principais refeições eram realizadas, “base territorial” da comissão de alimentação. O espaço também foi utilizado para reuniões e atividades da ocupação (como a oficina de literatura que montou uma exposição de trechos de músicas e poemas com a temática feminista);

10 – Quadra coberta onde aconteceram os principais eventos artísticos e shows da ocupação, onde fica também uma espécie de mirante com ampla visão do entorno e dos morros do Meier. As paredes e pilastras da quadra foram pintadas durante a ocupação pelos alunos;

11 – Bat Caverna (apelido dado pelos alunos), composto por um pequeno anexo e uma quadra. Há muitos anos funcionou como vestiário masculino e também como cantina de apoio para quem usava a quadra descoberta. Hoje está abandonado e lotado de material (estantes, mesas, carteiras) entulhado;

12 – Quadra descoberta que ficava trancada pela diretoria durante o funcionamento padrão do Cairu. Durante a ocupação, os alunos abriram o espaço para múltiplos usos. O espaço também foi pintado e recebeu alguns grafites feitos pelos alunos;

13 – Quadra coberta onde foi realizado o campeonato de futsal entre os alunos durante a ocupação;

14 – Bosque abandonado.

Como já mencionado, o diário de campo que será exposto neste capítulo foi vivido em todos esses espaços descritos acima e será retratado com maior detalhe a partir de agora. A ideia desse mapa “afetivo” é apresentar uma dimensão espacial

conectada aos novos usos promovidos pela ocupação que despertaram outros sentidos na relação dos alunos com o Cairu. Além disso, é importante não perder de vista que a ausência de investimento e manutenção da enorme estrutura do colégio foram importantes gatilhos do movimento feito pelos alunos.

Há um outro destaque que precisa ser feito: na transcrição do dia-a-dia da ocupação, irei apontar, em alguns momentos, TAGS<sup>69</sup> que fazem referência aos temas despertados pelo movimento. A ideia é demonstrar, no fim do capítulo, a composição de um painel com os conteúdos que orbitam em torno da ocupação<sup>70</sup>. Esses temas serão trabalhados no terceiro capítulo com o objetivo de amplificar as questões que a ocupação do Cairu detona.

### **2.3 Antecedentes da ocupação e o histórico de mobilizações**

Vale apresentar, em linhas gerais, um pouco do Cairu antes de entrarmos diretamente na ocupação feita pelos alunos. Os relatos que colhi com diversos professores, ex-professores, funcionários e ex-alunos, falam de um colégio com perfil muito atuante no decorrer da sua longa história. É muito forte nos depoimentos das pessoas mais antigas a menção ao fato do colégio, nos tempos áureos dos anos 60 e 70, ser comparado ao Colégio Pedro II<sup>71</sup> em termos de qualidade de ensino e de estrutura. A fama do Cairu, nesta época, era bastante positiva tanto pelo ensino que oferecia (e o ingresso era através de concurso público muito disputado) quanto pelo envolvimento dos alunos em importantes atividades promovidas pela Secretaria de Educação como concurso de bandas e jogos escolares (onde o Cairu se destacava). Os depoimentos parecem indicar que, com o passar do tempo, o colégio foi “abandonado” pelo poder público. A partir disso, muitos relatos apontam o posicionamento crítico dos professores diante dos problemas de infraestrutura e administração do colégio e a alta adesão do corpo docente às greves da categoria. Por outro lado, faz parte de uma história mais recente do Cairu (anos 90), a mobilização dos professores para a realização durante onze anos consecutivos de um pré-vestibular para as turmas de 3º ano com aulas voluntárias aos sábados. Um ex-diretor que entrevistei me disse que a própria Secretaria

---

<sup>69</sup> TAG (etiquetas, em português) é um termo utilizado para apontar uma palavra-chave (relevante) ou termo associado com uma informação.

<sup>70</sup> Conteúdos identificados por mim que, todavia, não encerram a discussão.

<sup>71</sup> O Pedro II ainda é, até hoje, uma referência positiva do ensino público federal no Rio de Janeiro.

de Educação não acreditava que as aulas fossem voluntárias mesmo e que eles achavam que o pré-vestibular recebia verba de alguma empresa. Mencionou também que soube de muitos casos de alunos com bom rendimento que se matriculavam para estudar no Cairu, mas eram encaminhados para outras escolas e que, com o tempo, o Cairu começou a ficar conhecido por ser uma “escola de marginais”<sup>72</sup>. Outra professora muito antiga relatou que, nos últimos anos, o colégio começou a receber uma maciça leva de alunos com baixíssimo rendimento escolar do município, contribuindo para a formação de outra imagem do Cairu na rede estadual e que ela começou a recusar a orientação da Secretaria de Educação de aprovação automática dos alunos (que visa aumentar os índices de aprovação no ensino público do Estado)<sup>73</sup>. Por conta da postura militante, alguns professores afirmam que o colégio funciona como uma espécie de termômetro indicativo de movimentos políticos dentro da comunidade escolar do Rio de Janeiro.

O marco dessa postura do colégio era, até a ocupação, as manifestações feitas (no ano de 2005) contra um diretor imposto pela Secretaria de Educação, a despeito da eleição de uma diretora feita pela comunidade escolar (professores, funcionários e alunos) do Cairu. Contrários à medida autoritária e arbitrária, os professores organizaram uma série de protestos contra o “interventor” (como ele ficou conhecido) que ficaram marcados na história do colégio. Professores aliados a alunos e alguns pais organizaram atividades de protestos muito criativas e, ao mesmo tempo, com sentidos políticos bastante marcados para demonstrar que a quebra da legalidade de um processo legítimo não passaria sem discordâncias entre eles. A militância dos alunos e professores da época está registrada em protestos como apitaços, festa junina do luto (com direito à caixão e bolas pretas no lugar das bandeirinhas coloridas), “corredores humanos” com pessoas vestidas de preto e de costas pelos corredores onde o gestor precisava passar e “tapete da vergonha” onde o gestor precisou “pisar” em palavras como democracia e justiça.

Vale destacar como uma preocupação do movimento que as aulas seguissem normalmente para não prejudicar o calendário escolar, mas o objetivo era fazer com o que o trabalho do novo diretor fosse impossível de ser realizado na prática. Depoimentos dos professores que participaram do protesto e dão aula no Cairu até hoje afirmam que o colégio funcionava normalmente, mas que eles não reconheciam o

---

<sup>72</sup> Comunicação pessoal à autora em 20 mai. 2016, no próprio colégio.

<sup>73</sup> Comunicação pessoal à autora em 10 mai. 2016, no próprio colégio.

“interventor” no cargo. Fotos da época também mostram a escolta dele sendo feita por policiais armados de fuzil. O episódio também incluiu passeatas nas ruas do Meier e ocupação das escadarias da Assembleia Legislativa do Rio com faixas denunciando a situação. O movimento do colégio é ainda mais representativo porque o Cairu foi a última escola a resistir ao processo de intervenção imposto pela Secretaria de Educação. O protesto, que durou cerca de dois meses, culminou com a saída do gestor, alguns processos administrativos contra professores e a realização de uma nova eleição com candidatos indicados pela comunidade escolar. A nova diretora eleita permaneceu no cargo até 2014 e, atualmente, é diretora adjunta do colégio.

Mais recentemente (em 2011), a militância de professores e alunos foi operacionalizada pela criação do Comitê em Defesa do Cairu para denunciar os problemas do colégio através de abaixo-assinados levados à Metropolitana III<sup>74</sup> e de manifestações realizadas no Cairu (em 2013) e na Secretaria de Educação. Esse Comitê, contudo, teve um pequeno período de funcionamento e está desativado há algum tempo. Tive acesso a essa informação através de entrevistas feitas com alguns professores<sup>75</sup> e há algumas fotos dessas manifestações no Facebook (na próxima página):

---

<sup>74</sup> A Diretoria Regional de Educação III (Metropolitana III) é uma das 14 Regionais Administrativas e Pedagógicas da Secretaria de Estado de Educação e é responsável por colégios de 49 bairros da cidade do Rio de Janeiro. Informação disponível em <http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=375402>. Acesso em: jun. 2016.

<sup>75</sup> Comunicação pessoal à autora em 8 jul. 2016, no próprio colégio.





Mobilizações Cairu. Fonte: reprodução Facebook.

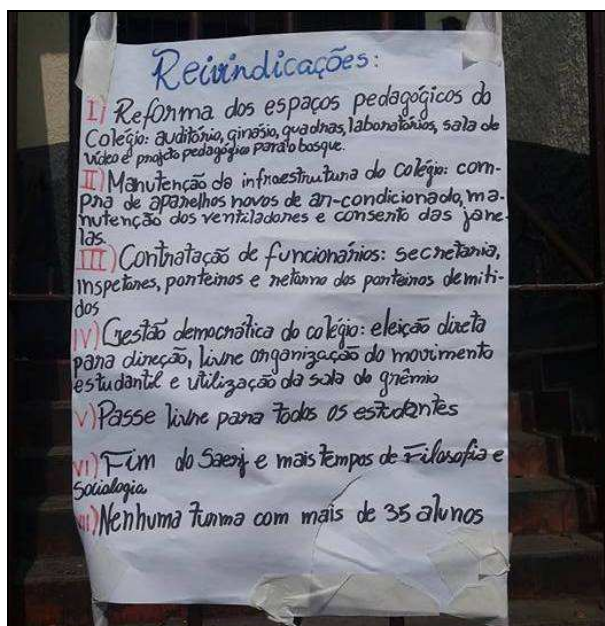
Inicialmente como apoio à greve dos professores, a ocupação do Cairu foi se desenhando no mês de março de 2016. Começou com o envolvimento dos alunos em atividades culturais no colégio durante a greve. A ideia de ocupar no sentido exato do termo foi tomando forma e os alunos realizaram assembleias, estudaram uma apostila de ocupação de escolas disponível na internet e assistiram o documentário “Acabou a paz, isso aqui vai virar o Chile” sobre as ocupações das escolas de São Paulo realizadas em dezembro de 2015. O documentário é do cineasta Carlos Pronzato e ele foi ao Cairu participar da exibição e de uma conversa com os alunos. No dia 4 de abril de 2016, Ocupa Cairu despontou como um dos primeiros colégios do movimento que mobilizou cerca de 70 escolas entre os meses de abril e maio<sup>76</sup>, no Rio de Janeiro.

#### 2.4 Parada #OcupaCairu: o dia-a-dia

<sup>76</sup> Não há informações oficiais sobre o número exato de escolas ocupadas. Matéria do El País Brasil de 2 de maio de 2016 fala de 65 escolas ocupadas até aquele momento. Disponível em [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/29/politica/1461955632\\_442061.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/29/politica/1461955632_442061.html). Acesso em: nov. 2016

07 de abril de 2016 – quinta feira - 4º dia da ocupação

Acompanhei os primeiros dias da ocupação pelas notícias da internet. Nas redes sociais, as ocupações no Rio de Janeiro não demoraram a aparecer e decidi acompanhar o movimento do Cairu de perto porque, além de ser perto da minha casa, já tinha ouvido falar que o colégio era um dos mais antigos do Rio. Meu 1º dia na ocupação já era o 4º dia deles. Não foi difícil identificar as imediações do Cairu, mesmo para quem nunca tinha ido lá, como era o meu caso. De longe, logo após a praça do terminal Américo Ayres, já era possível avistar que os alunos colocaram um cartaz em uma placa de trânsito localizada quase em frente ao portão de entrada do colégio indicando a direção da outra entrada. Fui até o portão principal e nele estava um cartaz com as principais reivindicações do movimento:



Fonte: registro pessoal

Além do cartaz com as reivindicações dos alunos, a parte de cima da entrada principal estava com uma faixa enorme de papelão com a inscrição “Cairu Ocupado”. Fui para o portão do estacionamento e vi que ele estava cheio de adesivos amarelos com o símbolo do movimento #OcupaCairu. Fui recebida pelos alunos da comissão de segurança que estavam de plantão. Precisei assinar um documento com meu nome completo, identificação e motivo da minha ida.

A aluna que me recebeu me levou até o auditório/teatro do Cairu. Lá estavam alunos de outra escola pública do Meier (Antônio Houaiss) querendo saber como a ocupação tinha acontecido, quais eram os preparativos, quanto tempo eles levaram para

se organizar. Tudo num clima de roda de conversa. A aluna Joana<sup>77</sup> estava passando todas as informações. Cheguei no momento em que ela falava sobre a importância da ocupação e do preparo para o movimento, da leitura da apostila feita pelas ocupações das escolas de São Paulo, da mobilização pré-ocupação, de como era importante o apoio dos pais e dos professores para dar credibilidade ao movimento. Ela explicava que os alunos do Cairu começaram apoiando a greve dos professores e que a ocupação deles inicialmente era uma ocupação cultural com ações no colégio como abraços coletivos e exposições de filmes com debates. Disse que a ocupação foi ganhando força porque já não era mais possível agüentar a escola do jeito que estava, sem ar-condicionado, sem cadeiras decentes, turmas com 70 alunos, espaços ociosos, laboratórios montados sem utilização. Falou também de salas com muito material entulhado que poderiam ser usado pelos alunos. Relatou o assédio sofrido por um dos alunos do movimento por um funcionário da escola que perguntou a ele se ele “sabia o que estava fazendo”. Falou do apoio que ela estava recebendo dos pais para estar ali, da condição dos banheiros que estavam mais limpos durante a ocupação do que antes, do aumento do número de comissões da ocupação que eram quatro e já estavam em sete, e da necessidade de resistir aos alunos que queriam boicotar o movimento.

Joana explicou também que eles estabeleceram um horário para atender a mídia (de 9h às 11h) porque eles se acham os “donos de tudo” e teriam que entender que os estudantes tinham suas regras [TAG: RELAÇÃO OCUPAÇÕES E MÍDIA]. Ela relatou a situação em que uma repórter quis determinar que apenas um integrante da comissão de comunicação aparecesse em uma matéria ao vivo e eles conseguiram impor que os quatro integrantes falassem. Joana reforçou a importância das assembleias e do voto de todos para as decisões e destacou a necessidade de cumprir as regras de convivência dentro da ocupação, como a proibição de fumar e de bebidas alcoólicas dentro do colégio. Com a turma que ouvia Joana, havia um professor e ele alertou os estudantes sobre a necessidade de atenção ao papel da mídia e de partidos políticos que quisessem se aproximar do movimento apenas para ganhar a simpatia dos alunos com vistas às eleições municipais do 2º semestre [TAG: QUESTÕES SOBRE REPRESENTAÇÃO].

---

<sup>77</sup> Todos os nomes identificados a partir daqui são fictícios. São nomes de personagens da série Anos Rebeldes, da Rede Globo, exibida em 1992, que conta a história de alguns jovens durante a ditadura militar, no Rio de Janeiro. Não há relação entre o comportamento dos personagens e as pessoais reais. A atribuição dos nomes é totalmente aleatória.

Joana, de 16 anos, dava todas as informações de forma muito segura para uma plateia de uns 20 alunos. Sua postura corporal, seus gestos e as expressões que ela usava (muitas no imperativo: “Vocês precisam saber que...”, “Eles têm que entender que...”) indicavam muito confiança no que ela estava dizendo e no futuro do movimento. Nessa conversa com a turma do Antônio Houaiss, estava outra aluna do Cairu com a mãe dela. Perguntei à aluna o que ela estava achando do movimento e ela disse estar ali pelo “futuro deles”. O diálogo entre as duas, mãe e filha, seguiu sobre a mãe permitir que a filha dormisse no colégio. A mãe não queria autorizar e disse que ela poderia participar do movimento desde que fosse na hora da aula dela.

Depois desse episódio, um aluno se ofereceu para me levar por um passeio pelo colégio. Fomos conhecer a cozinha e havia poucos alunos da comissão de alimentação porque já havia passado a hora do almoço e eles estavam lavando a louça para o jantar. A cozinha estava extremamente limpa e organizada. O aluno também me levou ao bosque do Cairu (e mostrou o estado de abandono dele) e ao mirante, onde é possível ter uma vista muito bonita dos morros que compõe a Serra dos Pretos Forros, no Meier. Desse mirante também era possível enxergar o portão do estacionamento (entrada oficial da ocupação) e perceber por que os alunos transferiram a entrada para aquele lugar: o ponto é estratégico para observar (sem ser observado) quem sobe a ladeira e se aproxima do Cairu.

Quando terminamos nosso tour, encontramos um grupo de alunos no pátio principal. A aluna Talita veio comentar com a gente e com outro grupo de pessoas que os integrantes da comissão de segurança (formada por meninos) estavam pensando em proibir as meninas de andarem de short na ocupação. A Talita e outras alunas e professores que ouviram isso ficaram muito irritados, dizendo que isso era um absurdo porque restringia a liberdade das meninas [TAG: DISPUTA DE DISCURSOS]. Nessa conversa também foi colocado que só poderia fazer as refeições no colégio quem estivesse apoiando o movimento.

Logo depois disso, encontrei com um grupo de professores apoiadores da ocupação e eles comentavam, entre outras coisas, como era interessante que os alunos estivessem querendo saber mais sobre alguns personagens históricos rivais para poder se apelidarem internamente nas disputas pela ocupação, como Stalin e Trotsky, por exemplo. Em outro momento, um dos professores disse que uma aluna iria trazer a avó para dormir com ela no fim de semana.

O colégio estava com bastante gente nesse primeiro dia que fui lá. Eu fui bem recebida e tive muita liberdade para andar e conversar com as pessoas. Os banheiros estavam bem limpos, com papel higiênico em todas as cabines, assim como a cozinha. Havia um cartaz enorme na porta do banheiro pedindo para todos terem cuidado com as instalações e zelar pela limpeza dele.

Por toda escola estavam espalhados cartazes com dizeres como “Garanta sua voz”, “Quem luta, educa”, “Lutar, resistir”, “Só a luta muda a vida”, “Cuide da sua escola”, “A Revolução será feminista”, entre outros. Importante destacar também que no auditório havia uma faixa bem grande presa no 2º pavimento com a frase “O pensamento leva à revolução”. As frases desses cartazes não davam voz a apenas à luta deles, mas também deixavam transparecer que mesmo nesse movimento unificado, havia ali disputa de discursos [TAG: DISPUTA DE DISCURSOS]. Quando fui embora, notei que em uma das paredes da escada que dá acesso ao teatro já estava um cartaz grande com a programação do dia seguinte, que incluía aula de geografia, oficina de capoeira, aulão de história e roda de rima.

*09 de abril de 2016 – sábado - 6º dia da ocupação*

Na noite anterior, vi na internet que a polícia foi à outra escola ocupada, a Chico Anysio, e fiquei com medo da polícia chegar ao Cairu. Fui até lá com um certo receio, mas, ao chegar, vi que tudo estava tranquilo. Novamente fui recebida pelos alunos da comissão de segurança e, assim que entrei no pátio externo, conversei um pouco com o professor Fausto. Ele me disse que era muito importante o apoio de pessoas de fora ao movimento porque os alunos não estavam dando conta de fazer as principais atividades, como o tour pela escola, por exemplo. Essa atividade ganhou um status muito importante para a ocupação porque foi a forma que os alunos encontraram de mostrar como a escola está abandonada. O professor comentou comigo também que era uma pena a pouca aderência dos pais ao movimento e que os pais que estavam lá naquele dia estavam ajudando na cozinha. Aliás, esse era um dia que os alunos reservaram para conversar com os pais sobre o movimento.

Fui até a cozinha e lá encontrei algumas alunas da comissão de alimentação, a Sandra e a Regina. Nesse dia, também estava lá uma equipe de cinema registrando a movimentação. O pai da Sandra estava lá com ela e conversamos um pouco. Ele falou que apoiava o movimento e que nunca imaginou que a Sandra fosse participar dele

porque ela é coroinha na igreja. Conversamos muito sobre religião e política no corredor do lado de fora do refeitório enquanto outros visitantes passavam por nós conhecendo o colégio. Esse foi um dia bastante movimentado. A avó da Regina estava ajudando na cozinha. Ela era a avó que haviam comentado no outro dia que iria acompanhar a neta, passando a noite no Cairu. Era 10:40 da manhã e o almoço (uma peixada) estava pronto. Ela preparava um doce com as bananas que haviam sido doadas e, enquanto conversávamos, ela me disse que apoiava o movimento e que os alunos precisavam mesmo cuidar do colégio porque aquilo era o futuro deles. Ela disse que a Regina acorda às 4h30 da manhã para estar no Cairu todos os dias. Perguntei sobre a experiência de ter dormido lá e ela disse que não dormiu bem porque ficaram preocupadas. Ela disse que uns meninos invadiram a escola de madrugada para fumar lá dentro. Não eram alunos, mas sim uns meninos do bairro que já costumam entrar no Cairu pulando o muro do estacionamento. Nesse dia visitei a cozinha e fiquei muito impressionada com a quantidade de comida que eles receberam como doação nessa primeira semana. Era uma sala grande com muitos quilos de arroz, feijão, macarrão, fubá, açúcar, litros de óleo, biscoitos e muitas frutas. A despensa estava absolutamente organizada.

Neste dia conversei com outro professor. Ele me contou que o Cairu foi o último colégio a resistir ao processo de intervenção da Secretaria de Educação (assunto que eu não entendi em um primeiro momento) e disse que a ocupação do Cairu estava tendo um perfil diferente das outras porque os alunos estavam abrindo as portas para todas as pessoas que quisessem visitá-lo (em comparação a outras ocupações que não estavam permitindo isso).

Segui para a reunião com os pais dos alunos, realizada no refeitório. Professores, pais e alunos conversavam sobre a precariedade do colégio, sobre os equipamentos de som (amplificadores) que foram descobertos numa sala fechada e nunca foram distribuídos, mesmo sendo uma reivindicação dos professores. Um pouco depois, chegaram vários visitantes de outras escolas (alunos e professores) querendo mais informações sobre a ocupação do Cairu. Nesse momento, uma cena que chamou muito minha atenção: os alunos ensinando o passo a passo do movimento. Achei interessante porque, geralmente, são os professores que ocupam essa função em sala de aula. A ocupação estava proporcionando a inversão dessa relação [TAG: PROTAGONISMO DOS ALUNOS].

Saí de lá com uma professora visitante para fazer outro passeio pelo Cairu. O aluno da comissão de segurança levou a gente para conhecer o que eles chamavam de “Bat Caverna”. Esse espaço é um prédio muito antigo que funcionou por um tempo como cantina e vestiário masculino, além de abrigar uma quadra, e agora está ocupado por estantes enferrujadas e muitas mesas e carteiras em ótimo estado de conservação, mas muito sujas, em função do abandono. O aluno que estava com a gente falou da vontade que ele tinha de botar ordem naquilo tudo. A professora alertou que eles não poderiam mexer naquilo porque é patrimônio da escola. O aluno disse que as paredes do ginásio poderiam receber uns grafites.

Encontrei com a aluna Joana em uma das escadas do Cairu e conversamos um pouco. Perguntei para ela até onde ela achava que iria o movimento e ela respondeu: “Até a gente ganhar”. Perguntei se ela estava com medo de alguma coisa e ela disse que estava com medo de perder essa luta, que ela entra nas coisas para ganhar e tem dificuldade de lidar com as perdas [TAG: JUVENTUDE, MEDO E LUTA POLÍTICA]. No meio dessa conversa chegou o professor Pedro falando com a Joana sobre os casos de machismo que estavam acontecendo na ocupação. Eles falavam da necessidade de fazer uma reunião para resolver isso. Um pouco depois dessa conversa, outros alunos se aproximaram e descobri que um deles era aluno do NAVE<sup>78</sup> e que estava lá para dar apoio ao movimento.

*10 de abril de 2016 – domingo - 7º dia da ocupação*

A programação da ocupação planejou para este dia a exibição do filme “5x Favela agora por nós mesmos” e debate com alguns diretores. Cheguei ao teatro e tinha pouquíssima gente e quase nenhum aluno da ocupação. Estava bem vazio porque era um domingo e os alunos do Cairu não estavam conseguindo comparecer no fim de semana às atividades porque o cartão de transporte deles só cobria os deslocamentos em dias de aula, durante a semana. Esse foi, inclusive, um dos grandes motivos apontados pelos alunos que impediu uma maior mobilização. Além disso, a máquina de recarga do cartão que fica no colégio estava desligada e a Secretaria de Educação alegava problema no aparelho.

---

<sup>78</sup> Núcleo Avançado de Educação sediado no Colégio Estadual José Leite Lopes, na Tijuca. O NAVE é uma parceria entre a Secretaria de Estado e a empresa de telecomunicações Oi. A escola também foi ocupada.

Antes do filme conversei com uma ex-aluna que estava lá. Ela disse que saiu do Cairu em 1994 e que o colégio está do mesmo jeito. Disse que estava feliz com a ocupação e que se sentia representada pelo movimento. Havia ainda outros ex-alunos, alguns professores (do Cairu e de fora), uma pesquisadora de Políticas Públicas da UERJ e os meninos do NAVE que ajudaram muito a organizar a sessão montando os aparelhos de projeção e caixas de som.

Uma das diretoras (Manaíra Carneiro) de uma das histórias do filme (eram cinco) estava lá para conversar com as pessoas após a exibição. A história dela no filme se chama “Fonte de Renda” e fala de um rapaz morador da favela que passa para o curso de direito numa faculdade particular e se depara com as dificuldades financeiras para sustentar o estudo (livros, xerox, transporte). O rapaz, em princípio, não tem envolvimento com o comércio de drogas, mas percebe que o dinheiro que ele consegue ao entregar drogas para seus colegas de turma de classe média é uma solução para que ele consiga arcar com as despesas do curso. Uma ex-aluna do Cairu e um ex-aluno do NAVE falaram no debate como a história da Manaíra dialogou com eles por retratar justamente a dificuldade em sustentar e se manter em um curso na faculdade.

O debate avançou e um dos meninos do NAVE apontou uma questão muito pertinente sobre a representação do movimento. Disse que quando estava editando um vídeo sobre a ocupação, passou por umas cenas da assembleia que são típicas de assembleia de estudante: alguns prestando atenção, outros conversando, e ficou com medo de colocar isso no vídeo para não parecer que as pessoas não estão levando a sério. E depois decidiu colocar por que isso é uma característica dos jovens mesmo. Ele disse que se pegou pensando até que ponto ele manipula a imagem para fortalecer o movimento ou deixa a imagem “falar” mais alto [TAG: IMAGEM DO MOVIMENTO]. O debate correu mais um pouco com críticas à parceria entre o Estado e a Oi para a criação do NAVE e os ex-alunos de lá mencionaram como essa parceria parecia uma tentativa de transformar o colégio num colégio particular, de afastá-lo da imagem de colégio público. Um professor presente apontou que essa parceria é a primeira tentativa de privatização da educação pública no Rio de Janeiro.



*12 de abril de 2016 – terça-feira - 9º dia da ocupação*

O dia começou com um aulão de história para os alunos do 3º ano<sup>79</sup>. Esse foi mais um dos aulões que pude presenciar durante a ocupação. O professor apresentava numa projeção um esquema no word sobre imperialismo. Havia mais ou menos uns 30 alunos e todos eles estavam bem apáticos, com exceção dos momentos em que o professor explicava curiosidades como a origem da palavra “gari” ou o surgimento da empresa Light, que controla o fornecimento de energia no Rio de Janeiro. A apatia dos alunos e a aula do professor me fez pensar na dificuldade dessa relação entre esses dois sujeitos: de um lado, professores desestimulados para apresentar um conteúdo de forma interessante; de outro, alunos completamente atravessados pelas novas tecnologias e pelo hiper estímulo [TAG: GERAÇÃO HIPERTEXTO].

No fim do aulão, uma aluna avisou as pessoas sobre a oficina de não violência que ia começar na sala em frente. Os alunos ouviram, mas poucos compareceram à atividade. Particpei da oficina junto com mais 15 alunos, aproximadamente. Entre eles estava um grupo do Colégio Pedro II, do curso técnico de informática. Asicineiras falavam sobre as diversas formas de violência que atravessam nossas vidas hoje em dia, da importância do diálogo e de ouvir o outro, e faziam comentários acompanhados da leitura de um texto sobre a paz. A Leila, aluna que convocou as pessoas, participava da oficina, mas, a todo momento, era chamada por alguém da ocupação, seja na janela da sala onde estava acontecendo a atividade ou na porta. A movimentação dela era sentida por todos porque a atividade era em roda e, além disso, ela chamava atenção por estar mascando chicletes e estourando bolas com a boca. Em um determinado momento, uma dasicineiras disse para a Leila, de forma bastante ríspida, que ou ela participava da atividade ou saía porque o comportamento dela estava atrapalhando. Leila saiu da atividade bastante aborrecida dizendo que a culpa não era dela. Isso porque ela era da comissão de atividades da ocupação e toda hora era solicitada por alguém. Depois do episódio, um professor conversou com asicineiras explicando que a Leila tinha ficado chateada com a postura delas e que elas precisavam entender que a lógica da ocupação era essa mesmo, com o protagonismo dos alunos em várias frentes. Conversei um pouco depois com esse professor sobre a complexidade de entender a dinâmica de uma atividade na ocupação e sobre qual lógica deveria imperar: a da sala de aula (todos

---

<sup>79</sup> O envolvimento dos alunos com a ocupação era dividido entre os alunos do 1º, 2º e 3º ano, dos turnos da manhã, tarde e noite. A faixa etária deles está entre 16 e 18 anos, em geral.

calados ouvindo alguém) ou o movimento inquieto dos alunos se dividindo em várias atividades [TAG: DINÂMICA DA OCUPAÇÃO]. Também conversei rapidamente com asicineiras depois das atividades e elas me falaram sobre a consideração que deveriam ter com elas pelo fato de estarem ali fazendo um trabalho voluntário com os alunos. Eu achei curioso que numa atividade de não-violência tenha acontecido justamente um episódio violento.

Nesse dia, almocei com os professores na casa antiga que fica ao lado da entrada do estacionamento. Essa casa é da esposa e do inspetor do Cairu que moram nesse lugar há uns 30 anos. O Cairu é uma extensão da casa deles e eles conhecem todos os moradores das imediações do colégio, a ponto de formarem uma rede de proteção quando algum problema acontece (como alguma movimentação estranha na rua ou no colégio, de madrugada ou nos fins de semana, que necessite da ação da polícia). A Zilá, de uma simpatia e delicadeza encantadoras, faz almoço para os professores e a casa dela é um importante espaço de socialização entre eles. A casa é cercada de árvores e plantas conferindo um aspecto de sítio ao lugar. É impressionante como apenas alguns passos (do estacionamento para a casa) parecem separar duas dimensões diferentes. Fiquei com a impressão que o carinho e a atenção da Zilá, traduzidos na comida que ela faz<sup>80</sup>, servem como uma breve pausa dos problemas que os professores vivenciam. Além disso, ela assume um pouco o papel de “mãe” dos alunos e tem uma relação de muito carinho com eles. A Zilá tem um cachorro que os alunos apelidaram de Metro. O cachorro tem uma namorada que vem visitá-lo de vez em quando e, também apelidada pelos alunos, se chama Seeduc<sup>81</sup>. Eu achei essas nomenclaturas sensacionais.

À tarde houve um intenso debate sobre racismo no auditório. Vale destacar que esse era um dos locais mais importantes para a ocupação. Ali estavam acontecendo todos os aulões, assembleias e demais atividades decididas pelos alunos. Lá ficavam guardados as tintas, os pinceis e os papelões que os alunos estavam usando nas oficinas de cartazes que rolavam com muita frequência (quase todo dia). Era uma espécie de QG da ocupação, mas, mesmo antes dela, os alunos já utilizavam bem esse espaço com

---

<sup>80</sup> O almoço, nesse dia, era uma salada verde, arroz com galinha, sorvete caseiro de maracujá e suco de frutas natural.

<sup>81</sup> Seeduc é a Secretaria de Estado de Educação e Metro é referência da Metropolitana III, nome informal para a Diretoria Regional de Educação (DRE) III, umas das 14 regiões administrativas e pedagógicas definidas pela Seeduc.

diversas atividades como, por exemplo, o Show de Talentos. A primeira foto do perfil da ocupação no Facebook é a de uma assembleia no auditório:



Fonte: reprodução Facebook

Uma das reivindicações dos alunos da ocupação era conseguir melhorá-lo porque ele está com uma série de cadeiras quebradas, paredes riscadas e o mezanino com sérios problemas estruturais (reboco caindo, janelas quebradas). Mas voltando ao debate, tinha cerca de 30 pessoas, entre alunos, professores e voluntários. A professora explicava questões como a formação de uma sociedade racista e sobre o que é ser racista no Brasil. Muitas pessoas debaterem o assunto. Entre eles, um aluno negro opinou sobre as cotas dizendo que ele era contra porque elas são uma forma de dizer que ele é “burro” e que ele precisa de “ajuda” para entrar na universidade. Uma voluntária que participava da atividade colocou também que se incomodava muito com o fato de “ser negro estar na moda”. Ela se referia ao que ela chamava de apropriação cultural, utilizando como exemplos o fato de uma garota branca e loira fazer dreads<sup>82</sup> no cabelo para um festival de música e ser bem vista (“estar na moda”), e por outro lado, o caso de uma médica negra que foi obrigada a retirar os dreads para poder trabalhar em um hospital. Esse debate foi uma das atividades mais intensas que presenciei, com muita participação das pessoas mostrando muito interesse pelo assunto. Essa atividade me fez pensar nas múltiplas possibilidades de aprendizado que a ocupação estava proporcionando, em comparação às aulas típicas. Quando ele terminou, conversei rapidamente com o aluno que tinha opinado sobre as cotas. Ele disse que tinha 14 anos,

---

<sup>82</sup> Em referência a dreadlock, forma de manter os cabelos com grossas mechas cilíndricas que se tornou muito conhecido através do movimento rastafári.

que “ninguém dava nada por ele”, mas que ele já tinha estudado em colégio particular, fala inglês e estava terminando o espanhol. [TAG: IDENTIDADE JOVEM].

Esse dia terminou com uma oficina de capoeira. Antes de ir embora, encontrei com um senhor que visitava a ocupação. Ele era um ex-aluno do ano de 1983 (ele levou sua carteirinha de aluno) e foi lá dar apoio ao movimento.

*13 de abril de 2016 – quarta feira - 10º dia da ocupação*

Dia de assembleia dos alunos. Cheguei cedo para acompanhar. O auditório foi enchendo aos poucos. A assembleia foi conduzida pela comissão de comunicação formada pelos alunos que se envolveram na mobilização inicial para a ocupação. Observei que logo após a entrada deles no auditório, as conversas entre os alunos que esperavam a assembleia diminuíram. Antes da assembleia começar, alguns alunos vieram conversar comigo para saber quem eu era e o que eu estava fazendo ali. Expliquei minha pesquisa e elas disseram que estavam preocupadas com o vazamento de informações. Elas disseram que não tinha problema a minha participação ali naquela ocasião e me explicaram que a ocupação do Cairu estava com um perfil diferente das outras, que estava aberta para as pessoas de fora. Disseram que estudaram muito a cartilha de ocupação<sup>83</sup> antes de ocupar. Perguntei a elas se algum partido político tinha entrado lá na ocupação e elas disseram que sim. Contaram que alguns integrantes chegaram como voluntários e depois começaram a distribuir adesivos do partido político dentro do colégio. Assim que os alunos perceberam essa ação, recolheram os adesivos e pediram para que os integrantes se retirassem do Cairu [TAG: QUESTÕES SOBRE REPRESENTAÇÃO].

A assembleia começou com a comissão de comunicação perguntando se os alunos estavam gostando da ocupação. A maioria respondeu que sim. Os alunos deliberaram sobre a participação dos professores nas assembleias (sem direito a voto) e as opiniões se dividiram: uma parte votou contra porque achava que a participação dos professores poderia influenciar a opinião dos outros. Outra parte colocou que essa influência iria acontecer de toda forma, direta ou indiretamente. O assunto migrou para a participação de pessoas de fora na assembleia e um aluno apontou para a militante da

---

<sup>83</sup> Disponível em <https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>  
Acesso: mai. 2016

UBES<sup>84</sup> que estava no auditório. Houve um tumulto em relação a isso, vários alunos começaram a falar ao mesmo tempo e a mesa pediu para a militante sair. Depois dela, levantaram a minha participação na assembleia. As alunas que tinham conversado comigo no início me defenderam dizendo que o meu caso era diferente porque eu estava fazendo um trabalho sobre a ocupação. Achei melhor consultar a mesa e eles me pediram para sair. Acatei a decisão. A firmeza na decisão deles me mostrou que eles estavam muito conscientes da importância de manter todas as decisões entre eles. Não sei o que foi decidido no fim da assembleia e eles mantiveram a decisão de permitir somente a participação dos alunos do Cairu.

Quando saí, encontrei a menina da UBES que tinha saído da assembleia. Perguntei como ela estava se sentindo e ela disse que tinha ficado muito irritada porque ela era uma das únicas pessoas que estavam dormindo no Cairu todas as noites e que ela estava ajudando a ocupação muito mais do que outros alunos do colégio. Em vários momentos percebi que a postura dos alunos era, em geral, a de aceitar a ajuda dos voluntários da UBES, mas de não permitir que eles tomassem decisões por eles. Até porque a decisão pela ocupação foi feita entre alunos que já se conheciam, entre colegas, no mínimo. Os militantes da UBES chegaram lá logo nos primeiros dias da ocupação e pareciam estar muito à vontade, mas era muito perceptível que não havia uma integração entre eles e os alunos do Cairu e, em alguns momentos, pude perceber conflitos em relação a isso.

*14 de abril de 2016 – quinta feira - 11º dia da ocupação*

O dia foi de cine-debate sobre a ditadura militar com a exibição do filme “Batismo de Sangue”<sup>85</sup>. Quem propôs a atividade foi um professor de fora do Cairu, ex-professor da rede particular de ensino Pensi. Havia pouquíssimos alunos da ocupação no auditório (dois ou três, apenas). A maioria dos alunos presentes (uns dez) era de ex-alunos do professor que conduziu o debate. Duas observações sobre isso: os alunos da ocupação não se interessaram pelo filme, apesar do tema apresentar questões políticas que têm conexão com as ocupações. Por outro lado, é próprio da ocupação também que os alunos tenham plena liberdade para participar das atividades. Com quase 2 semanas de ocupação, a comissão de atividades estava tendo muito trabalho para organizar todas

---

<sup>84</sup> União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

<sup>85</sup> Filme brasileiro de Helvécio Rattón lançado em 2007. O filme é baseado no livro homônimo de Frei Betto e fala de um núcleo de resistência à ditadura militar formado por alguns frades dominicanos.

as propostas porque muita gente estava querendo participar. O Ocupa Cairu se transformou numa das ocupações mais representativas do levante de ocupações das escolas do Rio de Janeiro. Soma-se a isso ainda o fato do Cairu ser um dos colégios mais tradicionais do bairro (o que significa dizer que ele é muito conhecido). Outro aspecto que chamou a atenção foi a presença dos alunos da rede particular na ocupação. Conversei com uma das alunas e ela me disse que a mãe dela estudou no Cairu e que ela, a aluna, estava muito ciente de que, se não fosse a bolsa no Pensi, ela estudaria no Cairu e que ela se sentia muito representada pela ocupação [TAG: QUESTÕES SOBRE REPRESENTAÇÃO].

Após a exibição, o professor puxou o debate sobre trechos do filme. Ele explicou conceitos como a banalidade do mal, da Hanna Arendt, e falou sobre a perseguição ao ativismo. Os alunos estavam prestando muita atenção. Um dos alunos do Cairu que havia assistido o filme falou sobre o medo que eles sentiram no dia que a polícia apareceu por lá<sup>86</sup>. Outra aluna também se manifestou dizendo que ela ficou muito feliz quando o professor falou do sentimento de esperança que a ocupação estava causando nele. Conversei com ela depois e ela me disse que não estava participando de nenhuma comissão da ocupação, que ela queria apenas observar.

Nesse dia notei que no banheiro feminino do Cairu foi colocada uma caixinha de absorventes com a inscrição “Se está precisando, pegue. Se está sobrando, doe”. Achei isso um exemplo, entre outros, muito ilustrativo da lógica colaborativa que impera na ocupação.

Só a partir desse dia comecei a me sentir à vontade para gravar entrevistas. Fui recebida, nos primeiros dias, com uma certa desconfiança por parte de alunos e professores. Achei até bastante natural que eles se sentissem assim porque esse é um movimento que congrega muitos interesses, inclusive aqueles de quem é contra o próprio movimento. Quem poderia garantir a eles que eu não era alguma espécie de espiã da Secretaria de Educação ou da mídia, querendo coletar dados para minar o movimento? Preferi aguardar que eles confiassem em mim para fazer isso.

*16 de abril de 2016 – sábado - 13º dia da ocupação*

---

<sup>86</sup> Pelo que pude averiguar, foi só uma visita protocolar da polícia ao colégio. Eles não chegaram a entrar no Cairu.

O sábado foi de feijoada na ocupação. Cheguei no refeitório e vi umas pessoas novas na cozinha (não eram os alunos que eu estava acostumada a ver). Notei também que os utensílios que eles usavam eram diferentes do que eu tinha visto antes. Descobri depois que era uma chef de cozinha chamada Bianca Barbosa que tinha ido lá fazer uma feijoada para os ocupas. Muitos alunos e voluntários apareceram para almoçar e foi um dos dias que o refeitório do Cairu esteve mais cheio (tinha umas 50 pessoas).

Havia também um grupo com uns instrumentos de percussão da Apafunk<sup>87</sup>. Conversei com um dos integrantes desse grupo e ele me falou que ele era a 3ª geração de pessoas da família dele formadas no Cairu. Disse que a ocupação estava fazendo ele se apaixonar de novo pelo magistério e que, na época dele de aluno, eles chegaram muito perto de uma mobilização como a ocupação, mas que parecia faltar alguma coisa para que ela acontecesse. Disse também que o Cairu sempre foi um colégio muito importante na militância de esquerda.

Depois do almoço, rolou a oficina de percussão e alguns alunos participaram. Vendo essa cena, pensei como a estrutura do colégio estava sendo utilizada para uma atividade extra que estava mobilizando os alunos em um fim de semana e porque isso não poderia ser uma atividade regular do colégio.

Nesse dia conversei com uma militante da UEES<sup>88</sup> e ela me disse que fazia uma semana que ela não ia para casa porque estava circulando entre as ocupações de todos os colégios e que, na percepção dela, o Cairu era o mais organizado de todos. Até esse momento, havia cerca de 40 escolas ocupadas na cidade<sup>89</sup>. Reencontrei também a militante da UBES que saiu da assembleia a pedido dos estudantes (assim como eu) e perguntei como ela se sentiu no dia. Ela chamou os alunos do Cairu de egoístas porque ela estava ajudando muito a ocupação, todos os dias e, além disso, era uma das poucas pessoas que estava dormindo lá. Perguntei porque ela estava fazendo isso pelo Cairu. Ela disse que era por amor ao movimento e disse que todos os militantes da UBES fazem isso por amor à causa. Disse que ela parou de perguntar aos alunos sobre as coisas da ocupação e quando ela tinha alguma dúvida, perguntava para os professores.

---

<sup>87</sup> Associação dos Profissionais e Amigos do Funk.

<sup>88</sup> União Estadual dos Estudantes Secundaristas.

<sup>89</sup> Nesse mesmo dia, matéria no G1 exibe uma entrevista com o Secretário de Educação, Antônio Neto, afirmando que a ocupação das escolas “era legítima” e garantindo que a polícia não deveria se envolver no assunto. A matéria aponta também que até aquele momento havia 40 escolas ocupadas no Rio de Janeiro. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/ocupacao-de-escolas-e-legitima-diz-secretario-de-educacao-do-rj.html>. Acesso em out. 2016

Quando eu questionei o que ela achava disso tudo (do movimento, da atuação dela, da interação dela com os alunos) ela me respondeu, com lágrimas nos olhos, que o sentimento é que ela tinha fracassado [TAG: QUESTÕES SOBRE REPRESENTAÇÃO].

*17 de abril de 2016 – domingo - 14º dia da ocupação*

Com duas semanas de ocupação, esse era um domingo especial para o Cairu. Já estava sendo organizada há alguns dias uma intensa programação com muitas atividades culturais. Estava programado vôlei com os veteranos, oficina de hip hop e grafite, música eletrônica. Cheguei por volta de meio dia e notei que os alunos incrementaram a sinalização da ocupação no portão de entrada. Eles fizeram mais um cartaz com as reivindicações deles, colocaram mais adesivos do Ocupa Cairu, criaram crachás para identificar as pessoas da ocupação. No perfil deles no Facebook, eles postaram que não seria admitida a entrada de pessoas com mochilas e sacolas e nem o consumo de bebida alcoólica e cigarro dentro do colégio. Importante destacar que até esse dia a página já contava com 6.000 curtidas<sup>90</sup> (e fazia cerca de duas semanas que ela havia sido criada).

O Cairu estava em clima de festa. Alguns voluntários tinham emprestado umas caixas de som e uns aparelhos eletrônicos e a música estava tomando conta de todo o colégio e até fora dele. Considerando que o Cairu está localizado numa área deserta, o som dele estava ecoando pelas redondezas. Aquela área que geralmente é “morta” estava exalando vitalidade em pleno domingo.

O evento atraiu bastante gente. Tinha muitas pessoas diferentes por lá, muita gente de fora. Nesse dia conheci duas equipes que foram filmar a ocupação para fazer vídeos sobre eles em seus canais no You Tube. Um deles, o Raykar com R no Final<sup>91</sup>, foi convidado pelos próprios alunos da ocupação [TAG: GERAÇÃO HIPERTEXTO]. O Raykar, um vlogger jovem que comenta assuntos sobre a juventude de forma muito leve e engraçada, foi chamado porque os alunos já o conheciam e gostavam dele. Eles queriam que alguém de fora e com a linguagem dele falasse do Ocupa Cairu. O outro vlogger que estava lá era o Lucas Lima, do Canal Plá<sup>92</sup>, um canal com um perfil um

---

<sup>90</sup> Link para a página da ocupação no Facebook: <https://www.facebook.com/OcupaCairu/?fref=ts>. Após a ocupação, o nome OcupaCairu foi alterado para Cairu Resiste. Atualmente (fevereiro/2017) conta com 8.328 curtidas.

<sup>91</sup> Vídeo sobre a ocupação produzido pelo Raykar disponível no canal Raykar com R no final através do link <https://www.youtube.com/watch?v=8XgE2yXl4Io>. Publicado abril de 2016.

<sup>92</sup> Vídeo sobre a ocupação produzido pelo Canal Plá disponível através do link <https://www.youtube.com/watch?v=BH87tlxSVXk>. Publicado em julho de 2016.



pouco mais de documentário sobre assuntos do cotidiano. Os dois conversaram comigo sobre a minha pesquisa e, no vídeo do Canal Plá, aparecem trechos da minha entrevista falando sobre as coisas que eu observei na ocupação.

Nesse dia, os alunos prepararam um esquema na cantina para vender cachorro quente, pipoca e guaraná para arrecadar recursos para a ocupação e os professores estavam ajudando a fazer a comida para vender. O Lucas, do Canal Plá, perguntou aos professores se eles podiam filmar e eles responderam que era preciso perguntar para os alunos já que eles davam o comando da ocupação. A ideia de vender comida fazia todo o sentido já que eles programaram um dia inteiro de atividades em pleno domingo onde não havia nenhum lugar por perto para comer. Além disso, era uma outra forma de arrecadar recursos, já que os alunos estavam indo para os sinais das imediações do centro do Meier pedir doações para a ocupação.

Entre as muitas pessoas que estavam circulando lá por nesse dia, muitos jovens estilosos com bonés, tênis coloridos, camisetaões e roupas de marca. As meninas também estavam super arrumadas, algumas alunas da ocupação tinham deixado o uniforme de lado e estavam de vestido, maquiadas e perfumadas. O clima era de festa como raramente se viu no Cairu em um domingo, como pude apurar. O bloco de carnaval Maracutaia também estava lá nesse dia com instrumentos de percussão e as meninas com suas saias rodadas de chita. Isso deu um super colorido ao evento.

Passei por duas meninas muito bonitas, negras, com cabelos cacheados e volumosos (uma delas com cachos rosas na ponta), com um estilo hip hop (camisetão, tênis, calça jeans apertada, óculos de sol espelhados e batom rosa). Elas são duas irmãs, ex-alunas do Cairu, e estavam lá para dar oficina de hip hop. Uma delas tem um companhia de dança em Marechal Hermes, no subúrbio do Rio. Conversei com elas sobre a ocupação e a atividade que elas estavam propondo lá e elas falaram sobre a possibilidade da dança (como o hip hop, por exemplo) também ser um canal de possibilidade para expressão da revolta com alguma questão porque, às vezes, a voz pode não ser ouvida e o movimento com o corpo tem mais visibilidade.

*19 de abril de 2016 – terça feira - 16º dia da ocupação*

Esse foi um dos dias mais tensos e intensos da ocupação no Cairu. De manhã, assim que cheguei, encontrei um ex-aluno, Olavo, que saiu do colégio no ano passado.

Conversamos um pouco sobre a vida dele: ele mora no Lins<sup>93</sup>, é católico e quer seguir a carreira militar. Complementando essas informações, seu visual: brincos, camisa preta com dizeres de rock, cabelo com um corte moderno, colar. Enquanto conversávamos, chegou um ex-professor dele e eles lembraram os tempos de sala de aula, onde eles debatiam muitas questões. Percebi que o discurso dele era bastante politizado através da conversa que ele travou com o professor. Conversamos um pouco sobre a ocupação do Central<sup>94</sup> e ele me disse que a situação lá estava complicada, em comparação ao Cairu. Isso porque estava havendo muito conflito entre os alunos a favor e contra a ocupação. Ele me disse também que o perfil dos alunos do Central era um pouco diferente dos alunos do Cairu, afirmando que o primeiro atendia uma classe mais elitizada de alunos e que o segundo, em contrapartida, têm alunos mais politizados.

Saí da conversa com ele no pátio principal<sup>95</sup> e fui para o auditório. Nesse dia estava acontecendo uma conversa sobre os heróis da Marvel com o mesmo professor que promoveu o debate sobre o filme *Batismo de Sangue*. A atividade estava acontecendo em roda e tinha uns 25 alunos, muitos deles da ocupação. Eles estavam prestando muita atenção no debate. O professor estava apresentando a história dos heróis e da própria Marvel relacionando com a história e o contexto político dos EUA. Quando saí dessa atividade, encontrei outras três ex-alunas que foram dar apoio à ocupação. Elas disseram que, na época delas (entre 2010 e 2012), o Cairu funcionava bem, que elas apoiam a ocupação e que estudar lá mudou a vida delas por conta das amizades que elas fizeram. Enquanto eu conversava com elas, notei que o Olavo, ex-aluno que eu havia conversado mais cedo, estava colando cartazes nas paredes do pátio com outro do aluno do Cairu com os dizeres “Não ao aborto. Respeite a vida.” [TAG: DISPUTA DE DISCURSOS].

Na parte da tarde voltei ao colégio e notei uma aglomeração dos alunos no portão. Acompanhei a conversa e vi que duas alunas do Central tinham ido ao Cairu pedir ajuda para ocupar o colégio. Elas acreditavam que se juntasse um bom número de alunos lá dentro, seria mais fácil ocupar porque o turno da manhã não estava querendo a

---

<sup>93</sup> Lins é um bairro que integra a região conhecida como Grande Meier e é formado por um complexo de casas no asfalto e no morro. O Cairu atende muitos alunos que moram nesse bairro.

<sup>94</sup> Colégio Estadual Central do Brasil é um dos colégios mais antigos da região, junto com o Cairu, e eles ficam próximos um do outro. Alguns alunos e professores que entrevistei relataram uma rivalidade entre os colégios que nasceu dos campeonatos de esporte e concursos entre colégios que aconteciam nos anos 70, 80 e 90.

<sup>95</sup> Importante lembrar que esse pátio externo funcionou como uma espécie de praça pública da ocupação onde pude presenciar muitas conversas e acontecimentos.

ocupação e fizeram uma assembleia sem incluir o turno da tarde (que era favor da ocupação). A menina relatou também que havia sido ameaçada por alguns alunos contrários à ocupação e que tinham tentado arrancar o celular dela. Os alunos do Cairu ficaram bem exaltados com essa informação e seguiram para o Central. Havia cerca de 50 pessoas entre alunos, ex-alunos e voluntários. Quando eles estavam no caminho, um professor e uma militante da UBES alcançaram o grupo e fizeram uma reunião ali na calçada mesmo para falar do perigo desse enfrentamento, da importância de entender que a ocupação era um movimento político e que um episódio de violência poderia enfraquecê-lo, que o Cairu não poderia ficar desguarnecido e que esse não era o momento para resolver a rixa entre Central e Cairu. A militante da UBES pontuou ainda que os meninos não poderiam proteger as meninas o tempo todo. A reunião conseguiu desmobilizar o grupo que seguia para o Central. Uma parte seguiu para o colégio e uma parte retornou para o Cairu [TAG: IDENTIDADE JOVEM].

Acompanhei o grupo que seguiu para o Central. Durante o trajeto, conversei com a aluna que tinha ido pedir ajuda para o Cairu. Ela me disse que a motivação dela para estar no movimento era a educação como um todo e que ela fazia isso pelas próximas gerações que iriam estudar no Central. Falou que os pais dela estavam apoiando o movimento e que o pai dela esteve no colégio pela manhã com ela. Perguntei se ela tinha ficado com medo em algum momento e ela disse que de manhã tinha ficado sim, mas que agora estava mais tranqüila com o apoio do pessoal do Cairu. Ela confirmou a divergência que existe entre os turnos da manhã e da tarde no colégio, dizendo que parecem ser dois colégios diferentes porque o turno da manhã é o preferido da diretora da escola e que há também uma divisão entre os professores dos dois turnos. Na chegada ao Central, ela e o grupo entraram pela porta dos fundos. Eu fui para a entrada principal ouvir os alunos contrários à ocupação que estavam concentrados lá. Quando cheguei, vi uma aglomeração de uns 20 alunos e acompanhei o diálogo entre esse grupo e alguns professores. O grupo de alunos (da turma da manhã) argumentava que o Central não precisava de ocupação porque tudo lá funciona muito bem. Eles concordavam que o Cairu realmente precisava porque a estrutura do colégio está muito abandonada e elogiaram a ocupação do Cairu dizendo que eles estavam muito organizados, mas que no Central as coisas eram diferentes. Além disso, disseram que não houve comunicação sobre a ocupação. A professora que acompanhava a conversa perguntou se eles sabiam que as ocupações estavam sendo feitas em apoio à greve dos

professores e que tinha professor sem receber há 4 meses. Os alunos ficaram em silêncio nesse momento. Um pouco depois disso, a militante da UBES e o professor que conversaram com o grupo que tinha saído do Cairu entraram no Central. O grupo do lado de fora tentou ouvir o que eles estavam conversando. Decidi não entrar no Central. Conversei com outro grupo de alunas que estava do lado de fora e elas me disseram que eram contrárias à ocupação porque ela não tinha sido decidida coletivamente. Disseram que a ocupação iria atrapalhar o cronograma de quem ia fazer vestibular no fim do ano e que outro tipo de ocupação poderia ser pensada.

Voltei para o Cairu e vi na entrada do portão uma equipe de televisão. Quando me aproximei vi que era uma equipe da TV Globo formada por um repórter, um operador de câmera e um assistente. O professor explicava e eles que a entrada no colégio e a filmagem da ocupação dependia da autorização da comissão de comunicação formada pelos alunos. Eles resolveram entrevistar primeiro o professor enquanto os alunos procuraram algum integrante da comissão de comunicação para falar com eles. Ao fim da entrevista, um aluno da comissão autorizou a entrada da Globo. Ele primeiro levou a equipe a uma sala abandonada do Cairu onde estavam enormes pilhas de livros novos que não foram distribuídos aos alunos. O repórter pareceu não dar muita importância ao fato e quis ver o que estava ruim no colégio. O aluno da comissão de comunicação, Fábio, continuou a conduzir a equipe pelo Cairu levando eles para o corredor que dá acesso ao auditório e às salas de aula. Nesse percurso, a militante da UBES, Glória, veio questionar o Fábio de forma bastante ríspida sobre o porquê de ter autorizado a Globo a entrar na ocupação se na assembleia dos alunos havia sido votado restrições à mídia, ao horário que eles (os alunos) fariam com a imprensa e sobre o que poderia ser filmado. Fábio respondeu à Glória que eles, da UBES, não poderiam se intrometer nisso [TAG: QUESTÕES SOBRE REPRESENTAÇÃO]. A equipe saiu do corredor interno e migrou para o pátio principal. No paralelo, a tensão entre os alunos com a entrada da Globo provocou várias rodas de conversa com os ânimos exaltados. O operador de câmera filmou o banheiro do colégio sem o Fábio e sem a companhia de qualquer outro aluno e o Fábio argumentou que eles não podiam ter feito isso (acredito que os alunos não quisessem essa filmagem porque naquele dia o banheiro não tinha sido limpo). O repórter da Globo disse que ou eles filmavam tudo que eles quisessem porque os alunos não poderiam censurá-los ou eles não filmavam nada, que cabia aos alunos decidirem.

Nesse momento, todo esse grupo (Globo, alunos, militantes da UBES) estavam em outro parte do colégio, no ginásio coberto. Mais uma vez houve uma discussão entre o Fábio e outro militante da UBES questionando a filmagem. Enquanto eles discutiam, o repórter da Globo e os câmeras e assistente faziam piadas sobre a situação, dizendo que eles já tinham acompanhado guerras e ditaduras e que não seria ali numa ocupação de uma escola que eles seriam censurados. A interferência do militante da UBES com o Fábio naquele momento era para não mostrar a “Bat Caverna”. A Globo acabou filmando, de toda forma. Depois voltaram ao auditório para filmar uma aula de sociologia que estava acontecendo no auditório com os alunos da ocupação (devia ter cerca de 20 alunos) e finalizaram no pátio principal com uma gravação da chamada da matéria. O texto que o repórter estava dizendo apresentava outra leitura sobre a ocupação: ele começava com “Há 15 dias os alunos vem para o Colégio Visconde de Cairu mas não têm aula”, num tom depreciativo. [TAG: RELAÇÃO OCUPAÇÕES E MÍDIA]. Eu avisei o Fábio sobre isso (embora ele estivesse observando também) e ele foi falar com o repórter, com um certo receio. O professor que tinha dado a entrevista no começo acompanhou todo o trajeto da gravação. Nesse momento da chamada, percebi que o Fábio procurava o professor com um olhar de dúvida sobre o que ele deveria fazer naquele momento. O professor permaneceu calado e Fábio tomou todas as decisões sozinho. O repórter mudou o tom da chamada da matéria [TAG: JUVENTUDE, MEDO E LUTA POLÍTICA].

Quando a Globo foi embora, outra integrante da comissão de comunicação, Joana, chegou e a história da Globo tomou a dimensão de um grande conflito entre os alunos, ali mesmo no pátio externo. A discussão levantou várias questões da ocupação, sobre o que era permitido e proibido entre eles, e várias situações foram colocadas sobre o comportamento dos alunos e voluntários da UBES, com acusações dos dois lados. Eles decidiram levar essas questões para uma reunião que deveria acontecer naquele momento mesmo para não deixar o assunto esfriar. Seguiram, então, para uma sala reservada e eu não tive autorização para participar.

Fui para o auditório e acompanhei um pouco a outra atividade que estava rolando naquele momento. Era uma roda de conversa com o Ocupa Alemão<sup>96</sup>. A atividade tinha alguns alunos da ocupação e alguns professores, cerca de 20 pessoas. O

---

<sup>96</sup> Um coletivo de moradores formado para resolver os problemas na região do Alemão sem passar pela ajuda do Estado.

coletivo falou da experiência deles no Alemão e as formas que eles encontraram para resolver situações envolvendo o racismo, a militarização nas favelas, os casos de violência.

Saí dessa atividade e no pátio principal havia outra roda de conflito envolvendo os militantes da UBES e os alunos do Cairu. Os ânimos continuavam exaltados e eles relatavam alguma situação envolvendo homofobia. As professoras que ouviam a situação afirmavam que eles precisavam se entender para não enfraquecer o movimento. Em outro momento, encontrei a Joana, da comissão de comunicação, conversando com outras professoras dizendo que não estava entendendo o comportamento do Fábio e que ele não parecia mais aquele que tinha sentado com ela para estudar a apostila da ocupação e preparar o movimento. Nessa conversa também foi falado sobre a postura dos militantes da UBES e sobre até que ponto a presença deles na ocupação ajudava ou atrapalhava. Elas saíram dessa conversa no corredor que eu acompanhava e seguiram para um lugar mais reservado. Senti que elas estavam incomodadas com a minha presença. Fui embora depois disso e, na saída, entrevistei a Glória, da UBES, que tinha conversado com o grupo do Cairu de manhã sobre a ida deles ao Central.

Senti que os alunos estão ficando cansados com o movimento.

*21 de abril de 2016 – quinta feira - 18º dia da ocupação*

Era um feriado e o Cairu estava bem vazio. O problema do Rio Card ainda estava influenciando a ida dos alunos porque eles só tinham transporte para dias de aula. Cheguei ao refeitório e notei uns alunos diferentes cozinhando ao som de um pagode bem alto.

Nesse dia conversei com um funcionário muito antigo do Cairu. Ele disse que chegou no Cairu no ano de 64 e que antigamente o colégio tinha 44 salas e hoje só tem 30, que o grêmio do Cairu era muito forte nos anos 60 e que os alunos mais antigos mantêm um forte vínculo de amizade até hoje e que se encontram uma vez por ano. Em 64 ele disse que deu uma chuva muito grande no Rio e que o grêmio resolveu abrigar as pessoas no colégio. Nessa mesma época, ele disse que o Cairu era uma referência porque ganhava os concursos de banda e era campeão nos jogos escolares. Disse que na década de 70, o teatro do Cairu era muito forte também e mencionou que o Jorge Fernando (ex-aluno do Cairu e hoje diretor da Globo) começou no teatro ali. Ele disse que o bosque que tem lá é ainda maior que a área construída e que ele servia para

educação física antigamente, mas que dos anos 80 para cá ele foi abandonado. Falou também da “bat caverna” que está abandonada há uns 8 anos também e que os elevadores do prédio principal estão quebrados há anos e que, quando foram arrumados, só funcionaram por 1 semana. Ele disse que o Cairu é a vida dele. Durante nossa conversa, dois voluntários chegaram com doação de comida.

Os alunos que estavam cozinhando passaram por nós carregando um panelão de comida. Descobri nesse momento que eles eram alunos do Central e que o Cairu tinha cedido a cozinha para que os alunos fizessem almoço para o pessoal da ocupação porque o Central não tem cozinha. Eles carregaram um panelão de comida para cerca de 15 pessoas pela rua, numa distância que dura, aproximadamente, 10 minutos.

O colégio estava quase sem alunos nesse dia, bem vazio mesmo. No fim do dia soube que todo o equipamento de som da atividade cultural do domingo era do pessoal do Leão Etíope do Meier<sup>97</sup>. Empréstimo dos equipamentos sem custos para a ocupação foi a forma que eles encontraram de ajudar os alunos.

Neste dia, a página da ocupação divulgou a mobilização que a Secretaria de Educação estava fazendo com o movimento Desocupa<sup>98</sup>:

---

<sup>97</sup> Coletivo do Meier que realiza atividades culturais nas praças do bairro.

<sup>98</sup> Não é objeto dessa pesquisa, mas vale destacar que o movimento Desocupa foi criado pelos alunos contrários à ocupação das escolas, sob o argumento da ocupação não ter sido decidida de forma democrática ouvindo a opinião de todos os alunos. Eles alegam que as assembleias foram realizadas apenas com quem já era favorável à ocupação e, além disso, citam a preocupação com os dias de aula perdidos e a reposição do ano letivo. Matéria sobre o movimento em <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,alunos-criam-movimento-desocupa-ja-no-rio,1855862>. Acesso em: fev. 2017. Algumas páginas do movimento foram criadas no Facebook como o Desocupa Central (Colégio Central do Brasil) e Desocupa Mendes (Colégio Mendes de Moraes, primeiro a ser ocupado), disponíveis nos links <https://www.facebook.com/Desocupa-Central-216558508729565/?fref=ts> e <https://www.facebook.com/desocupamendes/?fref=ts>. Acesso em: fev. 2017.



Convocação Seeduc para passeata contra as ocupações. Fonte: reprodução Facebook.

Muitos boatos estavam começando a surgir sobre a ida do Desocupa ao Cairu, mas nada se concretizou. Diferentemente de outros colégios, o Cairu não teve uma grande adesão a esse movimento contrário à ocupação e os alunos mencionavam que isso aconteceu porque eles fizeram semanas de preparação com muitas assembleias para conversar com os alunos sobre isso.

*25 de abril de 2016 – segunda feira - 22º dia da ocupação*

Na programação do dia estava programado aulão de história, mutirão de limpeza, assembleia geral, oficina de cartazes e cine-debate. Consegui fazer algumas entrevistas com alunos da comissão da cozinha, da segurança e da comunicação. O cine-debate aconteceu com o filme Panteras Negras, tinha cerca de 10 alunos e o debate não avançou porque os alunos saíram durante a exibição. Neste dia, uma das entrevistas feitas com um aluno da comissão de comunicação, de 17 anos, do 3º ano, morador da Maré, revelou os primeiros passos da ocupação que começou como apoio à greve dos professores:

E a greve votada em assembleia dos professores seria uma greve de ocupação. Não ocupação de dormir e tal, é ocupação cultural: manter atividades no colégio e foi o que a gente fez aqui no Cairu por um bom tempo. Tinha debates sobre racismo, sobre diversas coisas. Fizemos uma roda de conversa sobre a ocupação e, a partir disso, a gente criou uma



comissão geral e foi crescendo o número de pessoas, foi crescendo esse núcleo de pessoas que queriam ocupar o colégio, mas a gente sempre deixou os pés no chão. Não vamos ocupar só por ocupar. Devemos ter estrutura para isso e tal. E foi aí que a gente decidiu... depois das duas primeiras ocupações, a primeira foi a Mendes e a segunda foi o Gomes,<sup>99</sup> ... A partir do momento que a Mendes ocupou, a gente começou a armar nossas estratégias. Quando o Gomes ocupou, aí a estratégia já estava pronta e a gente conseguiu cópia de todas as chaves do colégio e fomos trocando os cadeados deles (*da direção da escola*) e colocando os nossos. A gente conseguiu advogado e uma equipe de filmagem para o dia da ocupação. Fizemos uma assembleia [...] e lá a gente falou “O que vocês acham, o que devemos fazer de forma a radicalizar essa luta?” aí alguém nosso que já tava ali na plateia falou “Vamos ocupar o colégio”. Aí tá bom... vamos conversar sobre a ocupação. A gente já tinha tudo pronto, já tinha gente filmando e a gente decidiu ocupar, sabe (informação verbal)<sup>100</sup>.

Além dessa entrevista, também consegui conversar com outro aluno, do 2º ano, também com 17 anos, da comissão de segurança. Ele disse que nunca tinha se envolvido com movimento estudantil antes e que aderiu à ocupação por perceber que o Cairu estava muito sucateado e “caindo aos pedaços”. Disse também que começou a gostar de sociologia na ocupação e que uma das atividades que ele mais gostou foi um debate sobre o feminismo porque ele conseguiu entender um pouco mais do movimento. Contou ainda que gostaria de ter mais aula de política e que isso estava sendo aprendido na prática com a ocupação. Sobre o sentimento em relação à ocupação, ele responde:

É bom porque as pessoas às vezes falam que não vai mudar nada, mas já tá mudando, tá ligado? Eu creio que todo mundo que tá aqui se envolvendo nessa ocupação quando acabar não vai ser a mesma pessoa. Tipo... pelo menos eu, com certeza, não vou ser a mesma pessoa porque a ocupação me ensinou a ver as coisas de uma maneira diferente. Ela me ensinou a... tipo quando alguém fala alguma coisa, não é só aceitar. Ela me ensinou a questionar o porquê das coisas, me ensinou que eu posso lutar por uma coisa melhor. Tipo: eu não tenho que aceitar aquilo que me dão se eu posso ter algo melhor (informação verbal)<sup>101</sup>.

Sobre o Cairu, ele disse que o colégio estava muito melhor porque antes da ocupação qualquer pessoa podia entrar lá e que agora todos que entram precisam ser identificados, que isso está super organizado. Mencionou também as atividades que ele nunca imaginaria que pudesse ter no Cairu, como o show da Clarice Falcão, por exemplo. Além disso, a comida também estava muito melhor. Finalizou a entrevista com uma das respostas mais bonitas que eu ouvi na ocupação sobre a mudança da relação dele com o colégio:

---

<sup>99</sup> Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, na Ilha do Governador, e Colégio Estadual Gomes Freire de Andrade, na Penha.

<sup>100</sup> Comunicação pessoal à autora em 25 de abril de 2016, no próprio colégio.

<sup>101</sup> Comunicação pessoal à autora em 25 de abril de 2016, no próprio colégio.

Antes eu acordava e falava “Pô, saco, tenho que ir para a escola”. Tipo, eu via como um lugar... uma prisão mesmo, caraca... uma prisão que eu era obrigado a ir todo dia. Agora não, eu acordo e falo “Caraca, pô, ainda bem, tem que ir pro Cairu” aí, tipo, agora eu venho super de boa, e agora tem várias coisas aqui, tem várias pessoas. Minha visão com as pessoas mudou. A ocupação acabou me ensinando que eu preciso das outras pessoas porque antes da ocupação eu era uma pessoa bem individualista até... aí começou a ocupação, eu falei caraca... eu realmente preciso das outras pessoas se eu quiser fazer alguma coisa (informação verbal).

*26 de abril de 2016 – terça-feira - 23º dia da ocupação*

Esse foi um dia muito especial para a ocupação e um dos mais marcantes tanto para aqueles que apoiaram e trabalharam pela ocupação quanto para aqueles que deixaram de ir ao Cairu depois que o movimento começou. Foi o dia do Viradão Cultural, um dia inteiro de atrações musicais em uma das quadras do colégio.

Quando cheguei, logo pela manhã, alunos e professores estavam organizando os camarins para os músicos. Além disso, eles estavam identificados com crachás, coisa que eu não tinha visto até então. A programação começou com show da Orquestra Voadora e foi muito interessante observar esse bloco de carnaval que toca majoritariamente na zona sul do Rio de Janeiro, tocando numa escola pública do subúrbio. Os alunos observavam os músicos de longe e isso era muito diferente da interação do público da Orquestra Voadora em outros locais que eu já presenciei. Apesar do esforço dos músicos para haver uma interação, pouquíssimos alunos (2 ou 3) se aproximaram da roda deles. Os alunos filmaram mais a performance do que participaram dela.

Depois deles se apresentou a cantora Teresa Cristina. Conversei com ela antes da sua apresentação e ela me disse que outros colegas cantores também quiseram ir ao Cairu. Disse que estava maravilhada com aquele movimento porque o momento político do Brasil estava muito difícil. Falou também da invisibilidade do movimento na grande mídia. Teresa Cristina cantou umas 4 ou 5 músicas, acompanhada de um músico no violão. Uma das músicas, disse ela, foi escolhida especialmente para a ocupação: “Opinião”, um samba de Zé Ketí<sup>102</sup>. Os alunos aplaudiram e cantaram junto com ela, de

---

<sup>102</sup> Zé Ketí foi um cantor e compositor de samba da Portela. Nos anos 60, auge da sua carreira, algumas de suas músicas foram usadas como protesto ao contexto político da época. A música cantada por Teresa Cristina ficou conhecida por conta da participação de Zé Ketí junto a João do Vale e Nara Leão no espetáculo “Opinião”, em 1964. A primeira estrofe do samba diz: “Podem me prender/Podem me bater/Podem até deixar-me sem comer/Que eu não mudo de opinião/Daqui do morro/Eu não saio, não”. Informações disponíveis em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Z%C3%A9\\_Ket%C3%AD](https://pt.wikipedia.org/wiki/Z%C3%A9_Ket%C3%AD). Acesso em: nov. 2016.

forma muito entusiasmada. Ouvi uma aluna que estava ao meu lado ligar para a mãe e dizer “Mãe, você não vai acreditar quem está cantando aqui na ocupação! Aquela moça que canta o Cartola”.

Tico Santa Cruz, do grupo de rock Detonautas, era outra atração do dia. Enquanto Teresa Cristina cantava, ele já circulava pelo Cairu sendo muito solicitado pelos alunos. A todo momento ele tirava foto com os alunos, conversava com eles e fazia transmissões ao vivo para o perfil dele no Facebook. O show dele foi marcado por muitas falas políticas, sempre seguidas de muitos aplausos e gritos dos alunos, que lotavam a quadra do Cairu. Ao contrário do comportamento com a Orquestra Voadora, os alunos estavam muito próximos dele, como mostra a foto abaixo:



Tico Santa Cruz entre os alunos durante evento na ocupação. Fonte: reprodução Facebook.

Ele disse para os alunos não esquecerem que a ocupação era um ato político e falou da ideia de transformar as escolas ocupadas em postos de coletas de alimentos para os aposentados que ainda não tinham recebido aquele mês<sup>103</sup>. Falou também que os alunos precisam construir suas próprias narrativas, que eles têm capacidade para isso e que eles vão fazer o país mudar. Os alunos deliravam a cada frase dele. No final do show, Tico Santa Cruz cantou a música “Você me faz tão bem” e pedia para os alunos se abraçarem e celebrarem aquele momento que eles estavam vivendo. Era fim de tarde e no local onde o show estava acontecendo (a quadra coberta com o mirante para os

---

<sup>103</sup> No mês de abril, os servidores aposentados do Rio de Janeiro receberam seus salários com atraso em razão da crise financeira provocada pelo Governo do Estado. Informações em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/quase-140-mil-aposentados-ficarao-sem-salario-no-rj.html>. Acesso em: nov. 2016

morros do Meier), os raios do pôr do sol iluminavam o espaço. Foi um momento muito bonito.

A programação do dia contou ainda com a cantora Ava Rocha (filha do cineasta Glauber Rocha), Carta na Manga (uma dupla de hip hop), com o cantor Lucas Santtana (pop rock) e com a banda Biltre (pop rock). Contudo, a euforia máxima dos alunos estava por conta da participação da Clarice Falcão, na parte da noite. Quando ela surgiu no meio da quadra andando entre os alunos, a expressão no rosto deles era de verdadeiro espanto e encantamento. A impressão que eu tinha é que eles não estavam acreditando que Clarice Falcão pudesse estar no Cairu, uma escola pública da zona norte do Rio. Ela não pôde cantar por estar com problema na voz, mas conversou um pouco com eles falando da importância da ocupação principalmente pelo momento político que o país estava vivendo. Os alunos pediram e ela mesma tocou suas músicas no violão para eles cantarem. A quadra do Cairu continuava lotada e Clarice tirou foto com todos os alunos que pediram. Pude ouvir entre os alunos como eles estavam em êxtase por ter um ídolo entre eles. Ouvi também piadas entre eles dizendo que eles agora só estavam apoiando a ocupação por conta do show da Clarice Falcão. De toda forma, as ocupações no Rio, e o Ocupa Cairu como uma das mais sólidas, começaram a ser bastante divulgadas pela mídia. Dois dias antes desse Viradão Musical, a atriz Leandra Leal publicou em seu Facebook o apoio a todos os alunos do movimento. E outros artistas começaram a fazer presença em outras ocupações<sup>104</sup>. O espanto dos alunos com a Clarice Falcão no Cairu tinha razão de existir porque seria muitíssimo pouco provável que uma cantora famosa fosse até lá. Além disso, os shows da Clarice acontecem sempre na zona sul do Rio e em lugares onde o ingresso é caro.

Esse Viradão Musical aconteceu pela articulação de alguns produtores do Rio de Janeiro. Entrevistei uma das pessoas responsáveis pela mobilização dos artistas, Bel Baroni, e ela me disse que fazer esse show no Cairu era uma forma de apoiar e dar visibilidade ao movimento com aquilo que estava ao alcance dela.

*29 de abril de 2016 – sexta feira - 26º dia da ocupação*

---

<sup>104</sup> Alguns dias depois do Viradão Cultural no Cairu, os cantores Marisa Monte e Leoni cantaram em outra escola ocupada no Leblon, zona sul do Rio de Janeiro. Informação disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/marisa-monte-leoni-fazem-show-em-escola-ocupada-no-leblon-1-19216617>. Acesso em: nov. 2016

Neste dia conversei com um professor muito antigo do Cairu (ele está lá há 27 anos) que participou dos protestos contra o diretor indicado pela Secretaria de Educação, no ano de 2005. Esse protesto contra o interventor ficou muito famoso na história do Cairu e muitos alunos fizeram referências a ele para mim. Disse que após esse episódio, os alunos passaram a se envolver mais com a situação do colégio.

Conseguí conversar um pouco com dois alunos da comissão de comunicação. Um deles me disse havia acontecido uma assembleia do movimento unificado das escolas ocupadas lá no Cairu, mas que os integrantes das entidades estudantis estavam querendo votar apenas a pauta de interesse deles e não as pautas das escolas ocupadas. O Cairu rompeu com o movimento unificado Ocupa Tudo e, junto com outras escolas, começou a integrar um movimento independente de escolas ocupadas [TAG: QUESTÕES SOBRE REPRESENTAÇÃO].

A professora Adriana Facina estava lá nesse dia para dar uma aula sobre a história do Funk, dentro da agenda de atividades organizada pelos alunos. Havia cerca de 30 alunos para participar da atividade e eles pareciam interessados no assunto. Depois disso fizemos mais um tour pelo colégio acompanhado dos ocupas e de professores. Percorremos os andares mais altos do prédio principal e conhecemos os vários laboratórios montados e há anos sem uso<sup>105</sup>. A estrutura interna do prédio tem muitas grades e as janelas dos corredores não permitem muita a visão do lado de fora. Sobre isso, um dos professores mencionou que os alunos apelidaram o Cairu de Visconde de “Carandiru”, num trocadilho que faz referência ao presídio em São Paulo. Na continuação do passeio, o professor contou ainda que havia outra entrada do teatro próxima à entrada principal do Cairu porque o projeto inicial do colégio era que o espaço oferecesse atrações para os moradores do bairro.

#### *4 de maio de 2016 – quarta feira - 1 mês da ocupação*

O dia começou com uma passeata dos alunos na avenida Dias da Cruz, a principal do centro do Meier. A manifestação era o 1º Ato das Escolas Ocupadas do Grande Meier. Além de alunos do Cairu, tinha alunos do Central e de outros colégios. Quando os alcancei, eles cantavam o Hino Nacional. Eles carregavam muitos cartazes. A polícia acompanhava a passeata próxima de alguns professores que vinham no final, depois que os alunos já tinham passado. Eles se concentraram na praça Agripino Greco,

---

<sup>105</sup> Essa era uma das reivindicações dos alunos: colocar os laboratórios para funcionar.

no começo da Dias da Cruz, e depois seguiram para o Cairu. Segui com um grupo de alunos e uma das alunas me disse que um policial tinha falado com ela para saber quem era o responsável pela manifestação e ela respondeu: “Todos são responsáveis” [TAG: QUESTÕES SOBRE REPRESENTAÇÃO].

Ao chegar ao Cairu, subimos a ladeira debaixo de um sol escaldante de meio dia. Os alunos comentaram, em tom de piada, que esse era o motivo que fazia o Cairu não ter movimento Desocupa<sup>106</sup>: os alunos desistiam por preguiça de subir a ladeira. Quando chegamos, notei que o Cairu estava vazio, com poucos alunos. Notei também que os alunos pintaram as paredes das quadras externas e fizeram alguns grafites com o nome do colégio. Perguntei para os alunos sobre as atividades do dia e eles disseram que não tinha mais nada programado, era só a passeata mesmo. Sobre a questão dos grafites, é importante destacar que a ocupação contou com a participação de alguns grafiteiros. No pátio que dá acesso às quadras, foram feitas duas intervenções e mais uma do lado de fora do Cairu, em frente ao portão principal:



Grafite no muro interno do Cairu. Fonte: registro pessoal

Encontrei um dos integrantes da comissão da alimentação que eu tinha entrevistado há alguns dias. Ele não estava fazendo o almoço e perguntei por quê. Ele disse que tinha saído da comissão porque estava tendo muita confusão entre os alunos.

Depois disso vi alguns alunos fumando dentro do Cairu, mesmo com os cartazes

---

<sup>106</sup> A Escola Mendes de Moraes, na Ilha do Governador, primeira escola ocupada, estava sofrendo ameaças do movimento Desocupa.

“Proibido Fumar” espalhados pelas paredes. Senti que o movimento estava perdendo força e que os grupos já não estavam mais tão consolidados e unidos como antes.

*10 de maio de 2016 – terça feira - 37º dia da ocupação*

A movimentação no Cairu está cada vez menor e o movimento estava perdendo força. Encontrei um dos integrantes da comissão de comunicação e ele me disse que estava nervoso por conta da reunião na Secretaria de Educação que aconteceria naquele mesmo dia<sup>107</sup>. Além disso, o movimento Desocupa começava a ganhar força e projeção na mídia, principalmente após os ataques à ocupação do Colégio Mendes de Moraes, que deixou os alunos do Cairu muito preocupados.

Conversei com alguns professores nesse dia e um deles me disse que já vinha sentindo um posicionamento político mais forte dos alunos desde o ano passado. Uma das professoras foi aluna do Cairu na época da ditadura e perguntei se, naquela época, aconteceu algum movimento parecido com a ocupação que os alunos estavam fazendo e ela disse que não porque o momento político era muito complicado. Ela disse que o clima no colégio era de muita desconfiança porque ninguém sabia em quem era possível confiar.

Reencontrei o aluno Fábio, que seguiria para a Seeduc, no pátio externo. Ele chamava a atenção de uns militantes da UBES que estavam com a bandeira da instituição porque os alunos tinham deliberado em Assembleia que bandeiras não seriam permitidas na reunião [TAG: QUESTÕES SOBRE REPRESENTAÇÃO]. Os militantes disseram que não iriam para a reunião e sim para o sinal para arrecadar dinheiro para a ocupação.

*11 de maio de 2016 – quarta feira - 38º dia da ocupação*

Quando cheguei estava acontecendo uma reunião no auditório com professores e alunos para falar sobre a situação do Mendes de Moraes<sup>108</sup> e o futuro do movimento no Cairu. A mobilização por parte do movimento Desocupa, somada às notícias dos

---

<sup>107</sup> A reunião foi marcada após integrantes de colégios ocupados e militantes das entidades estudantis ocuparem a sede da Seeduc, em 05 de maio de 2016.

<sup>108</sup> No dia anterior aconteceu um enfrentamento violento entre o movimento Desocupa e os alunos da ocupação do Colégio Mendes de Moraes. Houve relatos de agressão a professores e alunos e a polícia não interferiu. Informações disponíveis em <http://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2016/05/10/grupo-invade-e-desocupa-1-escola-no-rio-tomada-por-alunos.htm?mobile> e <http://oglobo.globo.com/rio/alunos-entram-em-confronto-por-desocupacao-de-colegios-estaduais-na-ilha-na-penha-19270841>. Acesso em: nov. 2016

ataques violentos e aos boatos do movimento não ser formado por alunos (e sim por integrantes de torcidas organizadas em acordo com grupos da polícia), começaram a preocupar a todos.

A reunião do dia anterior com a Seeduc, de acordo com a comissão de comunicação, tinha sido boa, mas muito desgastante para os alunos que participaram. Eles conseguiram alguns avanços como a eleição direta para diretor e o fim do SAERJ<sup>109</sup>. Neste dia, o Ministério Público divulgou nota informando que o Estado deveria se abster da remoção das ocupações nas escolas e não interferir, via rede social, para agravar o conflito entre os alunos contrários e a favor da ocupação, estabelecendo uma multa de R\$ 10.000,00 por postagem<sup>110</sup>.

A tensão da reunião que se estendeu até 9h da noite mais as notícias dos ataques ao Mendes e o cansaço do próprio movimento estavam começando a abalar emocionalmente os alunos. Alguns ex-alunos do Cairu intensificaram a ronda no colégio de madrugada com o receio dos integrantes do Desocupa aparecerem. Um clima de tensão começou a tomar conta da ocupação e cada movimento novo no portão do estacionamento era motivo de preocupação.

Enquanto isso, uma parcela menos preocupada com os rumos da ocupação disputava um campeonato de Futsal em uma das quadras [TAG: DINÂMICA DA OCUPAÇÃO].

*13 de maio de 2016 – sexta feira - 40º dia da ocupação*

Havia um boato na noite anterior de que o Cairu seria o próximo colégio que o Desocupa iria atacar e todos estavam muito preocupados. Fui para a sala dos professores onde todos estavam reunidos e, logo depois, chegou um aluno da ocupação dizendo que tinha participado, como “infiltrado”, da reunião que o Desocupa tinha programado na praça Agripino Grieco. Ele disse que tinha poucas pessoas (provavelmente por conta do dia chuvoso) e que a reunião não tinha avançado para nenhum efeito prático. Disse que

---

<sup>109</sup> Definição do SAERJ: “O Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro (SAERJ) existe desde 2008 e foi criado com o objetivo de promover uma análise do desempenho dos alunos da rede pública do Rio de Janeiro nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática do 4º ano do Ensino Fundamental a 3ª série do Ensino Médio”. Disponível em <http://www.saerj.caedufjf.net/saerj/>. Acesso em: jul. 2016. Sobre o fim do SAERJ, informações em <http://extra.globo.com/noticias/educacao/apos-pressao-de-estudantes-secretaria-de-educacao-anuncia-fim-do-saerj-19275813.html>. Acesso em: nov. 2016

<sup>110</sup> Informações disponíveis em [http://www.mprj.mp.br/home/-/detalhe-noticia/visualizar/25707;jsessionid=CMDZIBIOp7Ltf-Avmj6ks1.node3?p\\_p\\_state=maximized](http://www.mprj.mp.br/home/-/detalhe-noticia/visualizar/25707;jsessionid=CMDZIBIOp7Ltf-Avmj6ks1.node3?p_p_state=maximized). Acesso em: jul. 2016.



o principal argumento que eles falaram lá para acabar com a ocupação era a perda do ano letivo. Os professores falaram para o aluno tomar cuidado com essa estratégia de se infiltrar porque os integrantes do Desocupa poderiam descobrir e começar a persegui-lo.

No fim da manhã, aconteceu uma movimentação estranha no portão do Cairu. Um grupo de aproximadamente 15 alunos apareceu por lá e queria visitar o colégio. Os alunos do Cairu conversaram com eles de forma bem tensa, querendo que eles provassem que eram alunos de outro colégio e não integrantes do Desocupa. Eles passaram muito tempo se explicando e disseram que foram ao Central para visitar e os alunos de lá acharam que eles realmente eram do Desocupa e mandaram eles embora de forma agressiva. Depois de quase meia hora de conversa, os alunos do Cairu acreditaram que eles eram alunos realmente e liberaram a visita deles pelo colégio.

Enquanto isso, um grupo de alunos passou a manhã toda em uma sala tocando violão e cantando. Além deles, fiquei um tempo ao lado da comissão de segurança no portão enquanto eles cantavam juntos vários raps e faziam músicas de improviso. Eles fizeram um duelo de rimas com a ocupação como tema. Com receio de inibi-los, eu não gravei a composição e isso foi um grande lamento para mim. A rima deles falava sobre a situação política do Brasil e sobre o Cairu, dizendo que eles não iam deixar a ocupação [TAG: IDENTIDADE JOVEM].

*19 de maio de 2016 – quinta feira - 46º dia da ocupação*

Continuei acompanhando a ocupação pela página do Facebook e as atividades estavam cada dia mais reduzidas. Fui ao colégio e vi que ele estava bem vazio. A chuva contribuía para isso, mas o Rio Card ainda era um problema porque os alunos continuavam sem transporte para ir ao colégio enquanto a ocupação não acabasse. Além disso, muitos pais começaram a ficar assustados com as notícias do Desocupa que a mídia estava veiculando.

Andei um pouco pelo colégio e vi alguns alunos no refeitório, fazendo a comida e ouvindo um pagode romântico bem alto. Em uma das quadras, alguns poucos alunos e alguns militantes da UBES ainda estavam por lá.

Encontrei com um aluno do Cairu famoso pelo comportamento agressivo com os alunos, os professores e a estrutura da escola (ele pichava os muros do colégio). Antes de conversar com ele, outros alunos e professores tinham me falado dele e eu achei curioso porque vi ele super envolvido nas atividades da ocupação. Fiz uma entrevista

com ele e seu depoimento era um pouco diferente da imagem que as pessoas descreviam para mim [TAG: IDENTIDADE JOVEM]. Sobre a sua relação com a ocupação e fama de pichador, ele comenta:

Eu fiz besteira na escola, pichei a escola toda (...) só que depois eu tomei vergonha na cara e parei (...). Na ocupação eu tive tipo uma crise de consciência e decidi ajudar. E aí como eu já tinha pichado, me senti na obrigação de ajudar a pintar pelo menos parte da escola, como eu ajudei a pintar a quadra (informação verbal).

Ele confirmou que antigamente era muito estressado, mas disse que um grande amigo e a terapia ajudaram ele a ficar mais calmo e, hoje em dia, ele é muito tranquilo. Falou também que não quis entrar em nenhuma comissão para ter liberdade de fazer as atividades que fossem necessárias porque ele estava percebendo que muita gente das comissões não estava cumprindo suas funções. Quando questionado se havia relação entre a ocupação do Cairu e o momento político que o país estava vivendo, ele responde:

Muito [*os movimentos estão muito relacionados*]. Na verdade, a culpa disso tudo é deles [*dos políticos*]. Por que que eu acho isso: eles roubam, aí não vão ter dinheiro pra pagar os professores, os professores não vão ter dinheiro para trabalhar e não vão vir dar aula, os alunos não vão querer ficar sem aula, vão reivindicar os direitos deles, ocupam as escolas e notam que a escola tá muito mais degradada do que eles achavam e esse montante todo causa a nossa revolução, a nossa indignação que está rolando hoje. Que que acontece? A gente vai pra rua reivindicar. Eles não escutam, a gente ocupa escola, pô. Aí eles querem nos amedrontar cancelando o Rio Card pra gente não ir pra escola... não vai me atingir, eu venho andando [*ele é morador do Lins, bairro próximo ao Meier e ao Cairu*]. Falaram que a gente vai perder aula (...). Quando falam “Ah, vocês vão perder o ano letivo”, eu perco. Já perdi dois de bobeira, não vou perder lutando por um bagulho certo? Por mim eu perco de boa, mesmo sabendo que eu não ia perder. (...) se eu tiver lutando por um bagulho que eu acho que é certo, eu vou continuar (informação verbal).

Depois da entrevista, fui embora. Continuei a perceber que o movimento no Cairu estava enfraquecendo e caminhava para seu encerramento em função do cansaço dos alunos e das conquistas dos últimos dias, incluindo nisso a exoneração do Secretário de Educação<sup>111</sup>.

20 de maio de 2016 – sexta feira - 47º dia da ocupação

---

<sup>111</sup> Informações em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/secretario-de-educacao-do-rj-e-exonerado-wagner-victer-assume.html>. Acesso em: nov. 2016

Na noite anterior, vi pelo Facebook que os professores prepararam uma atividade para falar do famoso protesto contra o interventor que muitas pessoas relataram para mim durante a ocupação. Esses relatos foram sempre acompanhados de muito orgulho por quem falava, numa sinalização de que a ocupação do Cairu era “natural” porque o Cairu é um colégio de “luta”. Nesse dia, os professores se reuniram no refeitório e prepararam uma apresentação em power point para mostrar algumas fotos da época e falar um pouco sobre o assunto. O professor que fez a apresentação disse que teve a ideia de fazer esse evento motivado pelas perguntas que eu fiz a ele sobre a história do Cairu.

Antes da apresentação começar, notei que no canto do refeitório havia uma espécie de varal com trechos de textos impressos em papel e pendurados. Li alguns e percebi que era uma atividade de uma oficina de leitura sobre feminismo que tinha acontecido há alguns dias. Os textos pendurados eram trechos de livros e de músicas, com letras da MC Carol e da Valeska Popozuda [TAG: DISPUTA DE DISCURSOS]

Não tinha visto tanto professor reunido até então para um evento da ocupação. Um ex-diretor do Cairu levou um grande acervo de fotos da época. Havia pouquíssimos alunos da ocupação presentes no evento (uns 5 talvez), o que pareceu ter deixado os professores um pouco frustrados. Depois disso, a palestra se transformou em reunião para dar os informes sobre a ocupação que estava bem próxima de acabar por conta das reuniões com a Secretaria de Educação e pelo cansaço dos alunos.

Havia também nesse dia uma equipe de filmagem da PUC fazendo um documentário sobre a ocupação. Eles entrevistaram alguns alunos e pareciam muito impressionados com as respostas que os alunos estavam dando para o vídeo. A diretora da equipe afirmava que na idade deles ela não tinha a consciência política que eles têm. Alguns voluntários também estavam lá falando com a comissão de comunicação propondo atividades com bloco de carnaval e com uma oficina de bicicleta para meninas. A aluna da comissão que estava falando com eles parecia não estar muito interessada no que eles estavam falando, demonstrando um certo cansaço na sua postura corporal [TAG: DINÂMICA DA OCUPAÇÃO]

Notei que alguns voluntários e alunos do Cairu estavam usando um radinho para se comunicar por conta dos boatos do Desocupa. Nesse dia havia também um boato de um confronto com torcida jovem do Vasco, mas nada aconteceu. Só boato mesmo. Este

foi o último dia que fui ao Cairu com ele ocupado oficialmente sem o funcionamento regular da escola.

## 2.5 O pós-ocupação

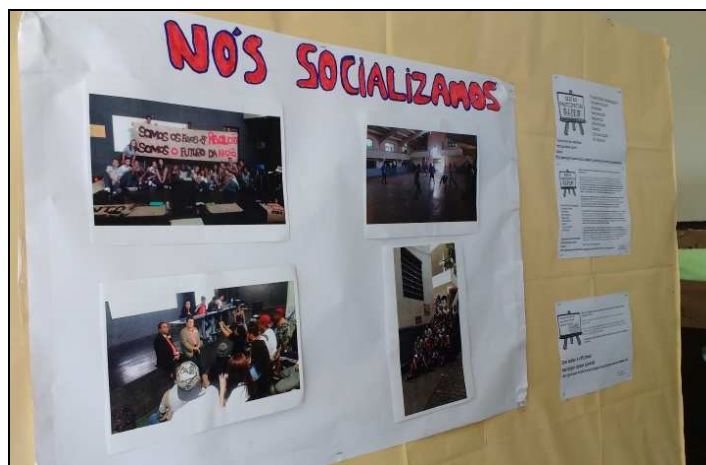
O Ocupa Cairu foi encerrado no dia 6 de junho de 2016 (uma segunda feira). O encerramento, contudo, foi do formato que o movimento tinha assumido há 2 meses, ou seja, alunos fazendo a gestão do colégio e dormindo na escola. A partir dessa data, a ocupação continuou acontecendo, de forma reduzida, levada por um pequeno núcleo de alunos, mas com atividades restritas ao auditório. O colégio voltou ao funcionamento padrão com os professores não grevistas enquanto a greve dos professores, gatilho inicial da ocupação dos alunos, ainda se estendeu até o final de julho, sendo a maior greve da história do Rio de Janeiro, de acordo com o SEPE.<sup>112</sup>

Voltei ao Cairu 10 dias após o fim da ocupação. Eu não tive problema algum para entrar no colégio pelo portão principal e nenhuma pessoa teria porque não havia qualquer controle sobre a entrada de gente de fora da escola. As pessoas que eu conversei durante a ocupação alegavam que essa era uma das maiores preocupações deles: a segurança da escola. Isso porque a estrutura do Cairu é enorme e não há funcionários suficientes para cuidar disso. Enquanto eu estava lá, uma senhora, funcionária da faxina, se revezava entre a limpeza da escola e a portaria do colégio. E assim estava acontecendo para os 3 turnos de funcionamento do Cairu: 1 pessoa para cada turno se revezando na portaria de um colégio com 33 salas e quase 2.000 alunos.

Os alunos fizeram no corredor principal da parte interna do prédio (na saída da sala dos professores) uma exposição com cartazes e fotos da ocupação. A ação foi importante não apenas como registro do movimento: ela materializou a ocupação a partir da narrativa dos próprios alunos. Esse memorial do movimento mostrava um pouco das atividades feitas durante a ocupação com indicações que expressavam “Nós socializamos”, “Nós protestamos”, “Nós estudamos”, entre outras:

---

<sup>112</sup> Mais informações sobre a greve em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/07/apos-quase-5-meses-professores-decidem-suspender-greve-no-rj.html>. Acesso em: nov. 2016.



Memorial da ocupação. Fonte: registro pessoal.



Memorial da ocupação. Fonte: registro pessoal.



Memorial da ocupação. Fonte: registro pessoal.



Memorial da ocupação. Fonte: registro pessoal.

Os cartazes da ocupação também permaneceram nos corredores com dizeres do tipo “Só a luta muda a vida!”, “A revolução será feminista”, “Quem luta educa”, entre outros:



Memorial da ocupação. Fonte: registro pessoal.



Memorial da ocupação. Fonte: registro pessoal.



Memorial da ocupação. Fonte: registro pessoal.

Nesse dia que retornei, o colégio estava cheio como eu nunca tinha visto antes por conta da volta às aulas com os professores que não apoiavam a greve. Entrei em uma das salas onde uma aula já tinha sido encerrada e vi no quadro um poema do Gregório de Matos: “O todo sem a parte não é todo/A parte sem o todo não é parte/Mas se a parte o faz todo, sendo parte/Não se diga que é parte, sendo todo”. Não consegui identificar o professor que escreveu isso. Achei, contudo, uma menção espirituosa para o momento que o colégio estava vivendo, bastante polarizado entre os apoiadores e contrários à greve e à ocupação (e essa tinha sido a aula de um professor não grevista uma vez que a greve não tinha acabado ainda). Alguns alunos comentaram comigo que professores estavam falando em sala de aula suas opiniões sobre os dois movimentos (greve e ocupação). Havia menção de assédio, ameaças e perseguição aos alunos que participaram da ocupação, mas não consegui verificar se esse relato procedia (até mesmo pela dificuldade de colher um depoimento sobre esse assunto).

Das atividades que participei nesse período pós-ocupação ou de ocupação reduzida, posso destacar o cine-debate com o filme *A Onda*<sup>113</sup>, o Show de Talentos e a reunião do Conselho Escolar. O cine-debate foi uma surpresa para mim. Primeiro pensei no motivo para o filme não ter sido exibido antes já que a temática inspirava várias

<sup>113</sup> “A Onda (título original: Die Welle) é um filme alemão de 2008 dirigido por Dennis Gansel e estrelado por Jürgen Vogel, Frederick Lau, Jennifer Ulrich e Max Riemelt. É inspirado no livro homônimo de 1981 do autor americano Todd Strasser e no experimento social da Terceira Onda. O filme foi produzido por Christian Becker para a Rat Pack Filmproduktion. Obteve sucesso nas bilheterias alemãs e depois de dez semanas, 2,5 milhões de pessoas haviam assistido ao filme”. Informações disponíveis em [https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Onda\\_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Onda_(filme)). Acesso em: nov. 2016

questões relacionadas ao movimento que os alunos estavam fazendo (na minha percepção). Por conta disso, imaginei que a exibição estaria lotada de alunos, mas não estava. Tinha no máximo 10 pessoas assistindo (entre alunos e professor) e, das que estavam lá de corpo presente, menos gente ainda prestando atenção. Nem teve debate. Por outro lado, o Show de Talentos que os alunos organizaram deixou o auditório completamente lotado. Muitos alunos participando com gritos e palmas, muitos cantando, dançando, tocando algum instrumento. O repertório deles é muito variado passando por Bruno Mars (eles gostam muito), Natihuts, O Rappa, Adele e Legião Urbana. É muito impressionante como as músicas dessa banda ainda conseguem mobilizar uma plateia de jovens. Quando um aluno cantou “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã...”, todos acompanharam em coro, aos gritos e muito emocionados. E ali estavam tanto os alunos que organizaram a ocupação como aqueles que sequer participaram das atividades. Era o tipo de atividade coletiva que estava acima da polarização sobre a ocupação do colégio. Um dos alunos da comissão de comunicação da ocupação me contou que o Show de Talentos foi uma ideia deles para fazer uma atividade no colégio durante a greve dos professores<sup>114</sup>, antes mesmo da ideia de ocupar o colégio como eles fizeram. A atividade, contudo, não aconteceu durante a ocupação. Só voltou a acontecer nesse momento em que o colégio tinha voltado ao funcionamento quase padrão, com o retorno das aulas dos professores não-grevistas. No Show de Talentos percebi a presença da funcionária do SOE (Serviço de Orientação Educacional), observando a movimentação dos alunos, e duas funcionárias do refeitório, cantando e se divertindo com os alunos em um canto do auditório.

O Conselho Escolar que eu presenciei aconteceu no dia 8 de julho, mais de um mês depois do fim da ocupação. Ele foi organizado para ouvir a opinião de toda a comunidade escolar (professores, alunos, pais, funcionários) sobre os problemas do Cairu (sendo a segurança um dos principais), o calendário de reposição das aulas, os rumos da eleição direta para diretor, a gestão democrática do colégio, a assinatura do Termo de Compromisso elaborado pelos alunos após a reunião com o Ministério Público (que o diretor do Cairu ainda não tinha assinado) e a elaboração do plano político pedagógico (PPP). Notei que os cartazes do auditório foram arrancados e o trinco da porta foi quebrado. Conversei com uma das alunas sobre o assunto e ela disse

---

<sup>114</sup> Lembrando que a greve dos professores teve início no dia 2 de março e a ocupação dos alunos, 4 de abril de 2016.



que isso foi feito pelos alunos que estavam contra a ocupação (mesmo com ela já encerrada), mas que ela não sabia identificar quem era. Havia umas 30 pessoas, a maioria professores, e duas mães apenas. Antes da reunião começar, contudo, um aluno escreveu no quadro do auditório, de forma bem discreta, “Ustra vive”<sup>115</sup>. Ninguém viu o que eles estavam escrevendo na hora, acho que só eu. Um amigo que estava com ele tirou foto e eles sentaram para esperar o conselho começar. Antes de entrar nos assuntos específicos do Conselho, vários professores se manifestaram sobre a inscrição, afirmando o quão repulsivo era aquele tipo de atitude, principalmente em um colégio que passou pela ocupação organizada pelos alunos. Os professores pediram para quem tivesse escrito aquilo se manifestar, mas os alunos não se identificaram e, em alguns momentos, ficaram rindo do estardalhaço que tinham causado. O aluno que tinha escrito a frase no quadro não assumiu o que tinha feito e se ofereceu para secretariar o Conselho. Depois disso, a reunião seguiu sobre os demais assuntos [TAG: IDENTIDADE JOVEM]. Enquanto o conselho acontecia, um grupo de rapazes (aproximadamente uns 10) que ninguém sabia quem era, entrou no Cairu, fez uma ronda pelo colégio, andando rapidamente e agrupados pelos corredores, e depois foi embora. Todos ficaram muito apreensivos com o fato e novamente a questão da segurança do Cairu foi levantada.

Ainda fui alguns outros dias ao colégio. Percebi que no funcionamento padrão ele estava muito mais sujo do que durante a ocupação. Tinha muito casca de laranja e embalagem de bebida láctea espalhada pelo colégio, mesmo com lixeiras disponíveis por toda a escola. Conversei com alguns alunos e professores e eles relataram que a situação lá dentro estava ainda pior que antes da ocupação porque os ânimos estavam mais acirrados e as opiniões sobre a ocupação e a greve haviam se radicalizado. Para os alunos que não se envolveram na ocupação, uma das leituras feitas era a de que se podia fazer ocupação no colégio, podia tudo então. Em um dos últimos dias que estive lá, já depois da greve, percebi esse comportamento em alguns alunos que andavam pelo pátio, de boné, sem o uniforme do colégio e fumando cigarros, algo que era terminantemente proibido antes (e mesmo durante) a ocupação.

---

<sup>115</sup> Em referência ao Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, torturador da ditadura brasileira, falecido em 2015. O nome dele estava em evidência porque foi saudado pelo deputado Jair Bolsonaro quando declarou seu voto favorável ao impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, em sessão transmitida ao vivo pela Rede Globo no dia 17 de abril de 2016.

Como mencionei no início deste capítulo, segue abaixo o conjunto de TAGS que o diário de campo despontou:



Conjunto de TAGs (minha autoria)

As TAGs aparecem nas seguintes páginas:

Relação ocupações e mídia: 67, 85

Disputa de discursos: 68, 69, 82, 99

Protagonismo dos alunos: 70

Juventude, medo e luta política: 71, 85

Imagem do movimento: 72

Geração hipertexto: 73, 80

Dinâmica da ocupação: 74, 96, 99

Identidade jovem: 76, 83, 97, 98, 105

Questões sobre representação: 67, 76, 78, 80, 84, 93, 94, 95

Vamos, a partir de agora, trabalhar essas questões no próximo capítulo, atravessando os tópicos que serão abordados. Importante destacar que alguns desses itens aparecerão de forma mais direta enquanto outros estarão mais diluídos nas

reflexões propostas. A visualização desse quadro apresentado aqui é no sentido de indicar grandes eixos temáticos que, obviamente, não se encerram na discussão que será feita. Pelo contrário, eles despertam um leque de possibilidades de análises. É necessário estabelecer os limites em razão da natureza deste trabalho, mas fica uma vontade enorme de estender a discussão em função do intrincado e rico panorama que a ocupação dos secundaristas desperta. Ao mesmo tempo, cada nova leitura do capítulo 2 pode criar novas TAGs em outros momentos por outras interpretações. Sendo assim, esse tema e formato funcionam como uma espécie de jogo colaborativo, sempre aberto às novas leituras e arranjos. Use sem moderação.

### **Capítulo 3 – Ocupando outras discussões: a ocupação do Cairu em diálogo com a juventude num contexto ampliado**

No primeiro capítulo passamos por uma série de questões que orbitam a relação entre juventude e luta política, com especial atenção às construções que podem definir o jovem como sujeito social, e como ele alinhava seus modos de estar no mundo através de diferentes apropriações. Nesses diversos modos, a luta estudantil – seja ela institucionalizada ou não – é apresentada como uma ferramenta, entre outras, do possível: são táticas e estratégias com vistas a intervir na própria realidade.

A ocupação do Cairu é uma demonstração disso e se une às tantas outras escolas que foram ocupadas no Rio e no restante do Brasil. As circunstâncias que envolvem os sujeitos nessas lutas têm a ver com suas próprias condições, enquanto jovens estudantes de escola pública, mas elas não se alimentam apenas do que eles acreditam e reivindicam. Antes de tudo, elas são sintomas de um contexto. E é assim, como sintoma, que é necessário falar de forma um pouco mais atenta sobre o pano de fundo no qual as ocupações dos secundaristas (no Rio, mas podendo se estender aos demais estados) estão imersas. Já olhamos para o jovem enquanto categoria e já passamos por um exemplo (a ocupação do Cairu) da sua atuação em cima de um mecanismo político. Agora vamos refletir sobre a relação disso com um macro contexto e o que esse cruzamento ressoa da juventude atual. Para amarrar essas ideias, este capítulo pensa uma conjuntura, observa uma condição “nova” que é colocada por (e para) ela e os efeitos que essa própria condição detona. Trocando em miúdos: é preciso falar sobre a repercussão do neoliberalismo na educação e na relação com as cidades, estendendo o olhar para as “novas” condições trazidas pela conexão entre juventude e internet (em que emergem duas características-chave para pensar as ocupações: horizontalidade e autonomia). A partir desse embaraçado cruzamento, podemos então pensar nas crises de representação e credibilidade que dialogam e afetam a forma como o jovem lida com a política e, como consequência, com a sua realidade. Esses são os filtros que eu escolhi, entre outros possíveis, para pensar as ocupações dos secundaristas. Vamos por partes.

#### **3.1 Neoliberalismo, educação e cidades: e o jovem no meio disso tudo?**

É difícil falar das ocupações das escolas públicas no Brasil sem pensar nos efeitos do neoliberalismo sobre a educação, de forma geral e em breves linhas. Quando falamos da Revolta dos Pinguins, no primeiro capítulo, pincelamos esses efeitos sobre a realidade chilena e percebemos como a revolta dos estudantes foi um resultado daquele contexto. É válido pensar, então, na nossa realidade porque o levante dos nossos secundaristas também pode ser entendido como nossa resposta a esse cenário. Podemos tomar como ponto de partida o impacto desse sistema no ensino universitário público (onde os efeitos são sentidos há mais tempo) no Brasil. Características como a ênfase na produtividade dos profissionais do mundo acadêmico, o financiamento de pesquisas por grandes empresas (onde o ditado “quem paga a orquestra, escolhe a música” faz um tenebroso sentido), as disputas por esses financiamentos, a autonomia das universidades atreladas a um intenso jogo político, entre outros aspectos, compõe um cenário propício para pensar no ensino público sob a ótica do mercado. Como paradoxo, a parte que se esbofeteia pelos recursos convive, ao mesmo tempo, com precárias condições estruturais, com professores com altos índices de doenças relacionadas ao exercício profissional, portadores de exorbitantes cargas de trabalho, com salários incompatíveis com o desgaste da função e reajustes salariais abaixo da correção do custo de vida. Essas são linhas gerais do cenário que compõe o ambiente profissional dos ~~elaboradores~~ <sup>elaboradores</sup>, opa, professores do ensino superior público mergulhado na dinâmica neoliberal.

No âmbito privado, a proliferação de instituições de ensino superior estimuladas por generosos incentivos governamentais e a venda dessas mesmas instituições para grandes conglomerados internacionais de educação são elementos, entre outros, de um cenário bastante lucrativo que também serve para pensar na educação como negócio. E é sempre bom lembrar que é de educação que estamos falando (e não de salsicha ou de carro). Educação tanto no sentido iluminista do termo (sinônimo de qualidade, razão, ponderação, valor agregado, diferencial) como no sentido político (emancipatória, provedora de senso crítico e de leituras complexificadas a respeito da realidade).

E o aluno? Bem, o aluno que quiser fazer uma graduação e não conseguir entrar para uma universidade pública<sup>116</sup>, pode usar um financiamento para estudar em uma

---

<sup>116</sup> Essa frase me faz pensar na recente declaração (outubro de 2016) do deputado Nelson Marquezelli (PTB-SP) sobre seu voto a favor da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241/2016 que limita os

faculdade privada e conseguir um diploma e uma dívida que se estenderá por, pelo menos, dois anos da sua vida de recém-formado (isso se ele for bem sucedido e conseguir entrar no competitivo mercado de trabalho assim que se formar<sup>117</sup>). Apenas como exemplo de uma realidade muito próxima a nossa, na entrevista já mencionada no capítulo 1 com o jovem militante chileno José Villarroel, ele afirma que atualmente a maioria dos estudantes chilenos só consegue estudar nas universidades através de financiamento estudantil e que no curso dele, que tem o custo anual de cerca de R\$ 15.000,00, no fim de quatro anos o estudante pagou R\$ 60.000,00 de mensalidade e mais cerca de R\$ 20.000,00 de juros de financiamento. Como é possível o acesso ao ensino superior, através de uma dívida que se estenderá por anos<sup>118</sup> na vida do jovem recém-formado, ser vendido como uma vantagem para o aluno e um benefício do governo? É claro que em um cenário onde o Estado se exime cada vez mais do seu papel de provedor de uma educação pública de qualidade, e isso vem acompanhado de um desmonte do ensino público, o financiamento é uma alternativa aos jovens que querem uma formação de nível superior.

A questão aqui é que esse sistema atende de forma muito carinhosa o mercado de educação sedento de público consumidor para suas faculdades pagas, e às instituições bancárias que recebem uma **remuneração mensal de 2%** em cima do montante de financiamento concedido a cada ano<sup>119</sup> pelo governo. O atual governo do presidente Michel Temer (PMDB) acaba de anunciar que, para o ano de 2017, já foi enviado Projeto de Lei Orçamentária contemplando recursos na ordem de R\$ 21 bilhões

---

gastos públicos ao teto da inflação do ano anterior. Ao ser questionado sobre os cortes no orçamento para as universidades públicas e sobre o impacto disso para os filhos da classe trabalhadora, o deputado afirma que “quem não tem dinheiro, não faz [universidade]” e que “vá estudar na USP que é de graça”. Vídeo disponível em <http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/10/tem-que-cortar-universidade-diz-deputado-estudantes-de-go-video.html>. Acesso em: jan. 2017. Apenas a título de complementação, o último vestibular da USP teve 75 candidatos por vaga para o curso de medicina (o mais concorrido) e 27 candidatos por vaga para o curso de fisioterapia (14º mais procurado). Informação disponível em: <http://jornal.usp.br/universidade/ingresso/fuvest-divulga-relacao-de-candidatos-por-vaga-do-vestibular-2017/>. Acesso em: jan. 2017.

<sup>117</sup> Apenas para ilustrar esse fato, a taxa de desemprego entre os jovens na faixa de 18 a 24 anos era de 20% em abril de 2016. Informações disponíveis em <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/04/cresce-o-desemprego-entre-jovens-com-qualificacao.html>

<sup>118</sup> O Fies pode ser pago pelo aluno em até incríveis 12 anos, sendo que a remuneração do agente financeiro é feita em cima do saldo devedor do aluno. Informação disponível em <http://sisfiesportal.mec.gov.br/?pagina=condicoes>. Acesso em: jan. 2017

<sup>119</sup> Informações disponíveis em <https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/ActionDatalegis.php?acao=detalharAtosArvore&link=S&tipo=LEI&numeroAto=00010260&seqAto=000&valorAno=2001&orgao=NI&codTipo=A&desItem=2&desItemFim=&nomeTitulo=> e [https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/ActionDatalegis.php?cod\\_menu=1198&cod\\_modulo=85&acao=abrirTreeview](https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/ActionDatalegis.php?cod_menu=1198&cod_modulo=85&acao=abrirTreeview). Acesso em: jan. 2017

para o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), “o que garantirá a continuidade dos financiamentos e a manutenção dos contratos com os agentes financeiros do fundo”<sup>120</sup>. A pergunta que se faz é: por que não aplicar o percentual desse valor que é investimento direto do governo nas universidades públicas<sup>121</sup>? A resposta é tão “simples” quanto a pergunta: é a lógica de mercado que vem imperando na educação superior do Brasil.

Um outro olhar para essa mesma situação é trazido por Samir Pérez Mortada (2009). Ao analisar o processo de transformação do jovem em estudante e os sentidos da passagem de uma categoria a outra, o autor pontua algumas transformações no ensino superior brasileiro impostas pelo neoliberalismo (MORTADA, 2009:379) :

(...), nos anos 1990, rapidamente a hegemonia neoliberal impõe novas condições ao ensino superior. Nas universidades públicas, cresce a presença das fundações, bem como a submissão da reflexão autônoma às agências internacionais, como o Banco Mundial, o BID e o FMI. Acentua-se a linguagem gerencial, o referencial externo, a presença e ingerência de organismos internacionais. Vigoram padrões de avaliação característicos de empresas privadas. Na expressão de Chauí (2001)<sup>122</sup>, é a universidade administrada, em que a lógica dos equivalentes mercantis se estabelece na avaliação e comparação entre saberes qualitativamente incomparáveis. A novíssima universidade assemelha-se a quaisquer empresas existentes, desde montadoras, lanchonetes ou supermercados.

Vale destacar também suas considerações sobre a rede privada, mencionadas na mesma página do trecho acima (Idem):

Na expansão avassaladora da rede privada de ensino, as novas instituições são inauguradas sob essa nova doutrina. Como empresas desde o nascimento, são regidas pelas leis da competição e da viabilidade econômica. Os cursos de graduação se orientam para as demandas de mercado; o conhecimento equipara-se à informação técnica mínima necessária para o desempenho profissional. A eficiência, a infraestrutura, a tecnologia e a competitividade são as novas palavras de ordem propagadas pelo marketing agressivo dessas empresas. O que as regulamenta, sobretudo, é o direito do consumidor; é para ele que o estudante vai quando está insatisfeito com o produto adquirido.

Trazendo a discussão agora para o ensino médio, a face mais visível do neoliberalismo repousa sobre o já clássico desmonte do sistema público em favor do ensino privado. Esse desmanche, a cargo dos governos estaduais, se traduz na falta de investimento e ausência de manutenção nas estruturas dos colégios, na baixa

---

<sup>120</sup> Disponível em <http://www.brasil.gov.br/educacao/2016/11/mais-de-1-1-milhao-de-alunos-renovam-contratos-do-fies>. Acesso em: jan. 2017.

<sup>121</sup> A título de comparação, o orçamento previsto de TODAS as universidades federais para 2017, de acordo com o Ministério da Educação, é de R\$ 6,7 bilhões. Informação disponível em <http://g1.globo.com/educacao/noticia/mec-preve-orcamento-15-menor-para-universidades-federais-em-2017.ghtml>. Acesso em: jan. 2017.

<sup>122</sup> CHAUI, 2001 *apud* Mortada, 2009, p. 379.

remuneração dos professores e na precariedade das suas condições de trabalho, no descaso com as equipes de apoio dos colégios (cozinheiros, inspetores, porteiros) e no uso dos cargos de direção para fins políticos sem qualquer conexão com a qualidade da gestão das escolas. Não por coincidência, essas questões são pautas sempre presentes nas greves dos docentes e também marcaram presença nas reivindicações – em linhas gerais - das ocupações tocadas pelos alunos. A situação é retratada por um deles, integrante do grêmio do Cairu e um dos articuladores da ocupação, ao ser questionado sobre o motivo para fazer parte do movimento:

Eu sempre quando entro nesse assunto, eu sempre lembro de quando eu entrei no Cairu. [...] quando eu falei para os meus amigos que eu caí no Cairu, o pessoal começou a falar mal, cair de pau em cima: esse colégio é bagunçado, os alunos não querem nada, não tem professor, tá tudo destruído... aí você já começa a ficar com medo. [...] aí eu vim com meu pai nesse dia, no último dia da inscrição, eu vim morrendo de medo, não queria nem entrar e eu me lembro que quando eu passei pela porta e comecei a entrar no colégio, eu juro pra você que eu mudei minha opinião. Eu comecei a ver a estrutura do Cairu, caraca, me apaixonei, sério. [...] Caraca, eu tô num colégio numa estrutura dessa tão grande, parece que eu tô numa universidade pública e tá largado, sabe, não sei... alguma coisa tem que ser feita. E eu sempre tive esse pensamento de revolução, de mudar as coisas... e isso vem de mim mesmo [*quando questionando de onde isso vinha nele*]. [...] e quando eu tive a oportunidade de entrar para o grêmio, em 2015, eu não hesitei. Eu falei: cara, é agora, tem que entrar, tem que fazer alguma coisa junto com o pessoal porque a gente não pode ver a escola caindo aos pedaços e ficar quieto (informação verbal)<sup>123</sup>.

No outro lado dessa moeda, na face que representa o oposto do descaso (mas que não significa investimento, de fato), estão as primeiras iniciativas de parcerias público-privadas (como o caso do NAVE, aqui no Rio de Janeiro, citado no segundo capítulo dessa pesquisa) e a aplicação de sistemas de avaliação de alunos e professores condicionando resultados às bonificações em forma de dinheiro ou de material<sup>124</sup>, como o SAERJ, por exemplo, cuja anulação já foi citada no segundo capítulo como uma das reivindicações da ocupação do Cairu.

Vale destacar dois elementos novos nesse contexto: o primeiro deles é uma migração dos alunos da rede privada para a rede pública, em função da crise econômica

---

<sup>123</sup> Comunicação pessoal à autora em 29 abr. 2016, no próprio colégio

<sup>124</sup> Importante destacar que essas características não abarcam a total complexidade desse tema, bem como não consideram os problemas pertinentes aos professores (desempenho, dedicação e interesse) e aos alunos (questões de comportamento). É válido apontar isso porque o problema do ensino público não é só das questões institucionais, embora elas sejam fundamentais nesse processo. Também não estão ditos aqui os exemplos de excelência de escolas, professores e alunos que se destacam nesse quadro. Todas essas questões, também muito importantes, não são abordadas porque não é esse o recorte dessa pesquisa. A ideia aqui é traçar apenas um panorama geral atravessado por macro questões políticas e econômicas que dialogam com os objetos dessa pesquisa: as ocupações das escolas, a juventude e a luta política.



que está sendo atribuída ao Brasil. Em 2015 o movimento já tinha sido percebido e, em 2016, ele foi acentuado. No Rio de Janeiro, por exemplo, foram registradas mais de 30.000 novas matrículas de alunos oriundos da rede privada<sup>125</sup>. Esse fato é importante para pensar no impacto que a inserção desses alunos, provenientes de um nicho privilegiado (em relação aos recursos materiais das escolas) causará no sistema público de ensino, preterido justamente por uma questão de mercado. Será que essa migração (se continuar a crescer) vai promover mudanças no ensino público? Quais os resultados da interação entre alunos de origens socioeconômicas e territórios diferentes? São análises interessantes que estudos futuros poderão abordar.

O segundo fator que não pode deixar de ser mencionado numa pesquisa que trata das ocupações dos secundaristas é a reforma do ensino médio (Medida Provisória 746/2016), mudança proposta pelo presidente Michel Temer e que acaba de ser aprovada (dezembro de 2016) pelo Senado Federal. Quando o Cairu e as outras escolas do Rio de Janeiro deflagraram suas ocupações, no primeiro semestre de 2016, o acirrado contexto político ainda girava em torno do impeachment da Presidenta Dilma Rousseff. Numa clara demonstração de como interesses políticos podem acelerar ou retardar situações, o processo contra a Presidenta foi conduzido com uma eficiência digna de fazer inveja às grandes corporações: foi aprovado na Câmara dos Deputados em abril, pelo Senado Federal em maio e concluído em agosto, mês em que a Presidenta perdeu definitivamente o cargo. A efetividade do novo governo continuou a pleno vapor e, de setembro a dezembro de 2016, foi colocada em discussão a reforma da previdência (em vias de aprovação) e aprovadas medidas relacionadas ao teto dos gastos públicos e a reforma do ensino médio, sendo essas duas últimas o gatilho para a grande leva de ocupações feitas pelos estudantes secundaristas do Paraná, mobilizando cerca de 1.000 escolas em todo o estado.

Não é objeto dessa pesquisa abordar esses acontecimentos do segundo semestre de 2016, mas é importante pontuar a criação do Novo Ensino Médio, que será implementado a partir da aprovação, em 2017, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pelo Conselho Nacional de Educação. Entre as diversas medidas que a reforma apresenta estão a possibilidade do aluno cursar, caso queira, o ensino médio combinado com uma formação técnica profissional, o aumento das escolas que irão

---

<sup>125</sup> Informação disponível em <http://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2016-12/no-rio-mais-alunos-deixam-escola-particular-para-entrar-na-rede-publica>. Acesso em: jan. 2017.

oferecer ensino médio em tempo integral (atualmente representa apenas 5% das matrículas), e o inglês como a língua obrigatória a partir do 6º ano do ensino fundamental até o ensino médio, tendo como justificativa que “o inglês é necessário para inserção no mundo de trabalho”<sup>126</sup>. Não é possível avaliar a repercussão de todas essas medidas, haja vista que elas estão sendo discutidas nesse momento em que essa pesquisa está sendo escrita. Contudo, numa leitura superficial, é possível observar como essa reforma prepara o jovem para o mercado de trabalho, literalmente. Vem, então, novamente à minha cabeça o artigo apresentado no primeiro capítulo dessa pesquisa sobre o Programa Jovem Aprendiz e o Sistema S. É preocupação legítima com a experiência do estudo (e com a autonomia, liberdade, criatividade...) dos jovens ou mais uma forma de atendimento às demandas do mercado?

Acionando Mortada (2009) mais uma vez, ele traz ainda uma reflexão que é preciso mencionar sobre a relação entre o jovem e o espaço da universidade (que pode ser estendida para a interação entre o secundarista e a escola). Ao contrapor a experiência dos jovens militantes dos anos 60 com os estudantes a partir da década de 80, já sob a pressão do neoliberalismo, o autor indica um certo esvaziamento no sentido da vivência desses últimos em relação à universidade. Para Mortada, uma vivência carregada de simbolismos e significados observada nos anos 60 deu lugar a uma relação de consumo, do estudante mais como espectador do que ator do seu próprio espaço, que está apenas de passagem por aquele lugar e pouco interage com ele.

Esse ponto de vista do autor pode estar carregado de uma certa visão romântica sobre a juventude militante dos anos 60 como o modelo de militância a ser seguido desde então. Romantismo ou não, a reflexão sobre isso dispara um gatilho pertinente para pensarmos as ocupações dos dias atuais (e isso pode ser pensado tanto para as ocupações das universidades como das escolas): o mesmo sistema político-econômico que pressiona a relação dos jovens com a educação sob a ótica do negócio<sup>127</sup> e que se intensificou a partir dos anos 80, é o que vê surgir nas suas brechas uma modalidade de interação com o espaço que desperta outros sentidos dessa relação de consumo. Da

---

<sup>126</sup> Informações disponíveis em

[http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem\\_duvidas15](http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem_duvidas15). Acesso em: jan. 2017

<sup>127</sup> Cabe destacar que entendo que o mercado e as relações de negócio, como sinônimo, são muito mais que relações mecânicas de consumo, como bem aponta Canclini (2006) na sua definição de mercado como um espaço de interações socioculturais complexas. O ponto aqui destacado é o que se relaciona com o objeto dessa pesquisa e que se conecta com a ideia, entre outras possíveis, da educação transformada em negócio privilegiando aspectos quantitativos em detrimento do seu caráter reflexivo e emancipador dos sujeitos.

relação de consumo fria, no entendimento mais clássico, o ato de ocupar dispara um exercício de cidadania, com o consumo dentro do sentido que Canclini (2006) atribui ao termo. Por esse viés, quando o estudante altera sua relação com a escola ou com a universidade, transformando o lugar de passagem em um lugar de “morada”, ainda que transitória, é um sentido de pertencimento que está sendo colocado e uma demanda por atuar em um cenário de disputa. É o resgate de um vínculo que a relação apenas mecânica de consumo deixa escapar. A ocupação física do espaço é uma metáfora para a ocupação simbólica dos sentidos que navegam nesse complexo processo, onde os alunos querem ter o direito de participar. Ocupar é sinônimo de preencher um espaço e de fazer parte dele.

E falando em ocupação física do espaço, é necessário pensar nos efeitos do neoliberalismo sobre a cidade e de que forma isso se relaciona com as mobilizações que nascem nela, onde as ocupações das escolas são um resultado entre tantos outros. O Rio de Janeiro é um caso emblemático para pensar esse recorte por ser a cidade-vitrine “bonita por natureza” que colhe as dores e delícias de ser o que é. Dá pra viajar um pouco no tempo e pensar no termo ocupação ainda no projeto de modernização da cidade, no século XX, quando os moradores da área central do Rio foram expulsos dessa região e migraram para os morros da cidade. Essa ocupação, que dá origem às favelas e se apresenta como a solução que as pessoas encontraram para viver, já era uma resposta, lá atrás, a um processo de modernização que transformaria a cidade-espetáculo muitos e muitos anos depois. É muito curioso pensar que as favelas, encaradas como um grande problema pelos cidadãos em geral e pelo governo, são produto de um longo processo de avalanche do capital sobre a cidade que é maravilhosa para apenas 10% da sua população. O irônico disse é perceber como essa configuração habitacional se inscreve nas paisagens preferidas do dinheiro grosso que circula no Rio: nos metros quadrados mais caros da cidade, como Leblon ou São Conrado, por exemplo, lá estão o Vidigal e a Rocinha ocupando o cenário, como quem diz “Vocês vão ter que nos engolir”.

Trazendo a discussão para o contexto atual, o ápice da cidade como negócio foi vivenciado nos últimos anos com a realização da Copa do Mundo, em 2014, e com os Jogos Olímpicos, em 2016, como já citado anteriormente. Com quantias astronômicas

de dinheiro envolvido, todo o esforço dos governos estadual<sup>128</sup> e municipal, em parceria com as grandes corporações brasileiras e internacionais, foi direcionado para fazer o grande espetáculo funcionar em detrimento de todos os graves problemas que afligiam (e ainda afligem) a cidade, e causando ainda mais transtornos para o carioca, com destaque para a política de “segurança” para a cidade. A força contrária a todo esse movimento foi articulada sob o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas<sup>129</sup> para denunciar remoções, violência e violação de direitos humanos da população.

O tema é bastante rico e passível de extensa análise que não será feita nessa pesquisa. A menção a esses fatos está sendo feita para ilustrar alguns elementos de uma cidade vista como negócio imersa numa lógica neoliberal e, sob essa ótica, é evidente que a educação pública não é uma prioridade. Esse processo se inscreve no projeto já muito bem tocado de precarização dos serviços públicos ofertados ao cidadão. A estrutura do Cairu, descrita no segundo capítulo, é um excelente retrato disso. Nesse contexto, a ocupação feita pelos alunos nas escolas é mais do que evidente, é urgente. Carlos Vainer aborda bem esse contexto das cidades ao falar das manifestações de 2013 (VAINER, 2013:39):

A cidade neoliberal aprofundou e agudizou os conhecidos problemas que nossas cidades herdaram de quarenta anos de desenvolvimentismo excludente: favelização, informalidade, serviços precários ou inexistentes, desigualdades profundas, degradação ambiental, violência urbana, congestionamento e custos crescentes de um transporte público precário e espaços urbanos segregados. Nesse contexto, o surpreendente não é a explosão, mas que ela tenha tardado tanto.

A importância de indicar esse aspecto das cidades sob a lógica neoliberal aparece, como já foi dito, como contexto, mas a ideia sobre isso apenas como um cenário (podendo parecer algo estanque) não captura uma outra dimensão importante desse elemento: ela é a tradução de um sistema que governa nossas vidas. Por isso mencionei, no segundo capítulo desta pesquisa, que o aluno do Cairu traz para o colégio

---

<sup>128</sup> Aqui vale destacar, apenas a título de lembrança, que em 2013 manifestantes ocuparam por quase 40 dias a rua onde morava o ex-governador Sérgio Cabral, para pedir melhorias na cidade do Rio de Janeiro e explicações sobre o caso do sumiço do pedreiro Amarildo, detido por policiais militares da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Rocinha, em julho daquele ano. Atualmente, o ex-governador e a ex-primeira dama estão presos no complexo de Bangu sob a acusação de recebimento de propinas exorbitantes em obras públicas.

<sup>129</sup> Informações disponíveis em [http://rio.portalpopulardacopa.org.br/index.php?page\\_id=47](http://rio.portalpopulardacopa.org.br/index.php?page_id=47). Acesso em: jan. 2017.

sua experiência com a cidade<sup>130</sup> e que a ocupação da escola é um fruto desse processo. Mauro Iasi (IASI, 2013:41), ao analisar a relação entre a rebelião, a cidade e a consciência, coloca que “a cidade é a expressão das relações sociais de produção capitalista, sua materialização política e espacial que está na base da produção e reprodução do capital”. O autor observa que a cidade condensa suas próprias contradições e se apresenta como uma “unidade de contrários”, marcada não só pelas profundas desigualdades, mas pela dinâmica da ordem e da explosão. A ordem, conectada à sociabilidade do capital, faz com que as relações sociais sejam captadas como “naturais” ou “imutáveis” e isso assume um status de verdade sobre a nossa leitura da realidade que acaba virando a “realidade em si”. Nesse processo, nossas inquietações e inconformismos (o potencial de explosão) são reprimidos (ou neutralizados) por diferentes mediações, onde “o cotidiano é o campo dos mecanismos de adaptação, e a luta não é a regra” (Idem, p. 43).

No outro lado dessa balança (que não é equilibrada), a luta aparece como uma forma possível de mediação, só que muito mais complexa, operada por parte dos indivíduos que “tentam agir negando a parte ou o todo da ordem estabelecida” (Idem, p.44). Irrompem nesse panorama os movimentos sociais, os sindicatos, os partidos e outras formas de luta coletiva. E é aí que a ocupações dos secundaristas se insere. Ao propor uma mobilização que questiona e confronta aquilo que está sendo oferecido, os alunos enfrentam a “normalidade” da “ordem” da gestão do Estado neoliberal que, seja na cidade ou no ensino público, reveste seu bem articulado projeto de debilidade dos serviços públicos – em favor dos negócios privados do qual é sócio - com a manta do “possível” ou sob a justificativa de que o Estado “não consegue dar conta de tudo”. Quando as mediações a serviço da manutenção da pretensa “ordem” se chocam com um segmento que se propõe a questioná-la, brotam as lutas e as resistências. Uma aluna do 2º ano, muito importante para a ocupação do Cairu, ao ser questionada sobre o diferencial da sua geração em relação às outras que a precederam na escola e que já lidavam com a precarização da sua estrutura, responde:

Cara... essa geração tem um inconformismo muito grande. O sucateamento [das escolas] vem desde os anos 90, mas agora tá demais! É um ponto ápice que não dá mais! Essa geração é a geração que não teve uma aula de biologia e de química nos laboratórios enquanto a patroa da minha mãe me conta as

---

<sup>130</sup> Lembrando que o Cairu atende, majoritariamente, os jovens do subúrbio (zona norte) do Rio de Janeiro, de áreas como o complexo do Lins e do Alemão, por exemplo.

histórias, ela fez o ensino médio dela completo aqui, teve várias aulas ali. Por que ela teve e eu não sendo que é o mesmo espaço, a mesma escola? E eu não me conformo com isso e a galera toda é assim, é um inconformismo muito grande... e a galera é rebelde só que com causa, entende? É isso que tá fazendo a gente ocupar e tudo isso. A gente tem um inconformismo muito grande. É o diferencial dessa geração. A gente é muito inconformado (...)... como você falou, o sucateamento tá vindo desde antes. A gente tem dois tipos de inconformismo: a galera [*as gerações anteriores*] não fez nada por quê? E por que continua vindo esse sucateamento? A gente vai parar. Vai parar aqui. Minha filha, se eu tiver, espero que não, (...) eu quero que ela estude aqui mas não do jeito que eu tive que pegar. Ela vai pegar melhor porque eu lutei pra ela ter isso aqui<sup>131</sup>. (informação verbal)

Tenho vontade de passar mais folhas e folhas falando desse assunto, mas é necessário passar para outro tópico. A intenção aqui é trazer a reflexão sobre as ocupações das escolas como um efeito, entre outros, do avanço do neoliberalismo na educação – donde o sucateamento das escolas públicas é apenas sua face mais visível - e na gestão das cidades que, operadas dentro da lógica do negócio, substituem os serviços públicos para o cidadão por mega estádios<sup>132</sup>, por exemplo. Felizmente, as posturas que desafiam a aparente “normalidade” da “realidade”, como a luta dos secundaristas, não serão substituídas tão facilmente.

### 3.2 Juventude e mobilização em tempos de rede

Retomo o artigo já mencionado de Mauro Iasi (2013) para abordar outra perspectiva. Ao continuar sua análise sobre as manifestações que tomaram conta das ruas em 2013<sup>133</sup>, as famosas Jornadas de Junho, Iasi atenua a importância dos atuais meios de comunicação, como as redes sociais, no processo de mobilização dos participantes (*Idem*, p. 44):

Aqui se localiza o atual culto fetichizado dos meios, segundo o qual a atual explosão da insatisfação popular ocorrida Brasil afora em junho de 2013 teria

---

<sup>131</sup> Comunicação pessoal à autora em 20 de maio de 2016. Vale destacar que a entrevista da aluna foi gravada ao mesmo tempo por mim e pela equipe de produção de um documentário sobre as ocupações. O documentário se chama Escola de Luta e está disponível no You Tube no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=zCXCa-7b73I&feature=youtu.be>.

<sup>132</sup> Sobre as transformações pelas quais o Maracanã passou para receber a Copa do Mundo de 2014 e suas implicações na relação afetiva de seus antigos frequentadores (com especial destaque à extinção da “geral”, parte mais popular do estádio), indico o documentário “Geraldinos” (2016) de Pedro Asbeg e Renato Martins. Excelente nota sobre o documentário em <http://esportes.estadao.com.br/blogs/o-jogo-de-zanin/geraldinos/>. Acesso em: jan. 2017.

<sup>133</sup> Trago o artigo do autor para essa pesquisa porque, embora as manifestações de 2013 não sejam o objeto aqui discutido, é possível estender toda a reflexão feita sobre o evento para a análise das ocupações feitas pelos secundaristas. Ela são o eco de um novo momento da mobilização da juventude no Brasil.

tido determinada pelo uso de novos meios convocativos, como as redes sociais na internet.

Para o autor, que está analisando o fenômeno no calor da hora, o detonador desse processo não são os novos arranjos propiciados pelas redes, mas sim o “diálogo entre dois segmentos da classe trabalhadora que estão em momentos diferentes do processo de consciência” (*Idem*). Nesse ínterim, a multidão nas ruas é produto da dinâmica de luta de classes e a explosão das manifestações acontece porque já é impossível que elas não aconteçam, mesmo que as mediações façam crer que “realidade” é imutável. Iasi (*Idem*, pp. 44-45) cita Sartre para justificar seu ponto de vista:

Até aqui, de fato – na dimensão do coletivo –, o real se definia por sua impossibilidade. Aquilo que chamam de sentido de realidade significa exatamente: sentido daquilo que, por princípio, está proibido. A transformação tem, pois, lugar quando a impossibilidade é ela mesma impossível, ou, se preferirem, quando um acontecimento sintético revela a impossibilidade de mudar como impossibilidade de viver. O que tem como efeito direto que a impossibilidade de mudar se volta como objeto que se tem de superar para continuar a vida.<sup>134</sup>

Eu não tenho a pretensão de discordar da leitura que Iasi faz dos movimentos de 2013. Contudo, vou ousar ir um pouco além da apreciação que ele faz sobre os meios digitais para pensar as ocupações dos secundaristas e a relação que elas têm com internet. Numa observação mais generalista, de primeiro tom, é inegável seu papel na mobilização dos estudantes. Na Revolta dos Pinguins (o documentário), estudantes que participaram do movimento destacaram a importância da articulação deles pelo programa de conversas Messenger, muito popular há 10 anos. Nas ocupações dos nossos secundaristas, foi muito significativo (e talvez fundamental) o acesso, via internet, à cartilha das ocupações feitas por estudantes chilenos e argentinos, disponível na página do coletivo O Mal Educado<sup>135</sup>, com explicações sobre o funcionamento das ocupações. O acesso ao material foi citado pelos alunos de São Paulo (no documentário “Acabou a Paz! Isso aqui vai virar o Chile” e no “Lute como uma menina!”, sobre o papel das meninas nas ocupações), do Rio (entrevistas feitas por mim) e acredito que tenha sido usado pelos alunos do Paraná porque o documento é de fácil acesso e

---

<sup>134</sup> SARTRE, 1963 *apud* IASI, 2013, p. 44-45.

<sup>135</sup> Como já mencionado no segundo capítulo, a apostila está disponível em <https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>. Acesso em: jan. 2017.

leitura<sup>136</sup>. Da mesma forma, a disponibilidade gratuita do documentário do Pronzato, conforme citação já feita, teve um efeito muito poderoso por colocá-los em contato com a mobilização que os estimulou. Outro destaque importante sobre esse assunto foram os inúmeros documentários, entrevistas e coberturas feitos pelas mídias alternativas (como a Mídia Ninja) que se esmeraram em registrar as ocupações pela voz dos alunos e também liberaram o conteúdo na rede, ajudando a divulgar o movimento.

Talvez seja desnecessário ressaltar aqui a força que o audiovisual tem hoje em dia na vida das pessoas e, principalmente, entre os jovens. Para esse movimento – e como para tantos outros – a potência da junção do audiovisual com o meio “livre” de divulgação (a internet) é avassaladora. E o que pensar, então, do papel do Facebook e do Whatsapp nessas mobilizações? Essas redes estão na gênese das ocupações e acho que não é exagero dizer que elas foram essenciais para o movimento<sup>137</sup>. A menção às redes sociais e seu papel nas mobilizações dos últimos anos é apontada por um dos alunos entrevistados:

Em 2013 você vê aquela massa toda se levantando, juntos, mas sem direção e aquilo influenciou toda a juventude. As pessoas começaram a olhar para aquilo e através das mídias sociais pensaram “Pô, vamos ligar mais pra política”. Você vê que o futebol, hoje em dia, quando você passa num barzinho, tão discutindo o quê? Tão discutindo política e não futebol. Eu acho que isso é um progresso. Por mais que as ideias conservadoras estão ganhando força, as ideias progressistas também estão ganhando força. Então esse embate político é bom. (informação verbal)<sup>138</sup>

Quero aprofundar ainda mais essas observações e trazer a discussão para uma reflexão mais geral não sobre o conteúdo das redes, mas sobre o comportamento dos usuários e do próprio ciberespaço, com destaque para as categorias horizontalidade e autonomia. Começando pela primeira, a horizontalidade experimentada no mundo digital é uma boa ideia para ajudar a pensar nas ocupações. Quando menciono esse

---

<sup>136</sup> Aqui vale refletir, em linhas gerais, que a dinâmica das ocupações nas escolas (sob o ponto de vista tático) é relativamente simples. Esse simples não tem a ver com o tom pejorativo do termo. É simples no sentido de ser clara, nítida e perspicaz e, talvez por isso, seja uma mobilização tão eficaz e eficiente. Corrobora essa impressão o fato da dinâmica das ocupações das escolas (em São Paulo, Rio, Paraná e demais estados) ser praticamente a mesma. Basicamente: os alunos decidem a ocupação por assembleias (que é o principal mecanismo de tomada de decisão do movimento, antes, durante e depois que ele acontece), ocupam o espaço da escola, se distribuem pelas comissões e operam a gestão do espaço. Essa simplicidade a qual me refiro se traduz na versão para impressão da cartilha que os alunos usaram como referência: são somente 4 páginas, facilitando a leitura, a impressão e a distribuição do material. Ou seja: é um excelente uso da ideia colaborativa que a internet propicia. Outra observação interessante é o nome do coletivo que disponibilizou o material: O Mal Educado. É maravilhoso o sentido irônico do termo.

<sup>137</sup> Acredito que um recorte com foco na relação entre esses três elementos (Facebook, Whatsapp e ocupações) é um potente tema para pesquisas futuras.

<sup>138</sup> Comunicação pessoal à autora em 25 abr. 2016, no próprio colégio.



termo, penso na forma como os usuários navegam na internet, em múltiplas direções, dentro daquilo que entendemos como hipertexto, e como nossas trajetórias digitais desenham um mapa com aspecto de rizoma, no sentido literal e interpretativo como propõem Deleuze e Gattari (1995). A operação dos usuários no ciberespaço – e até mesmo a lógica de funcionamento da internet - pode ser pensada a partir das características utilizadas por esses dois autores para descrever seu conceito, em linhas gerais: a conexão que faz um ponto se ligar a qualquer outro ponto; a heterogeneidade dessas conexões; a ausência de hierarquias; a multiplicidade dos contatos; o aspecto multidirecional das conexões.

Partindo da interpretação por essa ótica, penso no efeito que isso traz para uma geração de jovens que cresceu mediada por toda essa estrutura. No momento em que estou escrevendo essa pesquisa, estou com 35 anos e acho que sou uma das últimas gerações que cresceram numa época de transição entre um universo analógico e digital, onde as redes entre as pessoas ainda estavam bastante ligadas às interações nos espaços físicos e a carta física – enviada pelos correios – era um meio de comunicação comum. As gerações que vieram depois de mim, ou melhor, essa geração que ocupa escola e que está na faixa dos 15-17 anos atualmente (que nasceu a partir de 2000 para cá) já chegou em um mundo hiper digital<sup>139</sup>, altamente conectado e atravessado por todos esses aspectos que caracterizam o efeito rizoma. A partir disso, reflito, então, como todas essas questões impactam suas subjetividades e suas formas de pertencimento<sup>140</sup>. Nesse sentido, a horizontalidade dos processos para eles não é algo a ser buscado ou um objetivo a ser atingido, mas sim a maneira pela qual eles aprenderam a ler e estar no mundo a partir da sua realidade construída em cima dessa interação real-digital. Leonardo Sakamoto (2013, p. 95) reflete sobre isso ao dizer que:

Essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social

---

<sup>139</sup> Pontuo essa discussão em linhas gerais, como panorama, sem estender a discussão para a questão do acesso à internet para toda a população. Evidente que esse acesso é bastante desigual, mas é inegável seu efeito para as vozes da periferia, por exemplo, demonstrando seu enorme potencial quando o acesso for irrestrito.

<sup>140</sup> Ao mencionar isso, confesso que sempre fico muito espantada ao perceber como os bebês de pouquíssimos meses de idade hoje em dia interagem com os celulares, seja para manusear ou posar para uma foto. Meu espanto (que pode ser um toque de conservadorismo) em relação a isso me remete inevitavelmente às observações feitas por Georg Simmel em “A Metrópole e a vida mental”(1973).

Outro aspecto decorrente desse processo pode ser lido através da relação dessa geração com a hierarquia: no fluxo multidirecional que caracteriza a internet e a interação nas redes, onde os usuários são consumidores e produtores de conteúdo, as lideranças já não operam pelos mesmos sentidos que atuavam antigamente porque há mais disputa nesse cenário. Falarei disso um pouco mais nas próximas páginas, mas só para pincelar essa questão, Michel de Certeau (2012) observa que as tradicionais instituições que antes monopolizam os sentidos de mundo das pessoas, bastante amparadas na hierarquia e liderança (como a escola, a igreja e o Estado), perderam seu lugar hegemônico nesse processo e passaram a disputá-lo com o consumo e a mídia.

Talvez essas questões expliquem um pouco porque um movimento horizontal como a ocupação das escolas seja palpável para essa geração e cause espanto nos adultos ou, de outra forma, possam explicar porque eles – os alunos - não estão tão preocupados em apontar lideranças enquanto essa é uma das perguntas mais recorrentes feitas a eles pela polícia. Parece haver aí um choque de gerações onde a geração mais velha, amparada em seus moldes de interpretação do mundo, caminha muito mais no sentido de desqualificar a mobilização dos estudantes (“como respeitar um movimento que não tem líderes?”) do que tentar entender quais são as novas configurações que regem o movimento e o que elas falam do jovem inserido nisso. E isso acontece inclusive por setores da esquerda do nosso país. É curioso perceber como essa questão da liderança é uma categoria muito reivindicada pelas pessoas que tentam entender as ocupações, como se ela fosse uma espécie de chancela que validaria (ou não) a mobilização dos alunos. Esse fato aparece nas entrevistas do documentário já citado “Lute como uma menina!”, na passeata dos alunos que eu acompanhei na Avenida Dias da Cruz, no Meier, em maio de 2016, e nas entrevistas que fiz com os alunos do Cairu. Para citar um exemplo, entre outros, eles me disseram que nos primeiros dias da ocupação, a Rede Globo apareceu por lá para fazer uma matéria no jornal da manhã e a repórter exigia que o líder da ocupação desse a entrevista. Os integrantes da comissão de comunicação explicaram a ela que o movimento não tinha uma liderança e que todos eles iriam aparecer na entrevista (ou não apareceria ninguém). De acordo com os alunos, depois de uma discussão entre eles e a repórter, todos falaram, mas a edição mostrou apenas a fachada do colégio sem nenhuma entrevista com os estudantes. A repórter finalizou a matéria enfatizando o “problema” que a ocupação estava

representando para os alunos e destacando a preocupação da Secretaria de Educação com a liderança (olha ela aí de novo) de pessoas de fora da comunidade escolar<sup>141</sup>.

Das muitas mensagens que a ocupação dos estudantes emite, uma delas é a necessidade de repensarmos as velhas formas de lidarmos com questões como hierarquia e modos do fazer político. Cito novamente Sakamoto (2013, pp. 95-96) para ilustrar esse processo:

“Ah, mas esses jovens que resolveram, de uma hora para outra, questionar como a vida se organizava antes de eles nascerem são muito novos para entender como tudo funciona.” Não, não são. Já perceberam o que significa ordem, hierarquia e tradição – e não gostaram. Até porque esses são os valores de uma civilização representada por fuzis, colheitadeiras, motosserras, terno e paletó, que, mais cedo ou mais tarde, terá de mudar. Este não é o mundo, tampouco a política, que muitos deles querem.

Autonomia<sup>142</sup> é outra categoria que pode ser pensada a partir das ocupações e a relação com a internet, as novas redes, enfim, a comunicação na era digital e sua relação com a juventude. A possibilidade de produzir, alterar, disponibilizar, baixar, compartilhar, assistir, mixar conteúdos, entre outras ações, em rede mundial, é uma potente revolução (para o bem e para o mal). Nas tênues fronteiras que existem hoje entre o mundo físico e o mundo digital, nossa realidade é composta por múltiplas possibilidades de interação onde absorvemos tanto conteúdo quanto somos capazes de produzir. A rede nos alimenta e a gente alimenta a rede, num looping infinito. Da mesma forma que a relação com a horizontalidade pode extrapolar o universo digital e imprimir marcas nos movimentos sociais (com um exemplo, entre outros), nossa capacidade de produção ressignificada (e potencializada) pela interação nas redes também inspira novas formas de afirmações dos sujeitos. Estão aí as selfies, os perfis em diferentes redes sociais, o compartilhamento daquilo que concordamos (ou não) sempre como extensão de nossos processos particulares de formação. No centro disso tudo estão os sujeitos produtores de conteúdo. Eliane Costa (AGUSTINI & COSTA,

---

<sup>141</sup> Matéria disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/alunos-ocupam-mais-tres-escolas-estaduais-no-rio-desde-segunda-4.html>. Acesso em: jan. 2017. Vale destacar que após a fala final da repórter Raquel Honorato sobre a “preocupação” da Secretaria de Educação com as lideranças de fora e com os alunos como os maiores “prejudicados” do movimento, o jornalista no estúdio Flávio Fachel responde: “Pois é Raquel, mas é bom lembrar que eles estão exigindo melhorias no ensino e essa exigência é uma exigência que todo mundo apoia”. Ponto para Flávio Fachel!

<sup>142</sup> Discuto o termo aqui no sentido da produção de conteúdos, na liberdade de escolha para a navegação na rede, nas possibilidades de articulação e interação que a rede propicia. Outras pesquisas discutem que todas essas questões são, na verdade, um fetiche porque a internet é controlada pelos grandes meios e somos vigiados o tempo todo, inclusive porque nós mesmos alimentamos a rede com a exibição da nossa privacidade. Como essa discussão forma um espectro que engloba esses dois pólos de interpretação, aqui nessa pesquisa discuto o primeiro.

2014, p. 48) fala sobre esse assunto e cita a reflexão de Pierre Lévy sobre os novos paradigmas trazidos pela internet que extrapolam a mera revolução tecnológica e anunciam “uma mutação fundamental na própria essência da cultura”. Yasmin Thayná (*Idem*, p. 329), ao falar da sua própria experiência e da vida em tempos de upload, comenta bem esse processo:

Tudo isso contribuiu consideravelmente para o surgimento de novas ideias, o amadurecimento dos processos colaborativos em rede. Entre outros, destaco, também, o empoderamento de sujeitos a partir da rede, na qual eles passam a assumir como identidade profissional suas atividades de compartilhamento de conteúdos e ampliação de acessos. Passam a entender o que fazem como uma ação política. Em tempos como esse, não se pode viver sem upload.

Uma boa ideia que nos ajuda a pensar nessa questão da autonomia propiciada pelas redes é o Movimento Maker<sup>143</sup>. Manoel Lemos (2014) fala sobre isso ao analisar como as novas tecnologias trazem as mudanças na forma como as coisas são produzidas e em quem as produz, configurando uma Nova Revolução Industrial. O autor cita como exemplo a chegada dos blogs que, mais do que um formato inovador de diário eletrônico, traz uma avassaladora democratização dos canais de comunicação tocada por qualquer pessoa que se disponha a fornecer conteúdo para qualquer outra pessoa. A Wikipédia é outro exemplo mencionado, com ênfase para o aspecto da ideologia de abertura e colaboração que o ambiente digital proporciona. O Movimento Maker é apresentado pelo autor através da importância dos seus usuários: “Os participantes desse movimento estão abraçando a possibilidade de construir com suas próprias mãos e de maneira profundamente colaborativa, graças à web, todos os tipos de coisas”. (*Idem*, p.30). Para Lemos, o crescimento desse movimento<sup>144</sup>, que tem como filosofia o desejo de aprender, criar e construir de maneira colaborativa, aparece não só como uma resposta ao “nosso desejo de nos apropriarmos das coisas e construirmos tudo por nós mesmos, mas também como uma importante atividade comercial e industrial” (*Idem*, pg. 31) e é dessa forma que o movimento se encaixa na Nova Revolução Industrial. O

---

<sup>143</sup> No início do século XX, começava a surgir na Inglaterra um movimento (Arts & Crafts ou Arte & Ofício) contra a industrialização da arte e do artesanato, que valorizava a criação artesanal mais tradicional diante das produções artísticas mais mecânicas e a produção em massa de peças de arte. Nos anos 40, já nos Estados Unidos, movimento cultural similar buscando uma conexão maior das pessoas com as coisas que elas usavam culminou na cultura do Do It Yourself (DIY ou Faça Você Mesmo). “Tudo claramente conectado com uma busca por economias e um desejo de apropriação das coisas pelas pessoas em oposição à massificação da produção e a obsolescência programada das coisas” (LE MOS, 2014, pg. 30). O Movimento Maker (ou Movimento dos Fazedores) é a extensão tecnológica da cultura DIY.

<sup>144</sup> Vale destacar que estão nos primórdios desse movimento empresas como Aple, Facebook e You Tube.

exponencial crescimento dessa filosofia nos últimos anos tem ressoado a criação de espaços que funcionam “como laboratórios abertos que oferecem a infraestrutura necessária para que seus frequentadores trabalhem em seus projetos” (*idem*). Esses espaços – que podem ser públicos ou privados - são chamados de Hackerspaces, Makerspaces ou FabLabs, onde as pessoas se encontram para troca de experiências e para trabalharem em projetos de maneira conjunta<sup>145</sup>.

Não é objeto dessa pesquisa, mas é necessário apenas situar a reverberação de toda essa transformação no cenário cultural brasileiro. Diversas iniciativas que congregam as novas tecnologias colaborativas, movimentos sociais e culturais, e sociedade têm marcado forte presença no nosso território, e é muito importante destacar a gestão de Gilberto Gil - notório militante a favor da liberdade digital e do movimento do software livre - como Ministro da Cultura, entre 2003 e 2008. Além disso, entre as inúmeras mobilizações e instituições, a Casa da Cultura Digital (São Paulo)<sup>146</sup> representou um espaço fundamental na articulação desses processos ao funcionar como plataforma de reflexão e produção sobre o impacto das novas tecnologias na sociedade. Nela foram concebidos e realizados projetos ligados às mais diversas áreas como tecnologia, educação, política, cultura, artes, comunicação, promovendo uma interseção entre todos esses setores. Na potente associação entre tecnologia e cultura, destaco a fala de Gabriela Agustini (AGUSTINI & COSTA, 2014, p. 209):

E essa mudança não se dá apenas no que diz respeito às técnicas e possibilidades permitidas pela evolução das tecnologias. A revolução digital é acima de tudo cultural, à medida que muda comportamentos, reconfigura as relações sociais e altera profundamente processos de produção, distribuição e armazenamento de conteúdos. Um exemplo é a explosão das periferias que ocorreu quando a internet se alastrou pelo país, incluindo na cena cultural mundial vozes e visões até então pouco conhecidas. Fenômenos como a

---

<sup>145</sup> O primeiro Hackerspace brasileiro é o Garoa Hacker Clube, em São Paulo, criado em 2010. Disponível em [https://garioa.net.br/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](https://garioa.net.br/wiki/P%C3%A1gina_principal). Acesso em: jan. 2017. Lemos faz ainda um importante destaque para a cena brasileira: “Uma das grandes proezas da Internet foi a de espalhar as boas ideias pelo planeta todo na velocidade da luz, o que fez com qualquer tipo de movimento interessante que nascesse em qualquer parte do mundo tivesse seus efeitos sentidos aqui no Brasil. Além disso, o Brasil sempre foi muito ativo nas comunidades de software livre, sendo um dos países que mais luta pela adoção e disseminação do software livre em todas as camadas sociais e, principalmente, no governo [*destaque meu: ele escreve isso em 2014*]. Para completar, a natureza de abertura e agregação da web são bem comuns ao brasileiro, o que reflete em nossos índices de utilização de plataformas sociais de todos os tipos. Tais fatos fizeram com que o brasileiro entendesse rapidamente a dinâmica do hardware livre e do Movimento Maker” (2014, pg. 32). Destaque meu: de acordo com o Facebook, 8 de cada 10 pessoas no país estão conectados à rede social. Informação disponível em: <http://www.techtodo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-revela-dados-do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html>. Acesso em: jan. 2017

<sup>146</sup> <http://www.casadaculturadigital.com.br/#>

Batalha do Passinho mostram que a periferia está usando a cultura com recurso para ser percebida, para existir<sup>147</sup>.

E as ocupações no meio disso tudo? Começo pela parte mais óbvia: foi fundamental para a ocupação do Cairu (assim como para as outras ocupações) a possibilidade deles mesmos produzirem seus registros da ocupação, imprimindo suas vozes e reivindicações do movimento através do perfil no Facebook e de vídeos no YouTube. A criação da página da ocupação (que começou como Ocupa Cairu e, depois da ocupação, virou Cairu Resiste e está ativa até hoje) foi uma das primeiras medidas dos alunos logo no primeiro dia da ocupação (04 de abril de 2016) e em poucos dias já somava mais de 4.000 curtidas. É muito sintomática que essa ação estivesse na prioridade das estratégias dos alunos junto com outras medidas como a substituição dos cadeados das escolas e a elaboração dos cartazes com os pedidos do movimento (ações “analógicas” + ação digital). Como já foi dito, a página serviu como o principal canal de comunicação da ocupação com o registro do cotidiano deles através de fotos e vídeos, divulgação das atividades diárias, exposição do posicionamento dos alunos diante das matérias da mídia, apoio as outras escolas ocupadas no Rio e em outros estados, denúncia das condições estruturais lamentáveis do Cairu e, além disso tudo, era por meio dela que os inúmeros voluntários se inscreviam para propor atividades na ocupação. A página era alimentada por diversos integrantes da comissão de comunicação e a “sala de imprensa”, que era na verdade uma sala de aula em frente ao auditório com vista para o pátio externo do Cairu, tinha sempre alguém de plantão cuidando das informações em algum computador. Falta adicionar a esse cenário o fato do Cairu não ter rede de acesso à internet. Os alunos deram o jeito deles de subir os conteúdos através de casa, lan houses, celulares que funcionaram como modems, créditos em aparelhos para usar internet diária. Imagina só que fariam se tivessem internet no colégio (o que, aliás, era uma das reivindicações deles).

Outro destaque desse cenário é a importância que os registros da ocupação tiveram, além do aspecto da memória do movimento, de instrumento de proteção contra os ataques praticados pela polícia, autorizados oficialmente ou não. O Cairu,

---

<sup>147</sup> A título de complementação, os dançarinos do Passinho – objeto da dissertação do meu colega de turma do mestrado no PPCULT, Hugo Oliveira – acabam de conquistar o direito de serem reconhecidos como dançarinos profissionais portadores de registro na Delegacia Regional do Trabalho do Estado do Rio de Janeiro. Informações em: <http://www.tvt.org.br/jovens-da-danca-do-passinho-conquistam-registro-profissional/>. Acesso em: jan. 2017. Para que os jovens conquistassem esse direito e pudessem arcar com as despesas burocráticas, foi feita uma campanha via crowdfunding (financiamento coletivo) através do site Benfeitoria. Informações em: <https://benfeitoria.com/Passinho>. Acesso: jan. 2017.

especificamente, não teve muitos problemas com relação a isso, mas outros colégios que integraram a leva de ocupações no Rio, como o Mendes de Moraes, por exemplo, puderam registrar e divulgar cenas de violência e conflito com os integrantes do movimento Desocupa e, nesse caso, o registro das imagens funcionou como proteção, uma vez que as imagens estavam “denunciando” os fatos. As ocupações de São Paulo viveram essa experiência de forma muito mais aguda devido à ação truculenta da polícia do Governador Geraldo Alckmin, e produziram cenas icônicas como a da estudante Marcela Nogueira, de 18 anos, da Escola Estadual Godofredo Furtado, disputando uma cadeira da escola com um policial:



Fonte: <http://jornalggm.com.br/tag/blogs/ocupacao-de-escolas>

No Rio, alguns vídeos no Youtube registraram a ação truculenta do Méier Presente contra passeatas dos estudantes (do Cairu e de outras escolas) na Avenida Dias da Cruz<sup>148</sup>. Passado o embrulho no estômago ao ver as imagens, o que fica no epicentro disso tudo são os estudantes produzindo seus próprios conteúdos e divulgando na internet.

Agora, aprofundando mais a discussão, é possível pensar na ocupação do Cairu (e nas ocupações em geral) como um grande laboratório nos moldes que o Movimento Maker opera e, claro, guardadas as devidas proporções entre realidade física e realidade digital. Olha só: os estudantes se engajam no movimento por **vontade própria**

---

<sup>148</sup> Disponíveis no link <https://www.youtube.com/watch?v=SYhMJm2WdNI> e <https://www.youtube.com/watch?v=0icNmjgPhEg>. Acesso em: jan. 2017. O Méier Presente é um modelo de policiamento feito em parceria com a iniciativa privada que durará, em princípio, dois anos. Ele é composto por policiais militares pagos pela Federação do Comércio do Estado do Rio (Fecomércio) para patrulhar algumas regiões do Rio (há também o Lapa Presente, Centro Presente, entre outros).

imbuídos de um mesmo desejo que, em geral, tem a ver com a melhoria da escola ou do ensino; as **ações do movimento vão sendo testadas** (podendo funcionar ou não) na medida das demandas que chegam até eles; os estudantes se engajam nas diferentes comissões de acordo com as suas **afinidades** e a rotina da ocupação é construída em cima dessas identificações; **não há uma liderança** que responda sozinha pelo movimento, todos são líderes e responsáveis pelos erros e acertos; as ações acontecem de forma **horizontal**; a gestão do espaço é feita de forma **autônoma** pelos estudantes; há uma intensa **troca de experiências** com outras escolas ocupadas; a **lógica colaborativa** é a tônica do movimento tanto entre os alunos como entre o movimento e os inúmeros voluntários (incluindo nisso, no caso do Cairu, ex-alunos) que propuseram as mais diversas atividades na ocupação.

Reconduzindo a metáfora para o campo social, considerando que a vivência dos alunos na ocupação não gera um produto específico ou um programa de computador e sim uma experiência política construída de forma coletiva a partir da relação com a escola (como um microcosmo da própria sociedade), é Michel de Certeau (2014, p. 129) quem ilustra de forma muito atenta esses efeitos para o estudante:

Ainda que essa experiência de laboratório não ponha em ordem os problemas de uma sociedade, ela torna possível a aprendizagem de procedimentos operatórios já proporcionais à situação global, cujas dificuldades escolares constituem apenas um sintoma.

O autor (*idem*, p. 137) aponta isso porque entende que a experiência na escola não é mais separável do seu conjunto socioeconômico e afirma que nenhuma unidade de ensino “por mais autônoma, marginal ou nova que seja, pode evitar o problema da sua relação com os poderes existentes”. Parece, então, que os alunos já estão fazendo sua parte nesse processo.

### **3.3. Representação e credibilidades em xeque**

Explorando um pouco mais o leque de interpretações, uma discussão complexa que tem aparecido desde as Jornadas de Junho de 2013 e voltou à tona com as ocupações é o fato dos estudantes rechaçarem a associação com agremiações estudantis e partidos políticos. No Cairu esse foi um ponto de intensos debates desde o começo. Cheguei lá no 4º dia da ocupação e já circulava pelo colégio um grupo de jovens que destoava um pouco dos alunos, tanto pelo aspecto físico (por parecerem ser um pouco



mais velhos), quanto por estarem destacados dos demais alunos do colégio, formando outros grupos. Levei um tempo para perceber que esses jovens eram militantes da UBES e da União Estadual dos Estudantes Secundaristas (UEES) e que estavam lá para ajudar o movimento, nas palavras deles. Minha demora na percepção também aconteceu porque eles não estavam portando bandeiras (pelo menos nos primeiros dias) e só de vez em quando apareciam com camisas das instituições.

Contudo, era visível que alguns desses militantes pleiteavam um caráter de liderança dentro da ocupação do Cairu e esse foi um embate que percebi em vários momentos. No geral, o posicionamento dos alunos do Cairu era mesmo no sentido de afirmar que a liderança da ocupação seria sempre protagonizada pelos próprios alunos. Na prática, em alguns momentos, os militantes assumiram a frente de algumas atividades e as coisas ficavam bastante confusas. Em algumas situações, a intervenção dos militantes – amparada na experiência deles em atividades de protesto - foi importante para que a ocupação do Cairu não assumisse posturas que enfraqueceriam o movimento. Para um espectador de fora, essa situação ficava mais confusa ainda. Um exemplo disso: alguns vídeos feitos sobre a ocupação mostravam em alguns momentos os militantes da UBES no movimento e não os próprios alunos do Cairu. Outro exemplo: alguns militantes dormiram por vários dias no Cairu e essa atividade era importante para a ocupação como um todo por marcar a posição do movimento. Muitos alunos do Cairu não podiam dormir lá porque os pais não autorizavam, por problemas de transporte (ou por outras razões). Quando a militante da UBES foi retirada da assembleia da ocupação pelos alunos, como já citado no segundo capítulo, sua indignação se baseava no fato dela estar ajudando a ocupação “até mais do que os próprios alunos porque ela estava dormindo lá todos os dias”. O argumento dela fazia sentido (do ponto de vista tático). O outro lado desse argumento é que os alunos do Cairu não pediram a presença das entidades estudantis porque eles – os alunos - articularam a mobilização sozinhos e reivindicavam a autonomia do movimento. Quando as entidades se apresentaram através de seus representantes, os alunos do Cairu permitiram sua permanência na ocupação apenas a título de apoio. Além do aspecto político que permeava esse choque entre eles, havia – como também já foi dito no

segundo capítulo – conflitos em relação às questões mais gerais como homofobia<sup>149</sup>, por exemplo, e é difícil definir até que ponto esses embates eram ou não decorrentes da disputa pela liderança do movimento.

O que essa negação às entidades estudantis (que escoa também para os partidos políticos) fala dessa juventude ocupando escola? É óbvio que esse tipo de pergunta não tem uma resposta simples (se é que tem uma resposta). Arriscarei alguns palpites. De uma forma mais geral, acho que parte dos estudantes que se envolveram nas ocupações associa as entidades estudantis aos partidos políticos, por conta dos seus posicionamentos, sua estrutura baseada na hierarquia e suas associações diretas mesmo (como no caso já citado da candidatura da Carina Vitral, atual presidente da UNE, com o PC do B), entre outras questões. Pode estar aí uma primeira ideia sobre a recusa a essas instituições. Um sentimento parecido com isso já tinha sido observado nas manifestações de 2013 quando alguns militantes portadores de algumas bandeiras de partidos foram, paradoxalmente, repudiados pelos demais manifestantes. Eu estava em algumas dessas manifestações de 2013 e também senti repulsa pelos militantes com as bandeiras, mas não sei dizer por quê. Os alunos do Cairu, seguindo um pouco esse fluxo, também proibiram bandeiras dentro da escola. Não presenciei algum episódio envolvendo partidos políticos diretamente (e isso não significa que não tenha acontecido), mas – como mencionado no segundo capítulo – alguns alunos relataram que houve uma tentativa de distribuição de material de divulgação de algum partido que foi interceptada pelos alunos.

Outra lembrança sobre isso é do meu primeiro dia na ocupação: na primeira atividade que participei, alunos de outra escola que foram buscar informações sobre a ocupação do Cairu eram alertados por um professor que acompanhava a atividade, para a aproximação de partidos com interesse no movimento. Por que a aproximação com os partidos políticos representa um perigo? É curioso perceber que essa repulsa aos partidos já é observada na Revolta do Buzu (2003) e no ciclo de ocupações das universidades (2007 e 2008). Indo ainda um pouco mais longe, essa ideia aparece no movimento dos caras-pintadas, em 1992, mobilização onde a UNE e a UBES estavam profundamente envolvidas e os estudantes sustentavam com orgulho que o movimento era apartidário.

---

<sup>149</sup> Como informei no segundo capítulo, presenciei algumas vezes discussões entre os alunos do Cairu e os militantes envolvendo essa situação. Os militantes acusavam os alunos da ocupação de atos homofóbicos praticados contra eles.

Quase 25 anos depois, as próprias entidades estudantis também são rejeitadas por uma parcela de outros jovens que também declaram que seus movimentos são apartidários e, da mesma forma, se orgulham. Por que não ser um movimento partidário é um valor positivo hoje em dia? Há algumas hipóteses para isso que podemos percorrer. Uma delas pode ter a ver com as questões que já falamos da relação entre a juventude e os novos modos de expressão proporcionados pela era digital. A horizontalidade e autonomia, características fortes – entre outras - que permeiam a interação dos usuários nas redes (o jovem, especialmente) estão ficando tão atreladas às atuações dos sujeitos hoje em dia que estruturas como partidos políticos (com suas hierarquias e protocolos) podem não representar mais um mecanismo de atuação política para eles. As manifestações de 2013 e a onda de ocupações nas escolas que começou em 2015 e explodiu em 2016 podem ser sintomas disso. A adesão das pessoas aos protestos<sup>150</sup> e a mobilização feita pelos estudantes orbitaram em torno de uma causa (e não de uma pauta orquestrada por esse ou aquele partido) e, além disso, devolveram uma ideia (se é que ela havia se perdido) de que o protesto pode ser feito por qualquer pessoa, independentemente (!) de vínculo com algum movimento formal, reconhecido, regulamentado. Neste cenário, a rejeição aos partidos políticos (e instituições próximas e eles) seria um tipo de descompasso entre suas tradicionais formas de operação e os novos modos de atuação da juventude envolvida com o fazer político.

Outra possibilidade de análise desse contexto recai sobre o papel da mídia nesse processo de crise<sup>151</sup> de representação. E por mídia, entenda: os grandes (e também tradicionais) conglomerados de comunicação que apenas atualizam seu monopólio de acordo com as novas tecnologias disponíveis, uma vez que não há no Brasil um tratamento sério sobre a democratização dos meios de comunicação (justamente por conta desse monopólio). Minha leitura (e, acredito, que a de muitos) é que a desmoralização dos partidos, dos políticos e da própria política em si é um projeto. Claro que os atores envolvidos ajudam bastante e não cabe aqui discutir esse mérito porque isso seria outra pesquisa, mas minha percepção gira em torno de uma afiada campanha no sentido de afastar e pasteurizar a opinião pública sobre o universo político.

---

<sup>150</sup> Deixando claro aqui que a onda de protestos de forma alguma foi uníssona e, muito pelo contrário, despertaram as mais diferentes causas de diversos posicionamentos políticos.

<sup>151</sup> Lembrando que essa categoria - crise - é uma ideia que depende do ponto de vista de quem está detendo o controle de alguma coisa e, sendo assim, o que pode ser crise para uns, pode ser oportunidade para outros. A atual disputa entre taxistas e motoristas do Uber no Rio de Janeiro é um bom exemplo para pensar nisso.

E assim, quanto mais vezes o senso comum compartilhar as ideias de que “político é tudo corrupto”, que “a política não serve para nada” ou ainda que “o voto não serve para nada”, mais se cristaliza uma construção narrativa que pode, perigosamente, assumir um status de verdade. Com isso, a população se afasta cada vez mais do trato político e perdemos eu, você, todos nós e a nossa democracia, deixando que a política fique a cargo dos de sempre: os donos das capitâneas hereditárias, os barões do café, os empresários, os políticos de carreira e o grande sistema econômico que nos governa. Venício Lima (2013, p. 90), ao analisar a crise de representação, a mídia e a rebeldia urbana, trata esse panorama de forma muito primorosa:

(...) pelo menos desde que a televisão se transformou em “mídia de massa” hegemônica, a cultura política que vem sendo construída e consolidada no Brasil tem sido a de permanentemente desqualificar não só a política em si como seus atores. (...) Independente das inúmeras e legítimas razões que justificam a expressão democrática de uma insatisfação generalizada por parte de uma parcela significativa da população brasileira, não se pode ignorar a construção de uma cultura política que desqualifica sistematicamente as instituições políticas e os próprios políticos. Mais importante: não se podem ignorar os riscos potenciais para o regime democrático quando é essa a cultura política que prevalece.

O autor segue o artigo fazendo uma importante menção à professora Maria do Carmo Campello de Souza e um trabalho seu sobre a Nova República Brasileira<sup>152</sup>. A autora analisa a relação direta entre a avaliação negativa do sistema democrático e as rupturas democráticas, destacando nesse contexto o papel fundamental da mídia no incremento do *system blame* (“culpar o sistema”, literalmente). Lima destaca também como a mídia consegue disfarçar suas reais intenções nesse processo e, além de fazer parte dele, agrava ainda mais a crise de representação política. Finaliza com ênfase na necessidade de uma reforma política que inclua a regulação das comunicações “como garantia de que se estabeleçam as condições para a formação de uma opinião pública capaz de agregar mais vozes ao debate público” (*Idem*, p. 92).

Partindo dessa análise, a conotação negativa que os partidos políticos assumiram nos últimos anos parece não ser obra apenas das suas (in)competências e dos vícios e desvios dos seus integrantes. Apenas como exemplo, cabe destacar uma apurada observação da Marilena Chauí (2016) sobre como a juventude de hoje tem mais acesso à história do Partido dos Trabalhadores (PT) no governo (foram 13 anos) em detrimento de sua longa caminhada (cerca de 23 anos) antes de eleger seu primeiro presidente da

---

<sup>152</sup> SOUZA, 1988 apud LIMA, 2013, p. 91

República em 2003. Sendo assim, pelo que podemos refletir, parece fazer muito sentido que as ocupações dos secundaristas realmente queiram se afirmar como movimento apartidário porque para o senso comum – bastante atravessado pela mídia - hoje em dia partido político é sinônimo de corrupção, lavagem de dinheiro e crime. É necessário apontar que essa percepção negativa sobre os partidos e a própria política não é unânime entre os jovens envolvidos com as ocupações, mas a ideia aqui é desenhar um panorama mais geral em cima das declarações que colhi na ocupação do Cairu e nas diversas entrevistas e reportagens sobre o movimento dos secundaristas. Um dos alunos entrevistados, do 3º ano, de 17 anos, muito importante para a mobilização inicial da ocupação, fala sobre essa questão ao ser perguntado sobre a presença de entidades estudantis e partidos políticos no movimento:

Então... é um problema a partir do momento que acontece a cooptação dos alunos porque você já vê a intenção clara de aparelhamento do movimento, sendo que a gente não vai permitir que isso aconteça, que o movimento seja aparelhado. E a gente deixa bem claro que qualquer outro movimento é bem vindo aqui como apoio. O que não pode é deliberar nada aqui dentro. Quem delibera são os estudantes em assembleia. Os estudantes do Cairu. (informação verbal)<sup>153</sup>

Essa postura também aparece no depoimento de outro aluno do 3º ano, de 19 anos, integrante da comissão de segurança, sobre o apoio das entidades estudantis:

Eu acho que eles estão apoiando o movimento. A gente fala “Olha, vocês não vão tomar a frente do movimento porque o movimento é estudantil, então vocês podem dar apoio” (...) e a gente não apoia nenhum partido (...) qualquer coisa ligada à partido a gente não apoia porque isso pode talvez desmobilizar o movimento porque tem pessoas que não apoiam esse partido. Elas podem pensar “pô, é do partido, não vou apoiar a ocupação” (...) Então a gente falou “vocês podem dar apoio, a gente não tá negando o apoio de vocês mas os alunos têm que tomar a frente” (informação verbal)<sup>154</sup>.

A questão da representação dialoga diretamente com a noção de credibilidade tratada por Michel de Certeau (2014). O autor analisa a queda de cotação das crenças, como ele mesmo denomina, dentro de um grande processo até chegar à sociedade contemporânea<sup>155</sup>. Para ele, o tráfego das crenças entre a igreja e a política fez com que, paulatinamente, a ideia hegemônica de uma crença monolítica em uma instituição fosse aos poucos sendo diluída e particularizada pelos indivíduos devido à interferência de outros fatores e outras concorrências. Atualmente, de acordo com suas ideias, as

---

<sup>153</sup> Comunicação pessoal à autora em 25 abr. 2016, no próprio colégio.

<sup>154</sup> Comunicação pessoal à autora em 11 mai. 2016, no próprio colégio.

<sup>155</sup> Faça um destaque para o capítulo inteiro, chamado “Credibilidades políticas”, da obra *A Invenção do Cotidiano* (2014). Aqui nesse trecho apresento um resumo muitíssimo breve de toda a interessante abordagem feita por Certeau e recomendo a leitura do capítulo na íntegra.

referências que alimentam as crenças estão instituídas em uma rede composta por duas forças muito poderosas: a narrativa da mídia como instituidora daquilo que é “real”, e os discursos dos produtos de consumo, objetos em que se deve crer e comprar. Nesse processo, o “real” que é apresentado o tempo inteiro pela mídia<sup>156</sup> dita aquilo que se deve crer e fazer, e esse simulacro da realidade é o meio onde se produz crenças e praticantes, onde os destinatários são obrigados a crer no que veem. Esse procedimento replicado e partilhado por outros indivíduos e grupos ganha, então, uma aura de legitimidade cada vez maior.

Gosto muito das ideias desse autor e costumo usá-las sem moderação. Contudo, novamente aparece aqui o papel da mídia numa espécie de “captura das almas” dos sujeitos e sou obrigada a resgatar a observação do Mauro Iasi feita há algumas páginas sobre o “culto fetichizado dos meios”, mas agora no outro pólo dessa observação. Não sou louca de negar a influência que, de fato, a mídia exerce na vida das pessoas hoje em dia, mas não sei se só ela dá conta de explicar as grandes reconfigurações operadas pelos indivíduos. Já estamos algumas fases à frente da interpretação que considera os consumidores, espectadores, enfim, o receptor, como sujeitos completamente alienados e desprovidos de senso crítico a mercê das grandes ideologias. A mídia é um elemento importante nesse cenário, mas penso se o jogo hoje em dia não é muito mais complexo do que possa parecer.

E o que isso tudo tem a ver com as ocupações dos secundaristas? À medida que as ocupações foram ganhando espaço na mídia (sempre ela), e principalmente com as ocupações do Paraná, feitas no segundo semestre de 2016, o debate sobre política, partidos, mobilizações, juventude foi alimentado por uma série de elementos que compõe esse embaraçado cenário. A crise de representação e credibilidade dos partidos políticos ganhou uma evidência porque se integra a uma onda que vem sendo formada desde as ocupações das universidades e as mobilizações nas ruas nos primeiros anos pós 2000, que continuou com as Jornadas de Junho de 2013 e agora com as ocupações dos secundaristas. Todos esses movimentos se apresentam descolados de partidos políticos e levantam a bandeira de uma autonomia que afirma trazer para o debate político as

---

<sup>156</sup> Diz o autor: “O grande silêncio das coisas muda-se no seu contrário através da mídia. Ontem constituído em segredo, agora o real tagarela. Só se vêem por todo o lado notícias, informações, estatísticas e sondagens. Jamais houve uma história que tivesse falado ou mostrado tanto. (...) Os relatos do-que-está-acontecendo constituem a nossa ortodoxia. Os debates de números são as nossas guerras teológicas” (CERTEAU, 2014, pp. 259-260).

peças comuns como eu e você, as periferias das cidades que dependem do transporte público, as minorias excluídas dos discursos, as maiorias incluídas no sistema apenas como mão de obra. Enfim, o lado da balança para quem a democracia foi feita, em teoria.

O recente fenômeno das ocupações das escolas públicas parece transferir à juventude a credibilidade “perdida” pelos partidos políticos. Como se fossem eles, os jovens, sujeitos que não estão ainda contaminados pela “sujeira” do jogo político, dos interesses privados acima dos interesses públicos, e são como peixes que conseguem colocar a cabeça para fora e respirar acima do mar de informações que a mídia produz. A capa da *Carta Capital* citada nas primeiras linhas dessa pesquisa deixa isso bastante evidente: Ana Júlia é “A menina que fala por nós”, declaração que expressa uma credibilidade indiscutível. Outra face desse dado político aponta para a juventude querendo mesmo trazer a responsabilidade para si. A aluna do 2º ano do Cairu já citada nesse capítulo fala disso no depoimento sobre a relação com os pais durante o processo a ocupação:

É triste porque eu sei que os meus pais não têm o conhecimento que eu acabei adquirindo com os professores e aqui na ocupação. Eles não têm. No que eles se baseiam é na televisão, e como a mídia não tá muito ao nosso favor é bem difícil lutar contra isso. E no começo foi bem legal. Meus pais... é assim, não apoiam, mas meu pai, ele é vassoureiro, então ele manda vassoura para cá para a ocupação, mas ele diz que não apoia. Aí deixa eu dormir. Esse é o não apoiar dele. Mas foi bem difícil convencer eles e todo dia eu chego em casa, antes era discussão, agora já não. “Não pai, a gente não tá discutindo, a gente tá debatendo”. Porque ele vê uma coisa no jornal, aí eu chego “Pai, não foi isso que aconteceu e tal”, mas tá sendo bem difícil porque tem a mídia que, sendo televisão e jornal, (...) meio que forma o pensamento deles e tem eu que tô convivendo. *Tá sendo real o que eu tô vivendo, não tá sendo transmitido na televisão* [destaque meu]. E tá sendo um impasse dentro de casa, mas dia por dia eu vou desconstruindo uma coisa, vem a mídia, joga outra. “Não pai, não é assim” (...) mas tá sendo bem difícil. (...) Meus pais são globais, eu não tenho orgulho de falar isso, mas eles são globais, é 24 horas na Globo, Globonews, descascando a ocupação, mas, nossa... teve um dia que eu sentei com meu pai “Você vai acreditar neles ou em mim que sou sua filha e que tô lá vivendo?”<sup>157</sup> (informação verbal)

A declaração da aluna traz, além da chamada da credibilidade para ela (ao invés da televisão), uma interessante menção à dimensão do real, que Certeau observa. Para essa aluna (e outras entrevistas com outros alunos da ocupação mostram que eles compartilham essa mesma visão), o real não é aquilo transmitido pela televisão, mas

---

<sup>157</sup> Comunicação pessoal à autora em 20 de maio de 2016, no colégio.

sim aquilo que eles estão vivendo. Nesse processo a credibilidade navega entre a “realidade” apresentada pela mídia e a realidade vivida pelos sujeitos.

A credibilidade dedicada à juventude não é um fato novo, como já falamos em outro momento. Ela é constantemente reconfigurada de acordo com o momento histórico e social. No contexto em que estamos, essa atualização é percebida como o resultado de um processo que desgastou bastante a imagem dos partidos políticos (seja por eles mesmos, ou como um projeto ideológico de parte da grande mídia ou ainda por outras questões) e, como resultado, desperta uma grande adesão aos movimentos de cunho social e político capitaneados por lideranças jovens. São exemplos disso o Movimento Passe livre (MPL), já citado, e o Movimento Brasil Livre (MBL), movimento político que defende o liberalismo e o republicanismo, criado em 2014, donde se destacam nomes como Kim Kataguirí, 20 anos, colunista da Folha de São Paulo, e Fernando Holiday, também 20 anos, eleito vereador em 2016 na cidade de São Paulo, com mais de 48.000 votos (13º colocado), pelo partido Democratas (DEM). Paralelamente à discussão sobre a corrente política e as visões propagadas pelo MBL<sup>158</sup>, é importante olhar com atenção para o fato dele representar essa renovação da credibilidade e da esperança nas lideranças jovens e como isso está sendo instrumentalizado por diferentes correntes. Apenas como exemplo, Ronaldo Caiado, público defensor do agronegócio, deputado federal pelo estado de Goiás por 19 anos e, atualmente, senador (também pelo DEM), destaca que Fernando Holiday é o candidato daqueles que tem “**real**” (eta categoria intrigante) **interesse em ver a diminuição dos privilégios que são concedidos a políticos** (destaque meu). Na esteira desse quadro que mistura renovação na política, credibilidade, liderança jovem, Holiday afirmou que doará 20% do seu salário para a caridade, renunciará a 50% dos gastos da verba de gabinete, abdicará de carro oficial e motorista, e abrirá mão também de 50% das verbas destinadas ao custeio das despesas operacionais<sup>159</sup>. É ou não é uma renovação no quadro político brasileiro amparada na mais crível credibilidade? Cabe aqui destacar que o MBL teve um importante papel em 2016 na mobilização das manifestações de rua que foram a favor do impeachment da presidenta Dilma Rousseff.

---

<sup>158</sup> Além das discussões a respeito do movimento ter sido criado por (ou integrar a) Atlas Network, principal organização liberalista americana da qual o Instituto Millenium (transformado em Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - Oscip) é a sua melhor tradução brasileira. O tema, contudo, é objeto para outra pesquisa.

<sup>159</sup> Informações disponíveis em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando\\_Holiday](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Holiday). Acesso em: jan. 2017.



Por outro lado, como o Brasil é o país do deus e do diabo na terra do sol, esses quadros de renovação envolvendo a juventude na luta política brotam em diversas frentes. Com a mesma força que o MBL conseguiu cooptar apoiadores e simpatizantes, especialmente na cidade de São Paulo (sua base) e eleger seu primeiro vereador, o Rio de Janeiro viu no segundo semestre de 2016 a campanha do candidato a prefeito Marcelo Freixo, pelo partido Socialismo e Liberdade (PSOL)<sup>160</sup>, trazer também a juventude para a rua. Em linhas gerais, já que este não é o objeto desta pesquisa, a campanha mobilizou milhares de jovens espalhados pela cidade para divulgar um plano de governo criado de forma mais horizontal, ouvindo a população e suas demandas ao longo dos quatro anos que antecederam as eleições. A campanha do candidato foi destaque pelo financiamento colaborativo, via crowdfunding, que arrecadou pouco mais de R\$ 1.000.000,00 doados por quase 10.000 pessoas espalhadas pelo Brasil inteiro (1/4 das doações foram de fora do Rio), conferindo a Freixo o recorde de valor arrecadado e de doadores individuais em campanhas políticas na história do país<sup>161</sup>. Com o slogan “Nada deve parecer impossível de mudar”, Freixo parece ter ativado uma renovação na credibilidade dos políticos e da política, ainda que para uma pequena parcela da população e com muitos desafios e ajustes a serem feitos. Ele conquistou pouco mais de 1.100.000 votos e perdeu a eleição para Marcelo Crivella, do Partido Republicano Brasileiro (PRB) e bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), eleito com cerca de 1.700.000 votos. Vale destacar que Freixo conseguiu esse desempenho com apenas 11 segundos de campanha eleitoral gratuita na televisão e no rádio, mas com uma forte campanha feita pelas pessoas, nas ruas. Entre essas pessoas, muitos jovens. Não foi o caso da eleição de um candidato jovem, como conseguiu o MBL, mas a injeção de fôlego na credibilidade do partido e na candidatura de Marcelo Freixo deve muito a essa atuação juvenil que acolhe e demanda a renovação do modo de fazer política. E, nesse sentido, essa ação se inscreve não como um resultado prático, mas sim como um processo de transformações que a gente ainda não consegue avaliar porque ele está em curso.

Para finalizar, é importante destacar também que as ocupações dos secundaristas das escolas do Rio e do Paraná aconteceram no contexto político de 2016 marcado pelo

---

<sup>160</sup> Aqui também não cabe discutir as visões políticas envolvendo o partido. O destaque aqui é feito no sentido técnico da estratégia para envolver as pessoas na campanha.

<sup>161</sup> Informações em <http://oglobo.globo.com/brasil/freixo-arrecada-1-milhao-bate-recorde-de-financiamento-coletivo-no-brasil-20248854>. Acesso em: jan.2017

impeachment da presidenta Dilma Rousseff, pelas ações midiáticas da Operação Lava Jato, da Polícia Federal, que investiga um grande esquema de lavagem de dinheiro promovido por políticos dos mais diferentes partidos e empresários, e pelas ações de grandes reformas implementadas pelo novo presidente Michel Temer e, entre elas, como já foi dito, a reforma do Ensino Médio que atinge diretamente os estudantes secundaristas. Foi nesse turbulento cenário que a rapaziada tocou um movimento marcado pela articulação de questões do macro contexto (como o neoliberalismo na educação e nas cidades), com modos de estar no mundo reconfigurados pela era digital e com novas situações que se colocam para os tradicionais instrumentos do fazer político. Precisamos estar atentos para observar os desdobramentos desse intrincado cenário nos próximos anos.

## Considerações finais

Revi o vídeo da Ana Júlia discursando na Assembleia Legislativa do Paraná antes de escrever essas considerações finais. Fiquei com a imagem daqueles homens brancos, de terno e gravata, uns prestando atenção de verdade e outros fingindo que estavam ouvindo o discurso da Ana Júlia. Ouvi de novo a frase do presidente da ALEP respondendo à Ana Júlia quando ela disse que as mãos daqueles senhores estavam sujas de sangue do Lucas<sup>162</sup>: “Eu como presidente exerço minha *autoridade*. *Democraticamente* permiti que vocês viessem aqui e ninguém será afrontado. (...) Aqui ninguém está com a mão manchada de sangue, não!”. Ao que Ana Júlia responde “Eu peço desculpa, mas o ECA nos diz que a responsabilidade pelos nossos adolescentes e dos nossos estudantes é da sociedade, da família e do Estado”. Tantos sentidos despertados em pequenas frases de sujeitos opostos.

Revi também a fala da aluna do Cairu sobre o movimento deles e pensei nela nos vários momentos que a observei dentro da escola. Lembrei dela dizendo que não trocaria o Cairu por uma escola particular porque aquele colégio “é dela”. Pensei nos vários debates que acompanhei na ocupação e em um deles, sobre racismo na nossa sociedade, um dos alunos do Cairu perguntava se as coisas que estavam sendo faladas ali (no momento falava-se sobre cotas) era porque o negro era minoria no Brasil. A pergunta logo depois foi seguida pela colocação de outro aluno, também negro, afirmando que as cotas, para ele, eram um atestado de “burrice”, uma prova de que ele precisava de ajuda para conseguir as coisas. Lembrei também dos alunos que brincaram em uma das assembleias escrevendo “Ustra vive” no quadro, sem assumir o que tinham feito quando foram confrontados pelos professores. Revi as fotos da ocupação. Lembrei das expressões dos alunos na apresentação da Teresa Cristina cantando Zé Keti: “Podem me prender/Podem me bater/Podem até deixar-me sem comer/Que eu não mudo de opinião/Daqui do morro eu não saio, não”, do encantamento deles com a Clarice Falcão, do momento de abraços que finalizou o show do Tico Santa Cruz, e das mãos na cabeça de algumas lideranças da ocupação após uma discussão sobre o futuro do movimento. Lembrei também do sorriso debochado da equipe da Globo ao visitar o Cairu e do soco

---

<sup>162</sup> Lucas Eduardo Araújo Mota foi o aluno assassinado por outro colega dentro da Escola Estadual Santa Felicidade em 24 de outubro de 2016, enquanto a escola estava ocupada pelos alunos. A partir desse episódio, várias matérias veiculadas pela mídia e o posicionamento oficial dos órgãos do Estado foram no sentido de pedir o fim das ocupações como forma de “proteger” os alunos.

no estômago que foi esse momento para os estudantes e militantes que estavam ali. Lembrei também dos meninos que fizeram o rap sobre a ocupação do Cairu, de improviso, falando o quanto a ocupação estava sendo importante para eles e que eu não consegui gravar porque escolhi participar daquele momento com eles sem interferir. Falei um pouco de tudo isso na minha pesquisa.

Mas não falei de muitas outras coisas nesse trabalho. Não falei com detalhes da disputa de discursos dentro da ocupação, embora eles apareçam o tempo todo. Não falei das profundas questões envolvendo o machismo, homofobia e racismo dentro das ocupações, trazidas pelos próprios alunos. Esses assuntos estavam lá porque não tinha como não estar: o movimento é um recorte da nossa sociedade. Não falei da cobertura da mídia sobre as ocupações. Não falei dos impactos da ocupação para os professores da rede pública e lembro de um deles me dizendo que se eles conseguissem ganhos efetivos na greve de 2016, a maior da história do Rio de Janeiro, eles teriam uma eterna dívida de gratidão com os alunos. Não falei do movimento Desocupa e do seu contraste com os ocupas. Não colhi opiniões da Secretaria de Educação e dos partidos políticos sobre o movimento. Não ouvi as pessoas que criticam a ocupação porque elas proíbem a liberdade dos alunos que querem ter aula. Também não entrevistei a fundo o que as entidades estudantis pensam sobre as ocupações. Deixo isso tudo e as muitas outras questões despertadas por esse tema para as próximas pesquisas que virão e que serão muitas, não tenho dúvida.

Também não fiz um tópico falando sobre como está o Cairu pós-ocupação: os poucos relatos que colhi sobre isso me disseram que o colégio ficou pior depois da ocupação com muita desorganização, uso político das decisões, muita dificuldade de lidar com os alunos em sala de aula e com a direção da escola. Não fiz esse tópico porque meu olhar para isso tudo não entende esse movimento como algo que se encerra e que busca resultados pontuais. Para mim, ele é acima de tudo, processo, com efeitos que não conseguiremos ver nesse momento. Será necessário esperar um pouco para que possamos percebê-los. É assim que ele se inscreve na vida de todos os jovens que se envolveram com ele e até mesmo para aqueles que escolheram não participar porque eles também têm esse direito. A ocupação tocada pelos alunos fala de uma parcela deles que decidiu fazer alguma coisa pelo colégio e pelo futuro da educação pública. Não significa dizer que os alunos que não se envolveram com o movimento também não

tenham essa preocupação. A polarização não representa esse debate e, para o bem e para o mal, a realidade é polifônica.

Há um ponto especial que precisa ser destacado. *Sociedade de Esquina*, clássico de William Foote Whyte que eu utilizei de forma direta no primeiro capítulo (indiretamente ele está nessa pesquisa como um todo) foi uma obra muito importante para o meu trabalho como pesquisadora. Os pontos levantados por Whyte falam de uma postura que vai muito além de uma observação científica insípida praticada no campo. Suas observações falam de uma atuação comprometida com a investigação, mas permeada de um olhar generoso e, porque não dizer, afetuoso com as pessoas que são a razão de ser da pesquisa. Há uma responsabilidade muito grande quando lidamos com a história da vida das pessoas e acredito que nosso trabalho deve sempre considerar a dimensão disso para que nossas produções acadêmicas sejam, acima de tudo, respeitadas com essas histórias. Foi com essa postura que eu me permiti viver a ocupação do Cairu.

No decorrer da pesquisa, fui percebida de diferentes formas sempre que alguém olhava para mim com curiosidade para saber quem era aquela moça que estava sempre na ocupação, anotando coisas num caderno. Pelos alunos, com o tempo comecei a ficar conhecida como “aquela moça da UFF”, “a menina que faz o trabalho sobre a ocupação”. Alguns professores me receberam com uma certa desconfiança nos primeiros dias da ocupação, o que eu entendo perfeitamente, e com o transcorrer do tempo isso foi atenuado. Muitos deles conversaram comigo sobre assuntos bastante delicados que extrapolavam o objetivo dessa pesquisa. Entendi isso como um sinal de confiança e fiquei muito feliz por estar conseguindo vivenciar toda essa experiência desse jeito. No dia em que fui convidada para almoçar com os professores, abri mão da minha opção vegetariana e almocei um arroz com galinha. Naquele momento, minha opção alimentar era algo menor diante da gentileza do convite que eles me fizeram e do fato deles se sentirem à vontade com a minha presença. Quando fui chamada de a “etnógrafa oficial da ocupação”, senti muito orgulho por fazer parte de tudo aquilo. Fiz essa pesquisa com o máximo de imparcialidade que consegui, mas muitas situações foram percebidas porque eu também estava usando minha sensibilidade nas minhas escutas e observações.

Muitos autores que eu gostaria de ter usado, academicamente falando, com longas citações, não estão expressos literalmente nessa pesquisa. Não usei Stuart Hall,

Raymond Williams, Frantz Fanon, Homi Bhabha e Paulo Freire, mas eles estão indiscutivelmente aqui. Estão porque essa pesquisa é sobre ocupações de escolas públicas feitas por jovens alunos das periferias do Brasil e falar disso é falar da cultura como instrumento político para disputar a realidade, para interferir nos processos em favor dos subalternizados, para colocar mais vozes no jogo da representação, para inspirar resistências em forma de ressignificação, para disputar o direito de conferir significados, para lutar contra a colonização das nossas mentes, para complexificar o que parece “natural” e para desnaturalizar o que parece “normal”. É falar, acima de tudo, sobre uma educação que liberta e que ativa horizontes de possibilidades, ao invés de proibi-los. É nesse sentido que esse trabalho se coloca e se junta às demais pesquisas feitas pelos meus colegas do PPCULT que estão refletindo sobre a realidade concreta e deslocando a reflexão da universidade pública para fora dos castelos e feudos acadêmicos.

No momento em que finalizo essa pesquisa, não há ocupações de escolas em curso. As ocupações das universidades também foram encerradas há pouco mais de um mês, após a aprovação da PEC dos gastos públicos. O fim de 2016 foi extremamente tenso para um bocado de gente e há ainda um clima de ressaca no ar. Como experiência pessoal, conviver com a ocupação desses alunos nesse ano que passou foi acalentador. Contudo, nada indica que o ano que começou será melhor e, por isso, a esperança anda tão necessária quanto a cafeína, a literatura e o abraço sincero daqueles que amamos. 2017 mal despontou no horizonte e já jogou na nossa cara a necessidade urgente de rever o sistema prisional brasileiro que transforma pessoas em coisas inomináveis.

Talvez não seja justo creditar a toda essa moçada que anda ocupando as escolas a esperança por um futuro melhor, mas o vigor deles desperta em nós esse tipo de sentimento. Quem sabe isso indique que em nós, “adultos”, pode estar faltando mais coragem do que fé. Espero que esse trabalho ajude a contribuir para aguçar também outros olhares para os jovens do nosso tempo: eles são plurais, eles estão conectados com os problemas que os cercam e eles respondem a isso da maneira que conseguem, o que às vezes pode ser diferente da maneira que a gente acha coerente. Como disse a Ana Júlia, não é fácil absorver todos os conteúdos que chegam pela mídia, filtrar e escolher pelo que lutar. Minha experiência no estágio docente com a Ana Enne, no curso Mídia e Culturas Juvenis, e os impactos que os temas ocupação das escolas e ansiedade causaram nos alunos, indicam que talvez a gente precise ouvi-los mais e julgá-los

menos<sup>163</sup>. Como sempre deve ter sido a cada época (o que pensar de 68?), não é fácil ser jovem hoje em dia e a cada momento os jovens responderam a essas dificuldades do jeito possível. As resistências deles são cíclicas, cabe a nós reciclar nosso olhar para isso.

Por fim, este trabalho também fala de luta, de esperança e de solidariedade, valores que, combinados, falam de uma sociedade mais justa, mais inclusiva, mais generosa, mais democrática e menos violenta, enfim, de uma sociedade mais feliz. De tempos em tempos, essas ideias são rotuladas de utópicas e ultrapassadas, mas é da ação dos homens que estamos falando, sujeitos concretos imersos em suas próprias realidades, e “porque se chamava homem, também se chamavam sonhos e sonhos não envelhecem”...

---

<sup>163</sup> O estágio docente foi realizado na graduação de Estudos de Mídia, na Universidade Federal Fluminense, no primeiro semestre de 2016. O curso de Mídia e Culturas Juvenis (disciplina optativa) foi montado em conjunto pela professora Ana Enne, por mim e pela Paula Oliveira, minha colega de turma do PPCULT. A proposta do curso foi um painel sobre vários temas que atravessam a juventude como a relação com o corpo, consumo, ansiedade, luta política, tecnologia, questões sobre gênero e novas relações amorosas, entre outros. Fizemos aulas expositivas e debates com convidados. Na aula de juventude e luta política, falei sobre a ocupação do Cairu e levamos os alunos do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC), colégio próximo a UFF que estava ocupado, para conversar com os alunos do curso. A avaliação final do curso foi um relatório afetivo feitos pelos alunos onde eles puderam relatar, de forma livre, como o curso dialogou com eles.

## Referências bibliográficas

- A HISTÓRIA por trás da foto de Marcela. Jornal GGN, 5 dez. 2015. Disponível em <http://jornalggn.com.br/tag/blogs/ocupacao-de-escolas>. Acesso em: jan. 2017
- ABRAMO, H. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação, n. 5 e 6, p. 25-36, 1997.
- AGUSTINI, G., COSTA E. (org) De baixo para cima. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.
- ALFANO, Bruno. Após pressão dos estudantes, Secretaria de Educação anuncia fim do SAERJ. Extra, 10 mai. 2016. Disponível em <http://extra.globo.com/noticias/educacao/apos-pressao-de-estudantes-secretaria-de-educacao-anuncia-fim-do-saerj-19275813.html>. Acesso em: nov. 2016.
- ALUNOS ocupam mais três escolas estaduais no Rio desde segunda (4). G1 Rio, 5 abr. 2016. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/alunos-ocupam-mais-tres-escolas-estaduais-no-rio-desde-segunda-4.html>. Acesso em: jan. 2017.
- ALVES, M., OUCHANA, G. Marisa Monte e Leoni fazem show em escola ocupada no Leblon. O Globo, 11 mai. 2016. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/marisa-monte-leoni-fazem-show-em-escola-ocupada-no-leblon-1-19216617>. Acesso em: nov. 2016.
- APÓS quase 5 meses, professores decidem suspender greve no RJ. G1 Rio, 26 jul. 2016. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/07/apos-quase-5-meses-professores-decidem-suspender-greve-no-rj.html>. Acesso em: nov. 2016.
- AUGUSTO, M. Retomada de um legado intelectual. Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n.2, p. 11-33, 2005.
- BARREIRA, G. Ocupação de escolas é legítima, diz secretário de educação do RJ. G1 Rio, 16 abr. 2016. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/ocupacao-de-escolas-e-legitima-diz-secretario-de-educacao-do-rj.html>. Acesso em: out. 2016
- BASTOS, P. Subúrbio: um conceito que se carioquizou. Veja Rio, 16 abr. 2014. Disponível em <http://vejario.abril.com.br/blog/as-ruas-do-rio/estudos-sociais/suburbio-um-conceito-que-se-carioquizou>. Acesso: out. 2016
- BECKER, H. Escola de Chicago. Conferência na Pós-graduação em Antropologia Social no Museu Nacional. Revista Mana, v.2, n.2, 1998. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131996000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131996000200008&script=sci_arttext). Acesso em: dez. 2016
- BENFEITORIA. Campanha de arrecadação #Passinho. Disponível em <https://benfeitoria.com/Passinho>. Acesso em: jan. 2017.
- BRASIL fica entre piores países do mundo para jovens, aponta levantamento. UOL, 30 out. 2015. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/10/30/brasil-fica-entre-piores-paises-do-mundo-para-jovens-aponta-levantamento.htm>. Acesso em: dez. 2016.
- BRASIL, C. No Rio, aumenta número de alunos que trocam escola particular pela rede pública. Agência Brasil, 23 dez. 2016. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-12/no-rio-mais-alunos-deixam-escola-particular-para-entrar-na-rede-publica>. Acesso em: jan. 2017.
- BRASIL. Lei nº 10.097, de 19 de Dezembro de 2000. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452,



- de 1º de maio de 1943. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L10097.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10097.htm). Acesso em: dez. 2016.
- BRINGEL, B. O futuro anterior: continuidades e rupturas nos movimentos estudantis do Brasil. EccoS, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 97-121, 2009.
- BRITO, G. Professores do Rio de Janeiro fazem a maior greve da história do Estado. Brasil de Fato, 18 jul. 2016. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2016/07/19/professores-do-rio-de-janeiro-fazem-maior-greve-da-historia-do-estado/>. Acesso em: dez. 2016.
- BUIAR, J., GARCIA N. Lei do Jovem Aprendiz: As séries metódicas e suas implicações na formação técnico-profissional do trabalhador. In: IV SENEPT – Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica. 2014, Belo Horizonte. Disponível em [http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos\\_senept/anais/terca\\_tema6/TerxaTema6Artigo18.pdf](http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema6/TerxaTema6Artigo18.pdf). Acesso em: dez. 2016.
- CABALLERO, B. IDH-M: Uma análise do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal para a cidade do Rio de Janeiro. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Instituto Pereira Passos. Disponível em [http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6165511/4162028/analise\\_idhm\\_rio\\_v4\\_compur.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6165511/4162028/analise_idhm_rio_v4_compur.pdf). Acesso em: nov. 2016
- CAMINHOS de Cascadura. Série de fotos sobre o subúrbio do Rio de Janeiro. Disponível em <https://www.flickr.com/photos/caminhosdecascadura/13863482415>. Acesso em: out. 2016.
- CANAL PLÁ. #OCUPACAIRU. Vídeo produzido sobre a ocupação do Cairu. Canal no YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BH87tlxSVXk>. Acesso em: jul. 2016.
- CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. A cultura no plural. Campinas, Papyrus, 2012.
- CHAUÍ, M. Escritos sobre a universidade. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- \_\_\_\_\_. Sociedade brasileira: violência e autoritarismo por todos os lados. Revista Cult. Edição nº 209. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2016/02/sociedade-brasileira-violencia-e-autoritarismo-por-todos-os-lados/>. Acesso em: mai.2016
- CLASSE C já é maioria da população do país. Portal Brasil, 22 mar. 2012. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2012/03/classe-c-passou-a-ser-maioria-da-populacao-brasileira-em-2011>. Acesso em: nov. 2016.
- COMITÊ Popular Copa e Olimpíadas Rio. Disponível em [http://rio.portalpopulardacopa.org.br/index.php?page\\_id=47](http://rio.portalpopulardacopa.org.br/index.php?page_id=47). Acesso em: jan. 2017.
- COMO ocupar um colégio? Cartilha online. O Mal Educado, 21 out. 2015. Disponível em <https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>. Acesso em: mai. 2016
- CONHEÇA a história dos ‘rolezinhos’ em São Paulo. G1 São Paulo, 14 jan. 2014. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/conheca-historia-dos-rolezinhos-em-sao-paulo.html>. Acesso em: dez. 2016.
- CRUZ, Melissa. Facebook revela dados do Brasil na CPBR9 e WhatsApp vira ‘ZapZap’. Techtudo, 28 jan. 2016. Disponível em <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-revela-dados-do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html>. Acesso em: jan. 2017.

- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, nº 24, p. 40-52, 2003.
- DELEUZE, G., GUATTARI, G. Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia). Volume 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DESOCUPA Central. Perfil no Facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/Desocupa-Central-216558508729565/?fref=ts>. Acesso em: fev. 2017
- DESOCUPA Mendes. Perfil no Facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/desocupamendes/?fref=ts>. Acesso em: fev. 2017
- DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA. Informações coletadas entre abril e agosto de 2016.
- DUARTE, N. Frutos do Brasil. Histórias de Mobilização Juvenil. Aracati Agência de Mobilização Social. Disponível em <https://redearacati.wordpress.com/biblioteca/publicacoes/>. Acesso em: dez. 2016
- ENTREVISTA: José Junior, coordenador do plano de governo de Aécio para juventude. Turma do Chapéu, 29 jul. 2014. Disponível em <http://turmadochapeu.com.br/entrevista-jose-junior-afroreggae/>. Acesso em: dez. 2016
- ESCÓSSIA, F. A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI. BBC Brasil, 6 jun. 2016. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>. Acesso em: dez. 2016.
- EXPANSÃO e futuro do Rio passam pela Barra da Tijuca. Conselho Regional de Corretores de Imóveis (CRECI). Disponível em <http://creci-rj.gov.br/expansao-futuro-rio-passam-barra-tijuca/>. Acesso em: nov. 2016
- FARSA desmontada: aluna que discursou na ALEP é filha de militante petista. Jornalivre, 28 out. 2016. Disponível em <https://jornalivre.com/2016/10/28/farsa-desmontada-aluna-que-discursou-na-alep-e-filha-de-militante-petista/>. Acesso: dez. 2016
- FIES. Programa de Financiamento Estudantil. Disponível em <http://sisfiesportal.mec.gov.br/?pagina=condicoes>. Acesso em: jan. 2017.
- FNDE. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em <https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/ActionDatalegis.php?acao=detalharAtosArvore&link=S&tipo=LEI&numeroAto=00010260&seqAto=000&valorAno=2001&orgao=N1&codTipo=A&desItem=2&desItemFim=&nomeTitulo=>. Acesso em: jan. 2017.
- FRANÇA, R., MENASCE, M., OUCHANA, G., SCHMIDT, S. Alunos entram em confronto por desocupação de colégios estaduais na Ilha e na Penha. O Globo, 10 mai. 2016. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/alunos-entram-em-confronto-por-desocupacao-de-colegios-estaduais-na-ilha-na-penha-19270841>. Acesso em: nov. 2016.
- FUVEST divulga relação de candidatos por vaga do vestibular 2017. Jornal da USP, 10 nov. 2016. Disponível em <http://jornal.usp.br/universidade/ingresso/fuvest-divulga-relacao-de-candidatos-por-vaga-do-vestibular-2017/>. Acesso em: jan. 2017.
- GAROA Hacker Clube. Disponível em [https://garoa.net.br/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](https://garoa.net.br/wiki/P%C3%A1gina_principal). Acesso em: jan. 2017.
- GOOGLE Maps. Vista aérea do Meier (bairro) e do Colégio Estadual Visconde de Cairu. Disponível em <https://www.google.com.br/maps/place/Meier>. Acesso em: fev. 2017
- GOVERNO DO RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC). Diretorias regionais. Disponível em

- <http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=375402>. Acesso em: jun. 2016
- GRUPO invade e desocupa 1ª escola do Rio tomada por alunos. Estadão, 10 mai. 2016. Disponível em <http://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2016/05/10/grupo-invade-e-desocupa-1-escola-no-rio-tomada-por-alunos.htm?mobile>. Acesso em: nov. 2016.
- GULLINO, D. Freixo arrecada 1 milhão e bate recorde de financiamento coletivo no Brasil. O Globo, 6 out. 2016. Disponível em <http://oglobo.globo.com/brasil/freixo-arrecada-1-milhao-bate-recorde-de-financiamento-coletivo-no-brasil-20248854>. Acesso em: jan. 2017.
- HAGEMEYER, R. Movimento Estudantil 68: Imagens da Paixão. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.
- HARVEY, David. A liberdade da cidade. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, p. 27-34, 2013.
- \_\_\_\_\_. Os rebeldes na rua: o Partido de Wall Street encontra sua nêmesis. Occupy – movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, p. 57-64, 2012.
- HOMENAGEM ao Rio 450 anos: vetores da Cidade Maravilhosa. Mapa da cidade por zoneamento. Disponível em <http://valeucara.blogspot.com.br/2015/03/homenagem-ao-rio-450-anos-vetores-da.html>. Acesso em: fev. 2017
- HOMERO, V. Subúrbios: 150 anos de história carioca. Revista História Ciência Saúde Manguinhos. Disponível em <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/suburbios-150-anos-de-historia-carioca/>. Acesso: out.2016
- IASI, M. A rebelião, a cidade e a consciência. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, p. 41-46, 2013.
- INSTITUTO Visconde de Cairu comemora 93 anos. <http://www.jornalnoroeste.com.br/noticias/educacao-cultura/instituto-visconde-de-cairu-comemora-93-anos>. Acesso: out. 2016
- JOVEM teria sido instruída pelo pai petista em discurso em que defendeu invasões de escola, mais uma farsa do PT. Imprensa Viva. Disponível em <http://www.imprensaviva.com/2016/10/jovem-teria-sido-instruida-pelo-pai.html>. Acesso em: dez. 2016
- JOVENS da “Dança do Passinho” conquistam registro profissional. Matéria na TTV, 3 jan. 2017. Disponível em <http://www.tvt.org.br/jovens-da-danca-do-passinho-conquistam-registro-profissional/>. Acesso em: jan. 2017.
- LEMOS, M. De volta aos átomos: Movimento Maker, Hardware Livre e o surgimento de uma nova revolução industrial. In: Revista Observatório Itaú Cultural, n. 16, p. 20-35, 2014.
- LIMA, V. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, p. 89-94, 2013.
- MAGALHÃES, L., SCHMIDT, S. Choque de obras transforma bairros do subúrbio. O Globo, 4 fev. 2012. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/choque-de-obras-transforma-bairros-do-suburbio-3883371>. Acesso em: nov. 2016.

- MAIS de 1,1 milhão de alunos renovam contrato do FIES. Portal Brasil, 8 nov. 2016. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/educacao/2016/11/mais-de-1-1-milhao-de-alunos-renovam-contratos-do-fies>. Acesso em: jan. 2017.
- MARTÍN, M. Escolas ocupadas já são 65 no Rio e Estado enfrenta impasse na negociação. El País Brasil, 2 mai. 2016. Disponível em [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/29/politica/1461955632\\_442061.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/29/politica/1461955632_442061.html). Acesso em: dez. 2016.
- MATUOKA, I. A reorganização escolar em São Paulo acabou? Carta Capital, 28 jun. 2016. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-reorganizacao-escolar-em-sao-paulo-acabou>. Acesso em: dez. 2016.
- MEC prevê orçamento 15% menor para universidades federais em 2017. G1. Disponível em <http://g1.globo.com/educacao/noticia/mec-preve-orcamento-15-menor-para-universidades-federais-em-2017.ghtml>. Acesso em: jan. 2017.
- MERGULHÃO, A. Alunos criam movimento “Desocupa Já” no Rio de Janeiro. O Estado de São Paulo, 14 abr. 2016. Disponível em <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,alunos-criam-movimento-desocupa-ja-no-rio,1855862>. Acesso: fev. 2017.
- MINISTÉRIO do Trabalho pretende inserir 1,7 milhão de aprendizes no mercado de trabalho. Portal Brasil, 13 ago. 2015. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/08/ministerio-do-trabalho-pretende-inserir-1-7-milhao-de-aprendizes-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: dez. 2016
- MINISTÉRIO Público obtém decisões favoráveis à resolução de impasse na Educação. Ministério Público do Rio de Janeiro, 11 mai. 2016. Disponível em [http://www.mprj.mp.br/home/-/detalhe-noticia/visualizar/25707;jsessionid=CMDZIBIOP7Ltf-Avmjb6ks1.node3?p\\_p\\_state=maximized](http://www.mprj.mp.br/home/-/detalhe-noticia/visualizar/25707;jsessionid=CMDZIBIOP7Ltf-Avmjb6ks1.node3?p_p_state=maximized). Acesso em: jul. 2016.
- MONTEIRO, A. SP vai transferir mais de um milhão de alunos para dividir escolas por séries. Folha de São Paulo, 23 set. 2015. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/09/1685232-sp-vai-transferir-mais-de-1-milhao-de-alunos-para-dividir-escolas-por-series.shtml>. Acesso em: dez. 2016.
- MORTADA, S. De jovem a estudante: apontamentos críticos. Revista Psicologia & Sociedade, v. 3, n. 21, p. 373-382, 2009.
- MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, p. 13-17, 2013.
- NOTA de esclarecimento do Governo do Estado de SP. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria da Educação, 30 abr. 2016. Disponível em <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/nota-de-esclarecimento>. Acesso em: dez. 2016.
- NOVO Ensino Médio – dúvidas. Ministério da Educação. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem\\_duvidas15](http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem_duvidas15). Acesso em: jan. 2017.
- O’DONNELL, Julia. Narrativas (sub)urbanas: representações dos subúrbios na imprensa carioca. (1890-1930). Programa Nacional de apoio à Pesquisa. Fundação Biblioteca Nacional - Minc. 2012. Disponível em [https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/2012/julia\\_galli\\_odonnell\\_trab\\_revisado\\_0.pdf](https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/2012/julia_galli_odonnell_trab_revisado_0.pdf). Acesso: out. 2016

- OCUPA CAIRU. Perfil no Facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/OcupaCairu/?fref=ts>. Acesso em: abr. 2016
- OCUPAÇÃO nas escolas chega ao fim. O Dia Rio, 21 jun. 2016. Disponível em <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2016-06-21/ocupacao-nas-escolas-chega-ao-fim.html>. Acesso em: dez. 2016.
- ORICCHIO, L. Geraldinos. Estadão, Blog O Jogo do Zanin, 6 mai. 2016. Disponível em <http://esportes.estadao.com.br/blogs/o-jogo-de-zanin/geraldinos/>. Acesso em: jan. 2017.
- PASSEATA de estudantes é massacrada por repressão no Meier. Vídeo no Youtube, Canal Multidão Web, 15 jun. 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=SYhMJm2WdNI>. Acesso em: jan. 2017.
- PENSATA. Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP. v. 3, n. 2, ano 4, 2014. Disponível em <http://www2.unifesp.br/revistas/pensata/wp-content/uploads/2011/03/v3n2-3.pdf#page=8>. Acesso em: dez. 2016.
- PINTO, T. Rolezinhos e discriminação social. Brasil Escola. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/rolezinhos-discriminacao-social.htm>. Acesso em: dez. 2016.
- PIRES, Claudia. As reformas neoliberais na estrutura, na organização e no financiamento da educação superior do Chile e a deflagração do movimento estudantil em 2011. Revista Contraponto, v. 1, n. 3, p. 77-100, 2015. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/59931>. Acesso em: dez. 2016.
- POLÍCIA (Meier Presente) batem em estudantes. Vídeo no Youtube, Canal Ocupa Mendes, 19 jun. 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0icNmjgPhEg>. Acesso em: jan. 2017.
- POLICIAIS deram mais de 100 tiros em carros de jovens mortos no Rio. G1 Rio, 2 dez. 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/12/mais-de-100-tiros-foram-disparados-por-pms-envolvidos-em-mortes-no-rio.html>. Acesso em: dez. 2016.
- PRONZATO, C. A Revolta dos Pinguins. Documentário. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HpgD5B257zo>. Acesso em: dez. 2016.
- PRONZATO, C. Acabou a Paz, Isso aqui vai virar o Chile! Escolas ocupadas em SP. Documentário. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>. Acesso em: dez. 2016.
- QUASE 140 mil servidores aposentados ficarão sem salário no RJ. G1 Rio, 13 abr. 2016. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/quase-140-mil-aposentados-ficaram-sem-salario-no-rj.html>. Acesso em: nov. 2016.
- QUINTÃO, T. Os Media e a construção dos Caras-Pintadas. Revista Todavia, Ano 1, n. 1, p. 103-117, 2010. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35460/0>. Acesso em: dez.2016.
- RAYKAR com R no final. #OCUPACAIRU. Vídeo produzido sobre a ocupação do Cairu. Canal no YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8XgE2yXl4Io>. Acesso em: abr. 2016.
- RICCI, R. O Maior Fenômeno Sociológico do Brasil: a nova classe média. Escola de Governo. Disponível em <http://www.escoladegoverno.org.br/artigos/209-nova-classe-media>. Acesso em: nov. 2016.
- RIO, João do. A Alma Encantadora das Ruas. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão

- de Editoração, 1995. Disponível em [http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101365/alma\\_encant\\_ruas.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101365/alma_encant_ruas.pdf). Acesso em: fev. 2017
- ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, p. 7-12, 2013.
- ROSSI, M. Ocupação de 182 escolas em SP vira teste de resistência de Alckmin. El País Brasil, 28 nov. 2015. Disponível em [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448630770\\_932542.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448630770_932542.html). Acesso em: dez. 2016.
- SAKAMOTO, L. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, p. 95-100, 2013.
- SARTRE, J. Crítica de la razón dialéctica. Buenos Aires: Editora Losada, 1963.
- SECRETÁRIO de Educação do RJ é exonerado; Wagner Victor assume. G1 Rio, 16 mai. 2016. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/secretario-de-educacao-do-rj-e-exonerado-wagner-victor-assume.html>. Acesso em: nov. 2016.
- SETUR-RJ apoia plano de expansão e divulgação turística da Barra da Tijuca. Governo do Rio de Janeiro. Secretaria de Estado de Turismo, 3 set. 2014. Disponível em <http://www.rj.gov.br/web/setur/exibeconteudo?article-id=2178544>. Acesso em: nov. 2016
- SILVA, Jailson. As periferias roubam a cena cultural carioca. In: AGUSTINI, Gabriela; COSTA, Eliane (org). De baixo para cima. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.
- SILVIO, T. 'Tem que cortar a universidade', diz deputado a estudantes de Goiás; vídeo. G1 Goiás, 13 out. 2016. Disponível em <http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/10/tem-que-cortar-universidade-diz-deputado-estudantes-de-go-video.html>. Acesso em: jan. 2017.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, G. (org). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- SISTEMA de avaliação da educação do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.saerj.caedufjf.net/saerj/>. Acesso em: jul. 2016.
- SP inicia reorganização para ampliar escolas estaduais com ciclo único. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria da Educação, 23 set. 2015. Disponível em <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/sp-inicia-reorganizacao-para-ampliar-escolas-estaduais-com-ciclo-unico>. Acesso em: dez. 2016.
- SPOSITO, Marília. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 5, n. 1 e 2, p. 161-178, 1993.
- UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS (UBES). RJ: Colégio Visconde de Cairu é ocupado por estudantes contra precarização. 4 abr. 2016. Disponível em <http://ubes.org.br/2016/rj-colegio-visconde-de-cairu-e-ocupado-por-estudantes-contraprecarizacao/>. Acesso em: fev. 2017.
- UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS (UBES). Sessão Memória. Acesso em: dez. 2016
- UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES (UNE). Sessões Movimento Estudantil e Memória. Disponível em <http://www.une.org.br/memoria/>. Acesso em: dez. 2016

- VAINER, C. Quando a cidade vai às ruas. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, p. 35-40, 2013.
- VERBETE A Onda (filme). Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Onda\\_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Onda_(filme)). Acesso em: nov. 2016.
- VERBETE Fernando Holiday. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando\\_Holiday](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Holiday). Acesso em: jan. 2017.
- VERBETE Visconde de Cairu. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_da\\_Silva\\_Lisboa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_da_Silva_Lisboa). Acesso: out. 2016
- VERBETE Visconde de Cairu. Disponível em [https://www.ebiografia.com/visconde\\_cairu/](https://www.ebiografia.com/visconde_cairu/). Acesso: out. 2016
- VERBETE Zé Ketí. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Z%C3%A9\\_Keti](https://pt.wikipedia.org/wiki/Z%C3%A9_Keti). Acesso em: nov. 2016.
- WHITE, William F. Sociedade de Esquina [Street corner society]. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- XAVIER, Nilson. “Recorde de audiência de Cheias de Charme comprova: é a melhor novela das sete dos últimos anos.” Disponível em <http://nilsonxavier.blogosfera.uol.com.br/2012/06/26/recorde-de-audiencia-de-cheias-de-charme-comprova-e-a-melhor-novela-das-sete-dos-ultimos-anos/>. Acesso: out. 2016
- ZIBAS, Dagmar. “A Revolta dos Pinguins” e o novo pacto educacional chileno. In: Revista Brasileira de Educação, v.13, n.38, 2008. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782008000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000200002). Acesso em: dez. 2016.
- II ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Entrevista José Villarroel. Disponível em <https://ene2016.org/2016/06/28/exigimos-a-educacao-publica-que-nos-foi-tirada-diz-estudante-chileno/>. Acesso em: dez. 2016